



Universidade Federal do Pará
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares
Embrapa Amazônia Oriental
Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas
Doutorado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável

GENISSON PAES CHAVES

Visagens, mizuras, aparições: aspectos da ontologia ribeirinha na ilha Saracá,
município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará

BELÉM-PA
2024

GENISSON PAES CHAVES

Visagens, mizuras, aparições: aspectos da ontologia ribeirinha na ilha Saracá,
município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará e Embrapa Amazônia Oriental.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Barbosa Magalhães

BELÉM-PA
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**

**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

P126v Chaves, Genisson Paes.
Visagens, mizuras, aparições: aspectos da ontologia
ribeirinha na ilha Saracá, município de Limoeiro do Ajuru,
estado do Pará / Genisson Paes Chaves. — 2024.
152 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sônia Barbosa Magalhães
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Doutorado
em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável,
Belém, 2024.

1. Sistemas ontológicos. 2. Comunidades
ribeirinhas. 3. Amazônia. I. Título.

CDD 301

Genisson Paes Chaves

Visagens, mizuras, aparições: aspectos da ontologia ribeirinha na ilha Saracá,
município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Agriculturas Amazônicas, da Universidade Federal do Pará
– UFPA e Embrapa Amazônia Oriental, como pré-requisito
para obtenção do título de Doutor em Agriculturas
Familiars e Desenvolvimento Sustentável.

Data da aprovação. Belém – PA: 04/07/2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **SONIA MARIA SIMOES BARBOSA MAGALHAES S**
Data: 21/08/2024 15:20:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Sônia Barbosa Magalhães (Orientadora)
INEAF – Universidade Federal do Pará

Documento assinado digitalmente
 **DENISE MACHADO CARDOSO**
Data: 08/09/2024 21:10:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Denise Machado Cardoso
(Membro Titular - Examinadora Externa)
Universidade Federal do Pará



Prof. Dr. Thiago Mota Cardoso
(Membro Titular - Examinador Externo)
Universidade Federal do Amazonas

Documento assinado digitalmente
 **GUTEMBERG ARMANDO DINIZ GUERRA**
Data: 07/09/2024 06:43:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gutemberg Armando Diniz Guerra
(Membro Titular - Examinador Interno)
INEAF – Universidade Federal do Pará

Documento assinado digitalmente
 **NATALIA RIBAS GUERRERO**
Data: 03/09/2024 14:56:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Natalia Ribas Guerrero
(Membro Titular - Examinadora Interna)
INEAF – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Maurício Gonsalves Torres
(Membro Suplemente - Examinador Interno)
INEAF – Universidade Federal do Pará

Belém-PA
2024

Aparição

Chovia quando o vi passar,
 não sei o que era,
pensei que fosse homem,
 um conhecido da bola,
 do rio,
 mas não, num era,
 era coisa diferente,
dessas que causa arrepio
 e que testa a fé
 e a cabeça da gente.
Só sei que deixei os paneiros,
larguei os cacaús apanhados,
 sai correndo.
Cheguei em casa,
o coração fuçava igual porco.
Falei pra mãe o que vi.
Ela olhou pra mim e pras horas
e disse que aquele num é horário de gente tá dentro do mato.

Genisson Paes, Parauapebas, 21 de janeiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo por ter me dado a possibilidade de existir. À minha mãe Eliana Paes pela criação e incentivos. Aos meus irmãos Gil Wanderson Paes, Geovane Paes e Gillyane Paes. Aos meus avós Emílio Paes (*In memoriam*) e à minha querida avó Ana Maria, um ser que a vida me permitiu ser neto. Obrigado pelos carinhos e por fazer parte de mim. Aos meus padrinhos Nilson Paes (*In memoriam*) e Deusdeth Paes.

A toda equipe do Instituto de Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável da UFPA e Embrapa Amazônia Oriental. À minha orientadora Sônia Barbosa Magalhães. Aos professores Gutemberg Guerra, Maurício Gonsalves, Dídac Fita, Dalva da Motta, Lívia Navegantes. Às professora Rosa Marín do PPGA/UFPA e Luciana de Carvalho da UFOPA e do PPGSA/UFPA. Agradeço as aulas e aos incentivos recebidos. Aos professores Thiago Cardoso, Denise Cardoso e Natalia Guerrero, agradeço às contribuições recebidas durante o processo de defesa de tese. Agradeço a ajuda de custo fornecida para que eu pudesse realizar meus trabalhos de campo.

Aos meus colegas do DAFDS, turma de 2020: Anael Nascimento, Arthur Brito, Edileuza Pilletti, Hugo Gravina, Valdir da Cruz e Rafael Peniche. Sabemos o quão difícil foi esta aventura.

Não poderia deixar de registrar os interlocutores, coautores deste trabalho: Ana Maria, Eunice Cruz, Eliana Paes, Renata Cruz, Alandra Paes, Geovane Paes, Gillyane Paes, Leiliana Paes e outros, que direta e indiretamente, foram fundamentais à construção desta pesquisa.

À Secretaria de Educação de Parauapebas que permitiu minha licença para que eu pudesse realizar parte de meus estudos.

Resumo:

Os ribeirinhos da ilha Saracá, localizada no município de Limoeiro do Ajuru, no estado do Pará, acreditam que o mundo em que vivem é também habitado por seres não-humanos. Estes seres se descortinam quando querem e aparecem na forma que querem porque possuem vontades próprias. Nesta tese busco compreender as relações estabelecidas entre estes dois conjuntos de seres que habitam a mesma ilha, utilizam os mesmos rios, pisam no mesmo chão, nas mesmas folhas, enxergam as mesmas árvores e que vivem “vidas” que se entrelaçam. Fundamento minhas análises em um vasto material de pesquisa que revela a existência de seres não-humanos (GALVÃO, 1955; MAUÉS, 1990, FIGUEIREDO, 2009, VAZ FILHO e CARVALHO, 2013), presentes em diferentes contextos amazônicos e de outras partes do Brasil. O estudo foi construído seguindo os pressupostos metodológicos das ciências sociais, particularmente da antropologia, apoiando-se na autoetnografia e na etnografia. Nesse sentido, fiz entrevistas estruturadas, observações diretas e participantes, bem como o uso de registros fotográficos. Os dados sugerem que a ilha Saracá é a morada das visagens, das mizuras, das aparições e de outros seres. Assim como nós, eles fazem o que bem entendem. Alguns são maus, bons, outros não se sabe ao certo qual é sua índole, pois apenas aparecem sem dizer nada e assim como aparecem, desaparecem. Estas narrativas são importantes, na medida em que agenciam a vida das pessoas, isto é, moldam suas decisões, afetam o seu cotidiano. Por outro lado, são dotadas de significados simbólicos e morais, sugerindo a existência de um conjunto de seres ainda por explorar e revelando o acervo imaterial de uma comunidade tradicional amazônica que guarda similitudes com outras desta mesma região.

Palavras-chave: Sistemas ontológicos; comunidades ribeirinhas; Amazônia.

Abstract:

The riverside people of Saracá Island, located in the municipality of Limoeiro do Ajuru, in the state of Pará, believe that the world they live in is also inhabited by non-human beings. These beings reveal themselves when they want to and appear in any form they choose because they have their own wills. In this thesis, I seek to understand the relationships established between these two sets of beings that inhabit the same island, use the same rivers, walk on the same ground, on the same leaves, see the same trees, and live intertwined "lives". I base my analyses on a extensive amount of research material that reveals the existence of non-human beings (GALVÃO, 1955; MAUÉS, 1990; FIGUEIREDO, 2009; VAZ FILHO and CARVALHO, 2013), present in different Amazonian contexts and other parts of Brazil. The study was constructed following the methodological assumptions of the social sciences, particularly from anthropology, relying on autoethnography and ethnography. In this regard, I conducted structured interviews, direct and participant observations, as well as photographic records. The data suggest that Saracá Island is the abode of supernatural apparitions, mizuras, appearances, and other beings. Like us, they do as they please. Some are evil, some are good, and others' nature is unknown, as they simply appear without saying anything, and disappear just as they appeared. These narratives are important because their characters influence people's lives, shaping their decisions and affecting their daily routines. On the other hand, they are endowed with symbolic and moral meanings, suggesting the existence of a set of beings yet to be explored and revealing the intangible heritage of a traditional Amazonian community that shares similarities with others in the same region.

Keywords: Ontological Systems; Riverside Communities; Amazon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa de localização da ilha Saracá.....	30
Figura 02: Cacho de açaí.....	34
Figura 03: Aluna da Escola Vilma de Nazaré Mendes observando um borqueio.....	35
Figura 04: Pesca de borqueio no rio Gregório.....	36
Figura 05: Alunos e funcionários da Escola Vilma de Nazaré Mendes observando um borqueio.....	36
Figura 06: Alunos da Escola Vilma de Nazaré Mendes observando a pesca do borqueio.....	37
Figura 07: Desejo de boa sorte aos pescadores durante a abertura da pesca na ilha Saracá.....	38
Figura 08: Alunos da Escola Vilma de Nazaré Mendes posando para um ensaio de formatura do ABC.....	39
Figura 09: Animal transportado sobre a tolda de um barco.....	40
Figura 10: Embarcação entrando na ilha Saracá pelo rio Gregório.....	45
Figura 11: Embarcação entrando na ilha Saracá pelo rio Igarapé Grande.....	46
Figura 12: Moradias localizadas no rio Gregório.....	47
Figura 13: Ribeirinhos e suas moradias no rio Gregório.....	47
Figura 14: Rio Igarapé Grande.....	48
Figura 15: Pesca no rio Igarapé Grande.....	48
Figura 16: Cotidiano da ilha Saracá.....	50
Figura 17: Cotidiano da ilha Saracá.....	51
Figura 18: Dona Eunice me recebendo em sua casa.....	52
Figura 19: Minha avó comendo camarão com farinha sob a supervisão de Neguinha.....	52
Figura 20: Jirau com pia de plástico.....	55
Figura 21: Jirau com pia inox.....	55
Figura 22: Embarcação passado no rio Igarapé Grande.....	56
Figura 23: Comerciante oferecendo produtos.....	57
Figura 24: Ribeirinha estendendo roupas.....	58
Figura 25: Ribeirinha pelando mucuras.....	59

Figura 26: Mulheres cuidando de alimentos.....	60
Figura 27: Ana Maria lavando roupas.....	61
Figura 28: Ribeirinhos jogando baralho.....	62
Figura 29: Interior do antigo barracão comunitário.....	63
Figura 30: Fachada da nova igreja católica.....	64
Figura 31: Interior da nova igreja católica.....	64
Figura 32: Casco navegando em um furo.....	65
Figura 33: Mosaico de fotos do boto.....	95
Figura 34: O Cachorro Branco e o Pretinho.....	109
Figura 35: A mizura do barracão e a Pata Branca.....	110
Figura 36: Moedas caindo da cuia.....	111
Figura 37: Briga na embarcação.....	112
Figura 38: Hormino Vulcão vendo sua esposa com o seu filho.....	113
Figura 39: O boto.....	114
Figura 40: Meu irmão Geovane e seu filho Pietro sentados na rampa.....	115

GLOSSÁRIO

Aninga: fruta comumente encontrada nas regiões de várzea da região amazônica. É a fruta da aningueira ou aninga.

Bubuia: ficar boiando, ou seja, na superfície do rio.

Canço: vara feita da folha de açazeiro ou de uma pequena vara cuja finalidade é capturar peixe.

Cambada: amarração feita de cipó para transportar peixe.

Cuíra: sensação de que algo ruim está para acontecer.

Ponte: construção de madeira utilizada para conectar a casa ao rio. Também é conhecida por trapiche.

Mizura: visagem que se revela a partir de sons, gemidos, não aparecendo em sua forma física.

Paresque: o que parece, o se que acredita. Tem o mesmo sentido de disque.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. METODOLOGIA.....	16
2. INTERPRETAÇÕES SOCIAIS DO PASSADO, PROCESSOS DE OCUPAÇÃO E SITUAÇÃO ATUAL DA ILHA SARACÁ.....	22
2.1. O QUE VEJO DA JANELA: A ILHA SARACÁ DE HOJE.....	27
2.2. CONSTRUÇÕES DO PASSADO: A ILHA SARACÁ DE ANTES.....	68
3. “A ILHA ENCANTADA”: ASPECTOS DA ONTOLOGIA RIBEIRINHA NA ILHA SARACÁ.....	80
4. OS SISTEMAS ONTOLÓGICOS DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	116
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICES.....	140

1. INTRODUÇÃO

Os pescadores ribeirinhos¹ da ilha Saracá, localizada no município de Limoeiro do Ajuru, no estado do Pará, acreditam que o mundo em que vivem é também habitado por seres humanos de outras corporeidades. Narrativas que ilustram o “encontro” com o boto, a cobra grande, a matintaperera, o/a curupira e tantos outros seres que povoam sistemas ontológicos variados são bastantes difundidas entre comunidades tradicionais/ribeirinhas da Amazônia.

Relatos identificados e analisados em diferentes comunidades tradicionais, evidenciam situações em que uma ou mais pessoas ficou/ficaram cara a cara com o boto, o/a curupira, a cobra grande, a mãe do mato... Eu, por exemplo, sou uma dessas pessoas, pois já estive “cara a cara” com uma mizura e com um vulto que eu não sei dizer exatamente o que era, mas que para mim foi real, pois senti o corpo se arrepiar e ser tomado pelo medo diante do que meus sentidos não conseguiram imediatamente nomear.

Meu irmão já viu um boto, já olhou em seus olhos e sentiu o medo percorrer o corpo. Já escutou paus e galhos se partirem, “sozinhos”, mas não conseguiu ver o que ou quem causava o terrível estrondo. Meu avô, certa noite, reclamou do barulho que vinha da cabeça da ponte. Então pegou o terçado e foi, lá pelas tantas da noite, espantar os botos que faziam “a maior algazarra”. Era porque ali havia um banco e os botos gostavam de se sentar e socializar com os seus pares.

Esse tipo de narrativa é difundido em grande parte do Brasil (CASCUDO, 2001). No audiovisual, temos o clássico filme “Ele, o boto, de 1987, dirigido por Walter Lima Jr. E mais recentemente, com a série Cidade Invisível (2021, 2023),

¹ De acordo com Lopes (2006, p. 45), ribeirinho: “Caracteriza um segmento social que interage com as águas (rio/igarapé) e seus recursos cotidianamente, de forma combinada com os recursos da floresta (várzea), dispondo de conhecimento e representações específicos relacionados ao ambiente em que vivem. Ou seja, não é apenas o fato de morar na beira do rio que caracteriza essas pessoas enquanto *ribeirinho*. É também um jeito de pensar e agir de um determinado segmento social”. Para Magalhães (2017, p. 29): “Ribeirinho é uma categoria genérica, sujeito de direitos, que recobre uma gama de denominações concretas de existência camponesa no Brasil, e na Amazônia em particular. Apresenta em comum características sociológicas especiais resultantes da relação que mantêm com a natureza, marcadamente o rio e fartamente documentadas na literatura socioantropológica tanto quanto em romances, poesias e contos. Fala-se, em razão da especificidade aludida, em um modo de vida ribeirinho”.

produzida pela plataforma de *Streaming Netflix*, alguns desses personagens, bem como novos, ganharam o mundo.

Seja justificando a origem de um filho ou filha, como no caso do boto; contando uma história para as crianças dormirem e não deixarem as “lendas” morrerem; ou evocando algum ser encantado que protege o lago, a floresta, essas narrativas são importantes, na medida em que agenciam a vida das pessoas, isto é, interferem em suas decisões e nas atividades do cotidiano. Revelam maneiras de interpretar o mundo não tão dicotômicas como as ocidentalizadas. São dotadas de significados simbólicos e morais, sugerindo experiências ainda por explorar, bem como notabilizam o acervo imaterial de diversas comunidades tradicionais da Amazônia.

Embora envoltas por particularidades de cada cultura, muitas dessas narrativas são universais, na medida em que são encontradas em muitas sociedades humanas. Conforme Lévi-Strauss (1978) há elementos que se repetem nas mais diferentes sociedades, apesar de aparentarem distantes ou diferentes entre si, guardam similaridades. Muitas sugerem ensinamentos, a existência de problemas ou a proximidade de tempos difíceis. Nesse sentido, caminhos ou possíveis soluções são apontados diante das intempéries.

Na antropologia essas narrativas compõem o arcabouço do que comumente é chamado de cosmologia/cosmovisão e/ou de ontologia². Cada termo carrega o seu recorte teórico/político, mas todos tentam abarcar as relações construídas entre seres humanos e humanos de outras corporeidades. Visando compreender essas diversas experiências, identificadas e analisadas nas mais diferentes sociedades humanas, Phillipe Descola (2015), elaborou quatro tipos de ontologias, a saber: animismo, totemismo, naturalismo e analogismo. Essas ontologias são modelos explicativos que tentam, a sua maneira, compreender as diversas especificidades, contidas nos múltiplos olhares existentes nos mais diferentes contextos sociais.

De acordo com Maués (2012, p. 50):

² Conforme o dicionário Michaelis (2024), de língua portuguesa, a palavra “ontologia” tem os seguintes significados: “1. Teoria ou ramo da filosofia cujo objeto é o estudo dos seres em geral, o estudo das propriedades mais gerais e comum a todos os seres; metafísica ontológica. 2. Estudo ou conhecimento dos seres e dos objetos enquanto eles mesmos, em oposição ao estudo de suas aparências e atributos. 3. Doutrina do século XIX segundo a qual o ser da enfermidade tem existência própria e bem definida. 4. Atividade de estabelecer as relações entre conceitos de sistemas diferentes”.

Evidentemente que essa cosmologia construída pelas populações rurais da Amazônia (e pelos migrantes que para ela vêm, de várias partes do Brasil, mas em grande medida do Nordeste) não corresponde inteiramente (e nem poderia ser de outra forma) com a dos índios de origem tupi (nem de qualquer outra origem) na Amazônia. Há variações em torno de temas comuns mesmo na Amazônia, em diferentes áreas dessa enorme região, bem como dentro da mesma área.

Trabalhos como os de Galvão (1955), Wagley (1957), Maués (1990, 2008, 2012), Moraes (2007), Figueiredo (2009), Campera (2017), Vaz Filho e Carvalho (2013, 2023) e de tantos outros autores, tentam se aproximar do universo do qual esses seres fazem parte. Mas que seres são esses? Por que se repetem em tantos lugares? Que significados carregam consigo? O que podem ensinar? Se é que isso seja possível! E por que se revelam a nós, seres humanos, em determinados momentos e para pessoas específicas? E o que querem de nós? Afinal, eles se apresentam com o intuito de atingir algum objetivo?

Partindo do pressuposto de que “As pessoas gostam e desejam ouvir e contar histórias, porque estas refletem a sua visão de mundo e ao mesmo tempo reforçam a memória local e os seus laços de pertença a um território e a uma comunidade” (VAZ FILHO, 2013, p. 12), na ilha Saracá, há diversas narrativas que ilustram a manifestação de seres humanos de diferentes corporeidades. No entanto, se faz interessante frisar o fato de que “Sem uma correta compreensão do contexto e das simbologias do mundo amazônico e do que estes relatos orais, estas histórias escritas correm o risco de não serem entendidas naquilo que elas queriam dizer” (VAZ FILHO, 2013, p. 15).

Baseando-me na noção de que há um “mundo invisível”, mas alcançável por diferentes sentidos (GALVÃO, 1955; FIGUEIREDO, 2009), constituído por seres que ultrapassam nossa racionalidade e que muitas vezes se revelam em determinadas situações e para pessoas específicas, faço a seguinte pergunta de pesquisa:

- Quais são os seres humanos de diferentes corporeidades e como eles se estruturam, conforme a compreensão da comunidade tradicional ribeirinha de pescadores na ilha Saracá, município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará?

Nesse sentido, e de maneira geral, objetivo compreender como esse mundo “invisível” que se edifica, está e se faz presente no cotidiano dos ribeirinhos da ilha Saracá, município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará.

De maneira específica, objetivo:

- a) Identificar e analisar as experiências concretas entre seres humanos e esses “outros humanos;
- b) Compreender em quais circunstâncias as experiências são narradas ou evocadas;
- Compreender o que são, como são, como aparecem, onde e por que esses seres aparecem;
- c) Compreender a classificação dos seres, seus possíveis ensinamentos e impactos no cotidiano prático dos ribeirinhos da ilha Saracá.

Esta tese está estruturada da seguinte maneira: começa por esta breve introdução, onde apresento a pergunta de pesquisa, o objetivo geral, os específicos e a metodologia utilizada; no segundo capítulo falo da realidade atual da ilha para posteriormente destacar suas construções do passado; no terceiro capítulo apresento os aspectos da ontologia ribeirinha presente na ilha Saracá; no quarto capítulo apresento, de maneira breve, os sistemas ontológicos de povos e comunidades tradicionais; por último evidencio as conclusões finais, as referências incorporadas ao longo deste trabalho e um apêndice com as narrativas que tive acesso.

1.1. Metodologia

Ao parar para traçar o percurso metodológico aqui adotado, vejo-me regressando à ilha Saracá. Neste exercício mental eu embarco em um dos barcos que saía da cidade de Cametá, minha terra natal, em direção a esta ilha. Naquela época, isto é, nos anos noventa do século passado, os barcos eram mais lentos, não eram como os de hoje que fazem o percurso Cametá-Saracá-Cametá em torno de uma hora. Ao pôr os chinelos na ilha, ficava quase sempre no rio Gregório, na casa do tio Humpheres, até que alguém me levasse para o outro lado da ilha, a chamada Costa, onde fica o rio Igarapé Grande, lar de meus avós maternos.

Lá eu ficava (e ainda fico) na casa de meus avós. Quando eu chegava, após colocar o papo em dia, falar sobre as novidades da cidade e dos parentes que ali ficaram, ia apanhar açaí para o “bebe”, ou seja, para o próprio consumo, pescar com caniço, ajudar alguém a lançar alguma malhadeira no rio/igarapé ou despescar os peixes do cacuri ou os camarões do matapi, seja retirando-os da

armadilha ou pegando-os com o paneiro, nas margens dos igarapés que forjam os contornos daquela porção de terra cercada pelo Tocantins.

Quantas vezes não me sentei à cabeça da ponte para roer açaí e ficar vendo quem passava pelo rio. Também já não me recordo das vezes em que subi no mangue, na seringueira ou em alguma mangueira e vi meu corpo ser abraçado pelas águas do rio. Ali eu ficava boiando, de “bubuia”, no espelho d’água, feito fruto de aninga, até os olhos arderem e a fome reclamar dentro de minha barriga. Foi na ilha Saracá que eu aprendi a nadar e a ver o mundo de maneira diferente.

Nunca pensei que escreveria algo sobre esta ilha, apesar de sentir um profundo desejo por trazê-la para o universo do papel e do computador. Hoje tenho um TCC sobre o rio Igarapé Grande, defendido no ano de 2013, e alguns artigos publicados em periódicos e anais de eventos, ver por exemplos: Chaves e Furtado (2017), Chaves, Cardoso e Furtado (2017), Chaves, Furtado e Cardoso (2012). Também tenho dois romances. O primeiro é intitulado “Jambo Rosa”, publicado em 2022, contém forte inspiração em minhas experiências na ilha Saracá. O segundo se chama “Dois Urubus”, foi publicado em 2023, e apesar de se passar em Belém do Pará, é permeado por ligações afetivas com o modo de viver ribeirinho, particularmente o percebido na ilha Saracá. Ambos foram publicados pela Editora Folheando.

Na especialização em Extensão rural, sistemas agrários e ações de desenvolvimento da UFPA e no mestrado em Agriculturas Amazônicas, também da UFPA e Embrapa Amazônia Oriental, o barco da vida me afastou da ilha Saracá. Fui levado a estudar os impactos dos agrotóxicos utilizados por sociedades camponesas integradas ao monocultivo de dendezeiro. E hoje o barco atraca novamente no mesmo porto, nas mesmas escadas em que minha avó se apoia para tomar banho e lavar seus cabelos carregados de memórias.

Desde já afirmo que parto de um porto que me é familiar. Por isso tento, como diz Velho (1987), ter uma postura de desconfiança em relação a esta ilha e a tudo que ela me representa. Não quero transformar o familiar em exótico (DA MATTA, 1978), mesmo porque eu não conseguiria, pois não consigo me afastar de mim mesmo, ou seja, exorcizar o pouco que julgo conhecer da ilha. Sei que “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós”

(SARAMAGO, 1998), mas como deixar de lado algo entranhado na pele e que constitui minha identidade?

Como será descrito a seguir, neste trabalho faço uso da autoetnografia e da etnografia. Inicialmente baseio-me no que vi, aprendi e vivi na ilha Saracá. Muitas das histórias aqui descritas a mim me foram compartilhadas por meus avós, pela minha mãe e outros parentes. Por isso, combino, em minhas análises estas duas maneiras de apreender a realidade que, embora sejam faces da mesma moeda, na medida em que a autoetnografia derivou dos estudos etnográficos, guardam particularidades que metodologicamente as diferenciam.

De acordo com Santos (2017, p. 219):

(...) o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e história de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.).

Nos últimos anos a autoetnografia tem sido utilizada por diversos pesquisadores nas mais diferentes regiões do globo. Essas pesquisas geralmente partem das experiências dos próprios pesquisadores que tomam como locus de investigação o contexto no qual estão inseridos, isto é, a própria sociedade, grupo, família etc. É o caso, por exemplo, de Gonçalves (2018), que estudou o território e as relações de parentesco presentes na vila Braba, localizada no município de Cametá (PA); de Borges (2013), que realizou uma autoetnografia sobre os fluxos de comercialização, circulação de açaí em um bairro da periferia de Belém (Pará); e de Maria Pereira (2024), que estudou os impactos provocados por grandes projetos no modo de viver dos ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba, estado do Pará. Em ambas as pesquisas, as experiências dos autores foram utilizadas sobremaneira.

Com base na metodologia descrita, na autoetnografia “o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços” (SANTOS, 2017, p. 219). Estudar um tema que me é familiar, de certa forma facilita o caminho, isto é, por onde devo ir? Como devo ir? Contribui com a minha aproximação para com os

interlocutores, na medida em que há temas sensíveis e de pouca abertura às pessoas desconhecidas. Afinal, não se conversa sobre tudo com qualquer um. O entendimento de que “faço parte da ilha”, pois sou filho da Eliana e neto do “tio” Milico e da “tia” Ana, faz com que eu transite por muitos lugares sem muitas dificuldades. Por outro lado, pesa a responsabilidade dos efeitos do que eu escrevo/como escrevo, ou seja, que impacto tudo isso causará na ilha em questão e, por conseguinte, em seus moradores?

É como nativo/etnógrafo que lancei meu olhar para a ilha Saracá, acreditando que o,

(...) destemor em explorar o mundo em que vivemos, o colocar-se em perspectiva, a negação de demarcação de fronteiras intelectuais, a disposição a nos expor ao imponderável e a vulnerar nossa própria cosmologia – essas são posturas que estiveram sempre presentes, ontem e hoje. Elas tanto enriquecem a antropologia quanto permitem vislumbrar um futuro sempre criativo. (PEIRANO, 2014 p. 382)

É por isso que me abracei à etnografia, pois acredito que seguir os ensinamentos clássicos de Malinowski (1976), Geertz (1973) e de autores mais recentes, como Oliveira (1998) e Peirano (2014), conseguirei alcançar a leitura de mundo que os ribeirinhos da ilha Saracá têm sobre sua ilha e o universo ontológico que lhes pertence.

Nesse sentido, tento reconstruir as origens da ilha, por meio das memórias que me são compartilhadas, especialmente pelo olhar de minha avó, mãe de minha mãe e de outros 12 filhos. Inicialmente optei por conversar com os mais antigos moradores do rio Igarapé Grande e posteriormente com outras pessoas. Aqui entraram tios, primos e conhecidos próximos.

Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir de entrevistas, auxiliadas pelo uso do gravador do celular. As entrevistas não seguiram perguntas fechadas, mas um roteiro previamente elaborado que foi se moldando conforme o percurso das conversas.

Como dito, esta pesquisa é construída a partir da realização da etnografia.

E,

(...) como todos sabemos, a etnografia é a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (PEIRANO, 2014, p. 380)

Portanto, a etnografia está relacionada a uma espécie de faro, o chamado “instinto etnográfico”, como ressalta Peirano, pois “Tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas), e a nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria” (PEIRANO, 2014, p. 378). E:

Quando se fala de etnografia é preciso que esteja subentendido, concomitantemente, o método e seu conjunto de técnicas, o processo feito durante a investigação e o produto final. No método está a vivencialidade capturada por técnicas tais como diário de campo, observação participante, fotografias, filmagens, entrevistas que são as técnicas mais conhecidas do fazer etnográfico. Mas ao lado delas, outras técnicas têm sido acrescentadas, como o grupo focal, desenhos infantis e as visitas domiciliares, por exemplo. (SILVA, 2018, p. 205)

Mas a etnografia não se resume a um mero método, pois “toda etnografia é também teoria” (PEIRANO, 2014, p. 383), na medida em que “a etnografia abala nossos estilos de vida e nossas ideias de existência; abala nossa crença moderna na referencialidade dos sentidos e impõe uma reflexão sobre a multiplicidade de modos de vida” (PEIRANO, 2014, p. 385).

No passado, os antropólogos se dirigiam a ilhas distantes e “exóticas”, passando, anos na busca de compreender as especificidades dos grupos estudados. É o caso de Malinowski (1976) entre os trobriandeses e de tantos outros antropólogos que dedicaram suas vidas no intuito de compreender os “outros” e, por conseguinte, suas respectivas sociedades. Por mais que a ilha Saracá não seja isolada, exótica ou distante do chamado continente, não deixa de possuir contrastes com a região circunvizinha, já que é considerada por muitos como uma ilha bonita e farta.

Partindo do pressuposto de que “nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos” (PEIRANO, 2014, p. 379), reitero o fato de que fiz uso da autoetnografia, ou seja, de uma etnografia mais íntima, diretamente voltada ao grupo no qual tenho fortes relações de parentesco e de amizade, na medida em que já morei na ilha Saracá durante parte da minha infância e hoje continuo a visitá-la durante os meses de janeiro e de julho de praticamente todos os anos, desde então. Além do mais, tenho diversos familiares que há décadas ali vivem. É por isso que parte dos dados aqui apresentados foram obtidos na rede, ao lado de minha avó. Enquanto a rede

balançava, as memórias atravessavam o rio e invadiam a casa. Em outros momentos foi durante o café da manhã ou na boca da noite, antes de dormirmos.

Dessa maneira, fiz uso de entrevistas semiestruturadas, auxiliadas com o gravador de celular, desde que sua presença fosse autorizada; fotografias da ilha e observações diretas e participantes, junto de sujeitos-chave, na tentativa de alcançar o cerne ontológico da sociedade que aqui busquei compreender.

Conforme Bittencourt (1994, p. 227):

A imagem fotográfica mantém uma relação metonímica com o real e, neste sentido, retém informações sobre fatos, motivações do fotógrafo, instigando uma visão exploradora do espectador. Nesse processo, a fotografia é capaz de congelar a imagem em um pedaço de papel que sobrevive à passagem do tempo, ao invés de se subjugar à tirania do tempo.

A autora ainda ressalta que:

O uso de fotografias na etnografia juntamente com o texto escrito é um meio valioso para representar a vida cotidiana. Fotografias representam o cenário no qual as atividades diárias, atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos. O uso sistemático de imagens proporciona um registro e um inventário do fenômeno social. (BITTENCOURT, 1994, p. 231)

Portanto, parti do enorme esforço feito por Galvão (1955) e Wagley (1957), dois importantes antropólogos que, em seus estudos, enfatizaram a chamada “religião do caboco amazônico”, e mais recentemente de Maués (2012, 2008, 1990), que, ao longo dos anos, construiu significativas reflexões antropológicas acerca do aspecto religioso de povos não indígenas, especialmente pescadores do nordeste paraense. Esta tese segue os caminhos trilhados por esses pioneiros, assim como outros autores que não mediram esforços nas tentativas de se aproximar dos aspectos ontológicos de diferentes sociedades.

Tentei, na medida do possível, conservar o jeito de falar das pessoas. No estado do Pará as pessoas falam de maneiras diferentes e cada palavra/contexto ocupa um lugar singular nesse mapa da diversidade amazônica. Por último, confesso o quão difícil foi identificar e analisar as narrativas a mim apresentadas. Em muitos momentos eu fiquei bastante perdido na tentativa de compreender quem eram ou o que eram os seres aqui enunciados. Esta é uma tentativa de compreender um conjunto de seres que ultrapassam nossas certezas, mas que são reais assim como nossa própria existência.

2. INTERPRETAÇÕES SOCIAIS DO PASSADO, PROCESSOS DE OCUPAÇÃO E SITUAÇÃO ATUAL DA ILHA SARACÁ.

No passado, a Amazônia povoou, de maneira ímpar, o imaginário social do colonizador. Como diz Neide Gondim (2007), a região foi por ele inventada e imaginada como o lugar de criaturas monstruosas, plantas gigantes, pessoas estranhas e de práticas no mínimo duvidosas. Com o decorrer dos anos, essa espécie de encanto/aversão, deu lugar às relações conflituosas que contribuíram, direta e indiretamente, para o extermínio de diferentes grupos étnicos (CUNHA, 2012), soterrando culturas e diferentes ontologias de apreender o mundo.

Muitos foram os exploradores, naturalistas e viajantes estrangeiros que chegaram ao Brasil, particularmente para a Amazônia, especialmente no século XIX, objetivando:

(...) mapear o território, identificar as espécies animais e vegetais, registrar os modos de vida dos povos indígenas e suas técnicas de plantar, caçar, pescar, de produzir objetos e formas de uso do solo, além de coletar objetos referentes aos povos indígenas e amostras da fauna e da flora amazônica.

As expedições realizadas pelos viajantes, em sua maioria, foram financiadas pelo Estado, pelas elites nacionais e/ou por instituições científicas brasileiras, europeias ou norte-americanas. Os líderes dessas missões possuíam formações distintas e ficaram conhecidos como naturalistas. Seus relatos de viagens, que contavam suas experiências nas zonas de contato, foram difundidos por meio de publicações de livros e diários de viagens na Europa e Estados Unidos. (COELHO, BENCHIMOL e MIRANDA, 2019, p. 246)

Dentre esses diversos naturalistas, o Pará recebeu a presença de Henri Coudreau, geógrafo francês que, entre 1895 e 1899, realizou diversas expedições pelo estado do Pará a serviço do governo do próprio estado. Conforme Coelho, Benchimol e Miranda (2019, p. 251):

A descrição da paisagem amazônica, das riquezas naturais e das populações das regiões visitadas, sobretudo as ocupadas por povos indígenas, é algo comum nos objetivos das expedições de Coudreau e nas obras publicadas do autor, como Viagem ao Tapajós e Xingú. Essas descrições são documentos sobre esses povos e sua cultura nos fins do século XIX e sobre a visão de viajantes, tal como o geógrafo francês, sobre as populações indígenas da Amazônia no referido período.

Outro autor que merece destaque foi o médico Julio Paternostro, na medida em que trouxe importantes contribuições não somente acerca da questão da saúde e das doenças que acometiam as populações ribeirinhas do rio Tocantins.

Em *Viagem ao Tocantins*, o médico destaca a organização social, a forma de distribuir as casas, bem como as atividades realizadas na época:

De Igarapé-Mirim a Cametá divisavam-se pontas de cânaviais que se insinuavam pelos igapós a dentro. Nesse percurso contei 2 "serrarias", como são chamadas as clareiras onde meia-dúzia de homens, com serras de mão, acertam as toras suspensas em girus. Como única indústria existiam "usinas" de aguardente (álcool a 22°). A produção dessas engenhocas pomposamente denominadas "usinas" é de 1.000 frascos por mês. (...). Víamos gente pescando nas margens e muitas vezes o gaiola reduzia a marcha para o cozinheiro perguntar aos berros se queriam vender peixe. Usam vários dispositivos para a pesca: - *pindá*, vara longa com anzol que traz uma pena vermelha, a qual serve de isca ao tucunaré; *gamboa*, cerca de talos de jupati, marajá ou frecheira correspondente ao pari dos rios do Sul; *matapí*, *gamboa* afunilada para pescar camarões; *gapuias*, usadas na vazante, são poços nos igapós, que se esvaziam com cuias para então se recolherem os mariscos. Neste trecho, sulcam constantemente a água os seguintes tipos de embarcação: - *casco*, canoa feita de acapú, itaúba, louro, iquiá, pau amarelo, Sapucaia e tocada a remo de mão por um ou dois tripulantes. Remo de mão chamam a uma haste de um metro, terminada em pá redonda, que se manobra ora dum lado, ora doutro da embarcação. Geralmente é feito de sapopema, madeira que também chamam de "pau de remo... *Montaria*, canoa esguia e veloz, feita de louro ou pau amarelo e para um tripulante com remo de mão. *Batelão*: canoa maior, que transporta a cana para as "usinas" e em que vai toda a família do pequeno lavrador - a mulher e duas ou três crianças ajudam a remar com os remos de "faia". (PATERNOSTRO, 1945, p. 69-70)

Conforme Oliveira e Silva (2021, p. 161):

O olhar de Paternostro sobre a região visitada é mais do que de um médico, ele se mostra como crítico social, com observações antropológicas relativamente às populações indígenas. As doenças (sífilis e outras enfermidades venéreas, malária e enfermidades oftalmológicas), práticas de cura e a relação perniciosa com a população sertaneja circunvizinha, são pontuadas.

Portanto, não há como falar da Amazônia sem levar em consideração suas múltiplas faces, sua diversidade sociocultural, vegetal e animal. Para muitos grupos sociais presentes na região, água, terra e floresta são elementos que fundamentam modos de vida específicos e que marcam, em seus aspectos sociais e simbólicos, relações de intensa aproximação com os elementos da natureza (WITKOSKI, 2010).

De acordo com a antropóloga Lourdes Furtado (2008, p. 57), a Amazônia é:

(...) composta por diversas áreas ambientais permeadas por processos sociais que marcaram (e ainda marcam) a vida das populações locais, atribuindo-lhes aspectos dinâmicos dentro da totalidade inclusiva. A fronteira, em movimento que lhe é característica, abriga e acolhe uma população pluriétnica sujeita às transformações. Essas transformações

lhes impõem *desconstruções* socioculturais e desestruturação de sistemas institucionais tradicionais.

A visão acima é reiterada por Albuquerque *et. al.* (2016) quando destacam a complexidade e a acentuada diversidade de grupos humanos, carregados por experiências históricas e ambientais das mais diversas. Mas que povos são esses que se reproduzem, social e simbolicamente, nessa parte do Brasil? De acordo com Albuquerque *et. al.* (2016, p. 25-26):

(...) os sujeitos amazônidas são homens e mulheres ribeirinhos, quilombolas, indígenas, mestiços, camponeses, assentados que, em sua maioria, vivem em situações de pobreza e exclusão social e cognitiva. Aos diferenciados ambientes em que habitam – litoral, várzeas, mangues, restingas, florestas ou zonas urbanas – correspondem formas diferenciadas de interação com a natureza, de sobrevivência, costumes, crenças, imaginários, linguagens que configuram um corpus de saberes da experiência construídos nas práticas sociais e relações intersubjetivas.

São Amazônias, no plural, pois a região não é uniforme (GONÇALVES, 2001; ALMEIDA, 2010), tampouco acompanha os mesmos fluxos, tempos e/ou vivencia os mesmos problemas. De grandes cidades, como Belém e Manaus, às pequeninas vilas de beira de estrada e de rio, como São Vicente em Moju (PA) e a vila do Carmo, em Cametá (PA), a Amazônia é o lugar de intensos contrastes, local de encontro e de desencontros das mais diferentes culturas que compõem um fragmento do mapa da sociobiodiversidade existente no Brasil.

Para muitos amazônidas:

Às águas, como a terra, representam vida e, por isso, exercem um papel preponderante na reprodução social tanto de grupos indígenas quanto rurais que habitam desde as mais ermas cercanias dos rios, lagos e igarapés às praias do litoral amazônico. Delas fluem imemorialmente os diversificados recursos, sobretudo os da pesca, que o homem lança mão para sua sobrevivência, ascensão social e, ao mesmo tempo, para abastecer centros populacionais com os quais está em contato. Abrigam valores que, extrapolando o plano puramente material, são responsáveis pela explicação de comportamentos culturais, particularmente entre grupos indígenas cujo universo cosmológico é permeado pelas relações do nativo com o meio ambiente. (FURTADO, 1990, p. 3)

Na Amazônia a cultura de muitos povos é marcada por profundas relações com a natureza (LOUREIRO, 2015). Não há, portanto, separação ou quaisquer rupturas entre natureza e cultura. Há, antes de tudo, continuidades, uma espécie de bricolagem que aflora nas relações tecidas com o rio, a mata e com os seres, naturais e sobrenaturais, que transitam no mundo físico e mítico.

Na Amazônia estão presentes diversos povos e comunidades tradicionais. Segundo Toledo (2001, p. 9) os denominados “povos e comunidades tradicionais geralmente vivem da apropriação de uma diversidade de recursos biológicos da área em que vivem”. Em “escala global estima-se que o total da área ocupada por povos e comunidades tradicionais provavelmente chegue de 12 a 20% da superfície do planeta” (TOLEDO, 2001, p. 6). “As famílias tendem a realizar uma produção não-especializada baseada no princípio da diversidade de recursos e práticas” (TOLEDO, 2001, p. 10). Os povos e comunidades tradicionais “são responsáveis por 80 a 90% da diversidade cultural mundial” (TOLEDO, 2001, p. 3). Mesmo assim, “são considerados pobres ou tratados como seres invisíveis” (TOLEDO, 2001, p. 1).

A ontologia é, portanto, um fator que merece destaque, na medida em que interfere nas decisões dos povos e comunidades tradicionais, figurando como agência, ou seja, “como mecanismo de regulação do uso e do manejo dos recursos naturais” (TOLEDO, 2001, p. 8), o que na prática permite com que os recursos da natureza não sejam utilizados de maneira predatório, como ocorre nas sociedades capitalistas.

Ao se falar em ontologias:

Não estamos tratando de religião, e sim de tecnologias e de ciências, argumentando que ontologias estão em toda parte. Falamos do ato de pescar, remetendo assim ao domínio pragmático das técnicas. A atividade do pescador consiste em reconhecer indícios – a água calma que é perturbada por uma trilha quase imperceptível na superfície, a presença de paus que indicam uma tronqueira subterrânea – e em usar técnicas e instrumentos, como canoa, tarrafa, arpão, um corpo que mergulha sob paus nas águas barrentas. Já que não basta que haja peixes pressupostos – é preciso, com efeito, apanhá-los –, cada ato de captura passa agora a operar como uma corroboração pragmática da ontologia. (ALMEIDA, 2013, p. 13)

Essas multiplicidades de ontologias resultam dos mais diferentes elementos, sejam eles materiais e imateriais. Mauro Almeida, traz o exemplo do/da caipora, entidade presente em diferentes contextos amazônicos. Nesse sentido:

Assim, sabe-se que o Caipora existe porque alguns caçadores já viram, e outros veem coisas na mata que são indícios de que ele existe. O que são essas coisas? Relatos muito comuns narram eventos em que caçadores experientes perdem-se na floresta, e voltam para casa depois de horas, com o corpo e as roupas rasgados por espinhos, com marcas de açoite, tomados de medo – o assombro. Cães de caça sofrem a mesma experiência – mesmo os mais corajosos voltam da mata ganindo, marcados por surra, tomados de pavor. Há clareiras naturais na floresta que são inexplicáveis. Todo sesses eventos, que

são situações de medo, de susto, e de respeito, são evidências da presença de Caipora. (ALMEIDA, 2013, p. 16)

Evans-Pritchard ([1937] 2005), ao estudar a sociedade Azande, povo localizado na África central, não podia desacreditar na magia, pois caso negasse sua existência, não conseguiria compreender as especificidades que moldam a estrutura social da sociedade na qual estava imerso. É assim também com o/a caipora e com tantos outros seres que estão entranhados no modo de viver de diversas sociedades amazônicas. Sabe-se que o/a caipora existe porque há indícios deixados na floresta. Esses elementos são suficientes para comprovar a sua existência.

Muitos desses povos da Amazônia habitam ilhas³, as chamadas regiões das ilhas ou regiões insulares. Nos municípios paraenses de Cametá e de Limoeiro do Ajuru, por exemplos, as ilhas são denominadas, por quem mora na cidade, de “sítios”, em contraste com os “centros”, que são áreas rurais localizadas em terra firme. A palavra ilha é carregada de múltiplos sentidos. Conforme Diegues (1997, p. 3):

No Brasil, assim como em outras partes do mundo moderno, as imagens das ilhas tropicais invadiram os meios de comunicação sendo vistas como últimos redutos do mundo selvagem, lugares paradisíacos para novas descobertas, aventuras e lazer tranquilo, configurando-se como um dos símbolos mais claros do exotismo.

No campo da ciência pode ser compreendida como “ilhas de natureza”, muitas vezes associada à conservação ou algum santuário biológico (GADELHA, 2012). No cinema e na literatura a ilha é muitas vezes associada ao isolamento e a possíveis perigos que pairam sobre seus personagens que, no geral, tendem a ter um final trágico ou de grande carga dramática. É o caso da “Ilha do medo” (2010), do emblemático “Náufrago” (2000), do romântico “A lagoa azul” (1980) e de tantos outros filmes e séries. Segundo Diegues (1997, p. 4):

Em nosso País, a ideia de ilha-refúgio ou ilha-paraíso conviveu, por longo tempo, com a ilha-inferno, onde foram instaladas, pelo Estado, prisões para detentos considerados de alta periculosidade, como a Ilha Anchieta (SP) e a Ilha Grande (RJ). Para esta última foram levados

³ “A ilha, além das representações simbólicas que delas fazem os continentais, é também uma porção do território onde os ilhéus exercem práticas sociais e simbólicas e, portanto, é sempre um território particular, construído. Dentro dessa perspectiva, a ilha não é somente um espaço sagrado, ligado nas várias mitologias ao início dos tempos (de que se ocupa a análise jungiana), mas também é um espaço historicamente produzido e continuamente sacralizado por diferentes práticas simbólicas. É um território produzido socialmente, dentro e fora da ilha, segundo ciclos e práticas econômicas que se alteram continuamente, ainda que, frequentemente, num ritmo menos rápido que no continente” (DIEGUES, 1997, p. 12-13).

também prisioneiros políticos nos períodos (...) das ditaduras militares no Brasil.

O Brasil, por ser um país de proporções continentais, abriga uma variedade de ilhas. Fernando de Noronha, no estado de Pernambuco, talvez seja a mais famosa do país. Mas além dessa há a Ilhabela, em São Paulo; Ilha do bananal, no Tocantins; Florianópolis, em Santa Catarina. No estado do Pará a ilha do Marajó é a mais conhecida. Mas há outras, como a ilha de Cotijuba e a ilha do Combu, localizadas na área insular do município de Belém do Pará, bem como a ilha das Onças, situada na jurisdição administrativa do município de Barcarena (PA).

Mas o que são as ilhas? De acordo com Brandão (2012, p. 14), as ilhas:

(...) são territórios de vida e de trabalho. São, portanto, territórios ainda possuídos também de histórias e memórias. Terras entre águas que guardam o passado ou o ainda presente vivido entre o lidar com a natureza e enfrentar os poderes da sociedade através de diferentes formas de luta e resistência. São terras entre as margens de um rio, ou entre um mar de litoral e a sua costa próxima, ocupados, vividas, pensadas, trabalhadas por comunidades de pescadores, de lavradores, de pescadores-lavradores.

Conforme Diegues (1997, p. 31):

É interessante observar que muitos estudos etnológicos clássicos como os de Malinowski, Firth, Mead e outros, foram realizados em ambiente insulares, partindo-se, talvez, do princípio que aí se concentravam as culturas primitivas, com reduzido contato com a civilização moderna e que, portanto, poderiam ser melhor analisadas em sua integridade.

As ilhas, assim como os povos que as habitam, são diversas. No seio dessa diversidade estão as ilhas de grandes rios (BRANDÃO, 2012), como é o caso da ilha que agora passo a apresentar.

2.1. O que vejo da janela: A ilha Saracá de hoje

A ilha Saracá (ver figura 01) se situa nos limites territoriais do município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará⁴, a aproximadamente 200 km de Belém.

⁴ O Pará, localizado na região norte, é o segundo maior estado em extensão territorial do Brasil. O estado é dividido em seis mesorregiões: Baixo Amazonas Paraense, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense. Cada mesorregião é subdividida em microrregiões, num total de 22, englobando diversos municípios (CORDEIRO, ARBAGE E SCHWARTZ, 2017). Conforme Almeida (2010, p. 291): “Há áreas de colonização mais recentes, como o sudeste; e as de colonização mais antiga, tais como a Bragantina e o Baixo Tocantins, inseridas na mesorregião Nordeste, além da fronteira em disputa, caso do sudoeste do Estado”. A região do Baixo Tocantins é formada por onze municípios bastante heterogêneos, a saber: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia. O município de Limoeiro do Ajuru, onde está

Compõe a bacia hidrográfica do rio Tocantins, localizando-se na denominada microrregião de Cametá⁵, no Baixo Tocantins⁶ (HOLANDA e SIMÕES, 2017). De Belém são oito horas de distância de barco a motor; de lancha são cerca de cinco horas para se chegar à ilha. Do município de Limoeiro do Ajuru fica à meia hora de distância de barco, e de Cametá, cerca de uma hora de lancha. Estes dois são os municípios mais próximos da ilha.

Parte significativa do território do município de Limoeiro do Ajuru é composto por diversas áreas insulares, as chamadas regiões das ilhas ou simplesmente ilhas. Conforme Sena (2007), além de Saracá, outras ilhas se destacam: Amorosa, Araraim, Arara, Belizário, Comprida, Conceição, Defunto, Grande, Navio, Pacu, Paquetá e Paulista. Essas ilhas variam de tamanho. Algumas são bastante extensas em termos territoriais, outras são menores. Algumas são densamente povoadas, outras possuem um contingente populacional de menor número. Muitas se situam às proximidades de Limoeiro do Ajuru, outras estão mais distantes. Há ilhas que dispõem de maiores infraestruturas, se comparadas a outras. Algumas são bastante procuradas por turistas, outras nem tanto. Há ilhas onde o rio é mais “estreito”, em outras o rio é mais “largo”.

Saindo de Saracá, particularmente do rio Igarapé Grande, no sentido Limoeiro do Ajuru, a primeira ilha que pode ser avista é a ilha da Amorosa. Ela fica no meio do Tocantins, entre Saracá e Limoeiro do Ajuru. Se o visitante olhar para a sua direita, vai ver um pedaço da ilha Araraim, a outra parte de seu território fica escondida por detrás da ilha Saracá. Olhando para a esquerda, no

localizada a ilha Saracá, possui uma extensão territorial de 1.490,186km², sua população é de 29.623 pessoas, sua densidade demográfica é de 16,79hab/km² e seu índice de desenvolvimento humano é de 0,541 (IBGE, 2020, 2021).

⁵ Conforme Almeida (2010, p. 292): “O cotidiano no mundo das águas da microrregião de Cametá, mais conhecida como Baixo Tocantins, é organizado pelos rios Moju, Pará e o caudaloso Tocantins. Sete municípios compõem a região: Abaetetuba, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba, Baião e Oeiras do Pará. Em maior ou menor profundidade, a região sofre os impactos da barragem de Tucuruí, com ênfase para a redução do pescado”.

⁶ De acordo com Almeida (2010, p. 294): “No que diz respeito ao campesinato do Baixo Tocantins, é considerado um dos mais antigos e importantes da Amazônia. O caráter combativo é uma marca na trajetória desse campesinato. Há dois momentos históricos marcantes na luta em busca da emancipação: a Cabanagem, revolução ocorrida no século XIX, e o movimento de resistência conhecido como Anilzinho, anos 1970, quando o país vivia num processo de ditadura militar”.

sentido da cidade de Cametá, é possível ver a ilha Paquetá. E no meio do rio, entre Limoeiro do Ajuru e a ilha Saracá, o visitante consegue ver a Praia da Lua. Isso se a água estiver seca, já que quando ocorre a enchente, a praia desaparece e só é possível ver as varas onde passa o cabo que segura os matapis, armadilha tradicional usada para capturar camarão.

O acesso à ilha Saracá só é possível por meio de embarcações. Algumas lanchas, diariamente, realizam o trajeto Cametá-Limoeiro do Ajuru-Cametá. As lanchas saem de Limoeiro do Ajuru nas primeiras horas da manhã e pegam as pessoas no caminho, isto é, no meio do rio, onde elas aguardam em suas embarcações ou de pessoas conhecidas. As moradias da ilha Saracá, assim como das ilhas circunvizinhas, acompanham as curvas do rio Tocantins e seus afluentes, não se situando longe dos cursos d'água. Os ribeirinhos ali estabelecidos mantêm forte dependência e conexão com o rio.

Segundo Almeida (2010, p. 291):

O rio inunda a vida dessas gentes de realidades ímpares. O rio as distancia e aproxima, alimenta e é espaço de lazer, contemplação poética e quintal de lendas: lara, Boto, Boiúna e sabe-se lá quantas outras. O rio é a vida e as vezes a morte dessa população. Numa parte do ano, ele invade as ruas, casas, roças e pastos, chegando, em algumas regiões, a causar danos materiais. Noutra época do ano, recua e forma praias. Nas regiões marcadas pela realidade do estuário, caso do Baixo Tocantins, a oscilação de seis em seis horas dos rios condiciona a vida da população. O pôr do sol é uma pintura.

De acordo com o Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável do Baixo Tocantins (BRASIL, 2011):

Os rios da região são utilizados como vias para transporte de cargas e pessoas. O conjunto de rios, furos e igarapés desta região é plenamente navegável, durante todo o ano, o que permite um fluxo intenso de embarcações dos mais variados calados e capacidades de operação. O Tocantins, rio que nomeia o território e que confere identidade cultural à região, apresenta declive desde a Usina Hidrelétrica de Tucuruí - UHE até a foz nas proximidades da cidade de Belém, com influência de marés e das vazões efluente da UHE, mas é navegável em todas as épocas do ano.

Desse modo, o território da ilha Saracá, assim como das ilhas adjacentes, não se limita ao espaço terrestre, mas também engloba o próprio rio, ao menos uma parte deste. O rio é um sujeito entranhado no modo de viver local, pois faz parte do cotidiano, do lazer, do trabalho, dos sonhos. Não há, portanto, vida sem rio. Como diz Carla Madeira (2021) “Tudo é rio”.

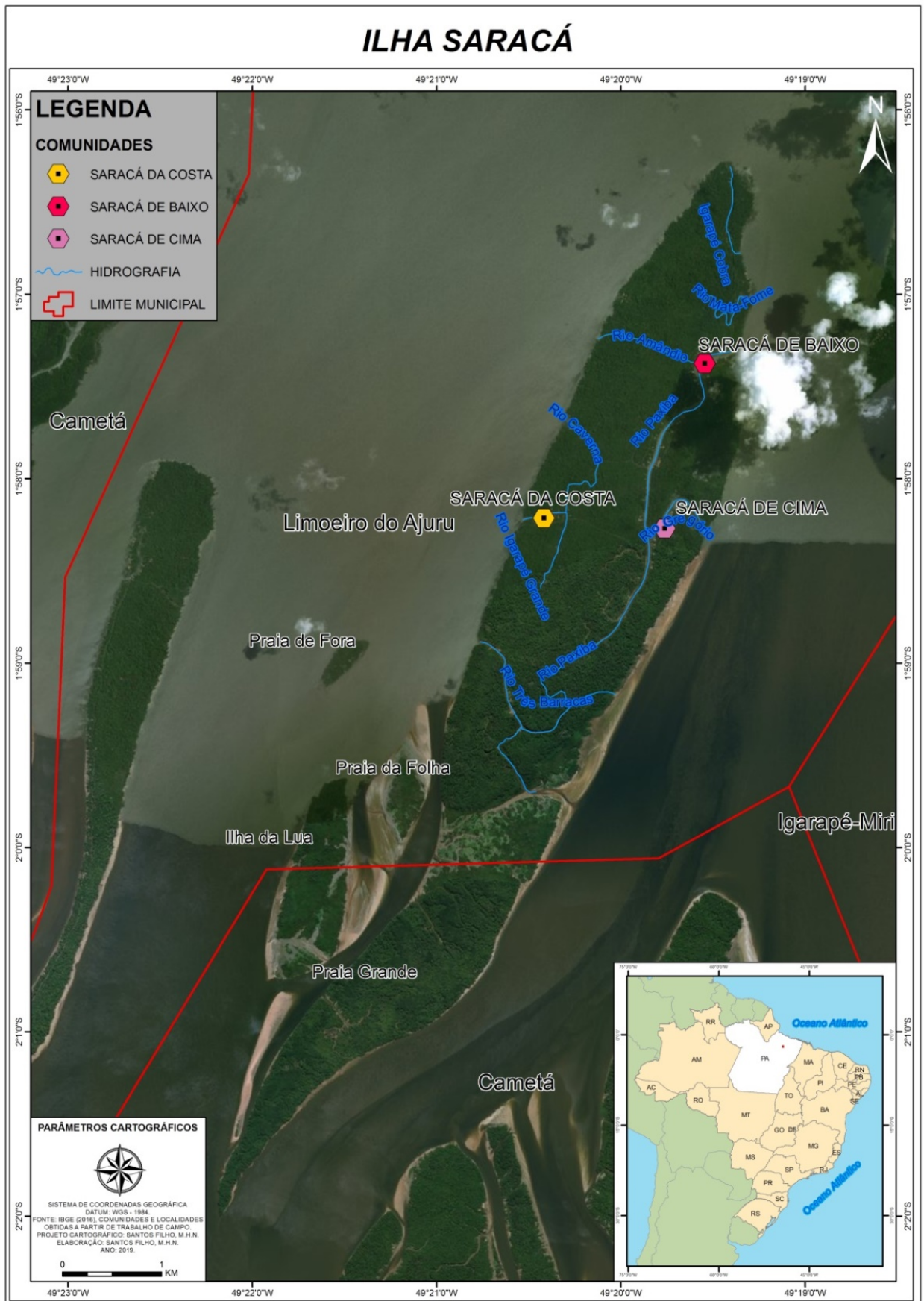


Figura 01: Ilha Saracá. Fonte: SANTOS-FILHO/ HOLANDA (2019)

Cametá e Limoeiro do Ajuru são os principais destinos dos ribeirinhos da ilha Saracá. São para esses municípios que os saracaenses se dirigem com a intenção de acessar os órgãos públicos, bem como adquirir itens alimentícios e de vestimenta. São também procurados nos momentos festivos, especialmente Cametá, durante o período do carnaval e à época de São João. Limoeiro do Ajuru é mais procurado durante o Festival do açaí, habitualmente realizado no mês de novembro.

Localmente, a ilha Saracá é comumente dividida em três áreas principais, conhecidas por: Saracá de Cima, Saracá de Baixo e Saracá da Costa. Conforme o mapa acima (figura 01), podemos ver as três principais divisões. Na identificação em amarelo é possível ver onde se encontra a comunidade do Saracá da Costa; na forma em vermelho, o Saracá de Baixo; e na forma rosa, o Saracá de Cima.

A região geográfica denominada de Saracá da Costa compreende os rios⁷ Três Barracas, Igarapé Grande, Caverna e Amândio; o Saracá de Baixo constitui-se pelos rios Paxiba, Cobra e Mata Fome; e o Saracá de Cima pelo rio Gregório (CHAVES, 2013). Os mais populosos são os rios Paxiba e Gregório. Conforme Holanda e Simões (2017) há cerca de duzentas e cinquenta e cinco famílias, no conjunto da ilha.

A comunidade tradicional ribeirinha da ilha Saracá é constituída por um grupo de pescadores. Esses pescadores são sujeitos nascidos na própria ilha, outros vieram de ilhas próximas e de municípios locais, juntamente com parentes que construíram relações conjugais ou de pessoas que vieram à procura de trabalho, se fixando de maneira definitiva posteriormente, como é o caso de meu bisavô, pai de minha avó Ana Maria. As pessoas, de modo geral, são bastante hospitaleiras. São donas de casas, mães e pais de famílias geralmente extensas, que vivem rotineiramente dentro das matas e nos rios, à procura de alimentos, lazer, dentre outros.

A ilha Saracá acorda cedo. Nas primeiras horas da manhã escutamos uma fala aqui e ali. Ao se levantar e se posicionar nas janelas da frente das casas, vemos outras pessoas apoiadas nas janelas, no outro lado do rio. As mulheres já estão estendendo as roupas na cabeça da ponte. Algumas pessoas

⁷ Terminologia local empregada para nomear as comunidades da ilha Saracá (CHAVES, 2013).

já estão tomando banho no pé da escada. É um tibum pra cá, é um tibum pra lá, indicando o barulho do corpo mergulhando nas águas. Também é possível ver pessoas descendo as escadas para irem para os matos apanharem açaí. Escutamos uma graça aqui e ali, a chamada caçoadá.

O cheiro de café atravessa o rio, na mesma sintonia em que os rádios e os sons dos aparelhos de sons, como dizia meu avô, do picarpe, tocam hinos religiosos, marcantes, pop, medoly, dance e tantos outros ritmos musicais. A fumava que vem lá detrás das casas desaparece em meio às folhas dos açaizeiros e dos miritizeiros. As embarcações, com o seu tototó e o seu popopô já começam a se movimentar, levando e trazendo pessoas para diferentes lugares. Quando alguém da cidade chega é possível escutar que fulano de tal chegou ou que já está indo embora. E quando é um desconhecido é “quem é este um ou quem está chegando” para li e para cá. A cidade, neste caso, revela a externalidade, o mundo que simboliza o diferente, o estrangeiro, o novo, isto é, o que não é da ilha. Portanto, o que não é conhecido e íntimo.

De acordo com Holanda *et al* (2020, p. 182):

A ilha Saracá é serpenteada por braços de rios que adentram em meandros a floresta de várzea, alguns apresentam variável largura de margem. Onde o percurso se torna mais estreito, o rio e a floresta formam um verdadeiro labirinto de palmeiras, no qual o açaizeiro se destaca. No estuário, assim como na ilha Saracá, são sete horas de maré de vazante e cinco horas de maré de enchente.

A ilha é, portanto, influenciada pelos ritmos das marés que habitualmente submergem a terra, chegando a invadir as construções mais baixas, especialmente durante o inverno amazônico, época em que ocorrem as lançantes, ou seja, o período das águas grandes. Aliás, essa é uma época perigosa, pois a água grande atrai cobras, baratas do fundo e outros tipos de animais para perto das moradias.

As habitações, em sua maioria, são palafitas que acompanham a beira dos principais córregos. Muitas são interligadas por passagens de madeira e em menor quantidade, por estipes de açaizeiros ou troncos de miritizeiros. A distribuição das residências na ilha Saracá segue a mesma lógica da identificada por Furtado e Nascimento, ao estudarem as estratégias de reprodução dos pescadores artesanais da vila de Tamaruteua, no município de Marapanim, litoral do Pará:

O padrão residencial tende a seguir os laços familiares. Filhos procurando residir às proximidades dos pais. Filhas sem marido, buscam o apoio dos pais na criação e manutenção de seus filhos. Os pais reconhecem que devem dar apoio nessas situações. Um morador revelou que tinha “duas cruzeiras” além da dele, referindo-se ao sustento de três famílias – e de duas filhas solteiras com filhos. (FURTADO e NASCIMENTO, 2002, p. 40)

A ilha Saracá é composta por diversas espécies vegetais, dentre as quais podem ser destacadas: açazeiros (*Euterpe oleracea* Mart.), cacaueiros (*Theobroma cacao*), seringueiras (*Hevea brasiliensis*), miritizeiros (*Mauritia flexuosa* Mart), jenipapeiros (*Genipa americana* L.), ingazeiros (*Inga edulis* Mart), jambeiros (*Syzygium jambos*), abacateiros (*Persea americana*), ajuruzeiros (de *Chrysobalanus icaco*), aningas (*Montrichardia linifera*), palmeiras etc. Essa “cobertura vegetal do Baixo Tocantins é classificada por especialistas como floresta equatorial densa” (ALMEIDA, 2010, p. 293).

No que diz respeito às espécies animais há: mucuras (*D. imperfecta*), preguiças (*Bradypus tridactylus*), tamanduás (*Cyclopes rufus*), ciganas (*Ophisthocomus hoazin*), sararucas (*Aramides saracura*), papagaios (*Amazona aestiva*), ararinhas (*Primolius maracana*), cobras, lagartos, diversos tipos de peixes, como mapará (*Hypophthalmus edentatus*), tainha (*Mugil cephalus*), tucunaré (*Cichla ocellaris*), caratinga (*Geophagus proximus*), jacundá (*Crenicichla lenticulata*) etc.

Além das espécies de peixes acima mencionadas, a mucura e a preguiça fazem parte da dieta alimentar da população. A mucura é encontrada de maneira abundante na ilha, já a preguiça, nos últimos anos, foi desaparecendo devido o consumo predatório. Esse foi, aliás, um dos fatores que contribuiu para que muitos moradores não mais permitissem a captura do animal em suas propriedades, pois há o temor de que a espécie desapareça da ilha.



Figura 02: Cacho de açai. Foto: Genisson Paes, 2023.

Na imagem acima podemos observar as belezas das curvas de um cacho de açai. Este é um cacho de açai parau, já que ainda há muitas sementes que ainda não ficaram completamente tingidas pela cor preta, ou pela cor cinza, isto é, o açai tuíra, o mais valorizado na ilha, já que seu vinho é mais gostoso, na

medida em que todas as sementes atingiram a completa madureza. A extração de açaí é uma das bases da alimentação da ilha, uma atividade absolutamente fundamental no modo de viver local.

Em termos de infraestrutura, a ilha Saracá possui uma escola, que dispõe de seis salas de aula. Fundada no ano de 2002, a escola Vilma de Nazaré Mendes oferta da educação infantil ao ensino médio. Conta com um posto de saúde, localizado no rio Paxiba, e com uma farmácia, a Saracá Farma, também situada no rio Paxiba, ao lado da escola. A ilha também dispõe de uma academia, arenas para partidas de futebol, mercearias e alguns bares, espalhados pelos diferentes rios. No rio Gregório encontra-se a mais antiga igreja da ilha, a igreja do Sagrado Coração de Jesus. No Igarapé Grande há a igreja de Santa Maria e uma igreja adventista. Também há uma igreja adventista localizada no rio Paxiba.



Figura 03: Aluna da Escola Vilma de Nazaré Mendes observando um borqueio. Foto: Silvia Betânia Paes, 2024.



Figura 04: Pesca de borqueio no rio Gregório. Foto: Silvia Betânia Paes, 2024.



Figura 05: Alunos e funcionários da Escola Vilma de Nazaré Mendes observando um borqueio. Foto: Silvia Betânia Paes, 2024.



Figura 06: Alunos da Escola Vilma de Nazaré Mendes observando a pesca do borqueio.
Foto: Silvia Betânia Paes, 2024.

Na manhã do dia 22 de abril do corrente ano, os alunos da Escola Professora Vilma de Nazaré Mendes, puderam observar a realização de um borqueio, ocorrido no rio Paxiba, em frente à escola de mesmo nome. Segundo Silvia Betânia, professora, atual diretora da escola, e minha prima, o momento foi de grande aprendizagem e conexão com uma prática fundamental no modo de viver local. Na galeria de imagens acima podemos ver alunos e funcionários da referida escola observando o momento, enquanto os pescadores se deslocam para o rio. Também vemos alguns moradores observando de suas casas o cerco.

As imagens revelam que a maré está baixa. Podemos ver a textura das águas, um marrom meio esverdeado. Fica evidente a força dos açazeiros e como a palmeira se destaca em relação as outras espécies vegetais. Vemos uma palafita pintada na cor bege, coberta por telha de barro. A construção da frente da casa é chamada de casinha, local que serve para armazenar apetrechos de pesca, como malhadeiras, matapis etc. Na figura 03 uma menina

está na cabeça da ponte observando de perto as embarcações se organizarem para a realização da atividade pesqueira. Notamos a variedade das embarcações, os diversos tamanhos e as cores que particularizam cada embarcação.



Figura 07: Desejo de boa sorte aos pescadores durante a abertura da pesca na ilha Saracá.
Disponível em:

https://www.facebook.com/photo/?fbid=386458140680825&set=a.149186057741369&locale=pt_BR. Acesso em 08/06/2024.

Na figura acima, a Escola Vilma de Nazaré Mendes deseja aos pescadores da ilha Saracá boa sorte durante a abertura da pesca. Na pequena imagem de cima podemos ver um paneiro com mapará quitinhado, isto é, cortado na diagonal, como se fosse em tirinhas. Na imagem do meio percebemos dois pescadores em um casco saindo em direção ao rio. Na imagem maior observamos a realização de um borqueio no meio do rio Tocantins. Podemos

notar a beleza dessa modalidade de pescaria e de como ela envolve toda a ilha. Notamos a presença de muitas pessoas em embarcações de tamanhos e cores variados. A figura chama atenção pela presença de folhas de açazeiro e pela reivindicação do termo identitário “ribeirinho” contido na frase “todos nós ribeirinhos”.

Essa força e importância da identidade ribeirinha pode ser identificada na figura 08, onde acompanhamos um ensaio fotográfico⁸ de uma turma do “ABC”, feito na costa da ilha, isto é, em uma de suas laterais, numa área chamada de prainha. Observamos as crianças trajando roupas de formatura, ao lado de instrumentos presentes no cotidiano destes pescadores. Vemos matapis, paneiros, malhadeiras, um remo e uma arraia. Há também um chapéu de palha e dois abanos.



Figura 08: Alunos da Escola Vilma de Nazaré Mendes posando para um ensaio de formatura do ABC. Foto: Willis Costa, 2024.

⁸ O ensaio completo pode ser visto na matéria intitulada: “Crianças ribeirinhas fazem ensaio de formatura temático de pescador no Pará”. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/12/30/criancas-ribeirinhas-fazem-ensaio-de-formatura-tematico-de-pescador-no-para-veja-fotos.ghtml?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR3TGV3sfsOtTBoGWerR15TIlmme0ANR7pgJ9I0TLjFJEYxwiEVFNRRxxtrA_aem_AcTz5T5velwLgBoW6RS6ktqiKqy5QncAOBi_cKn94J8wE-buCVs77qz92G9X7OOonnRv9lJaT8mjf0zo7OuCyD8vx. Acesso em 08/06/2024.

Todos esses elementos estão presentes no modo de ser ribeirinho e revelam a valorização e o reconhecimento da pesca enquanto atividade essencial e que fundamenta as especificidades de uma categoria social que tem a pesca e o rio como elementos construtores da própria identidade.

Como é possível inferir, o principal meio de transporte na ilha é o barco. De acordo com Furtado, (2004, p. 54) “o barco é um dos componentes da classificação de embarcações, que a sabedoria tradicional escolhe para identificar e definir seus meios de transporte e de produção, em diferentes sistemas socioculturais da região, segundo sua própria lógica!”.



Figura 09: Animal transportado sobre a tolda de um barco. Disponível em: https://www.facebook.com/silviabetania.paes?locale=pt_BR. Acesso em: 08/06/2024.

Na figura 09 vemos um animal transportado, sobre a tolda de um barco, para ser devolvido às autoridades da secretaria de meio ambiente. Conforme relato de Jeane Soraia, minha prima: “*Numa manhã chuvosa esse jovem tamanduá foi resgatado na Baía do Marapatá, entre a Ilha Saracá e ilha Amorosa.*”

Há barcos de diversos nomes, tamanhos, cores e formas⁹. Pois as “embarcações não são únicas e lineares, isto é, não são de um só tipo. Há variedade delas envolvendo saberes e técnicas especiais que precisam ser observadas e valorizadas” (FURTADO, 2004, p. 63). Por isso é comum encontrar

⁹ Para maiores esclarecimentos a respeito do processo de construção de embarcações na Amazônia, ver: Corrêa (2016).

barcos de nomes variados, tais como: Rio Saracá, Ungida, Dois Irmãos, Comandante Silva etc. São por essas embarcações que, como dito, variam de tamanho, cores e formas, que os ribeirinhos da ilha Saracá se deslocam pela ilha. E é também por meio delas que eles visitam outras ilhas, vilas e cidades próximas.

Para cidades mais distante se faz necessário uma embarcação de maior porte, para enfrentar os banzeiros e a força dos ventos. Para Limoeiro do Ajuru e Cametá, por exemplo, os ribeirinhos viajam de lanchas, de bicudo, isto é, uma embarcação sem tolda, ou seja, sem cobertura. Essas viagens também são feitas com barcos com tolda, onde muitos viajam dentro da rede, já que é possível atá-las. Um barco com tolda é uma embarcação mais cara do que a sem tolda, o que corrobora com a opção por um transporte mais barato. Todos os moradores da ilha possuem algum tipo de embarcação. Os que não tem um barco com tolda ou um bicudo, dispõem de um rabudo ou um casco. O rabudo é um casco motorizado que é bastante veloz. O casco é locomovido com a força do remo, já que não dispõe de motor para impulsioná-lo.

As principais atividades econômicas da ilha Saracá giram em torno da pesca e da extração de açaí. Na época do inverno, que geralmente corresponde aos meses de janeiro a junho, a atividade de maior predominância é a pesca. Nesse período do ano, especialmente a partir do mês de março, a pesca do tipo bloqueio (na ilha comumente denominada de borqueio) é uma das mais praticadas, atraindo grande número de pessoas dos mais diferentes rios da ilha¹⁰ (CHAVES, 2013). Essa modalidade de pescaria geralmente tem por objetivo a captura do mapará, uma espécie muito valorizada na ilha e bastante apreciada na região do Baixo Tocantins, especialmente nos municípios de Cametá, Limoeiro do Ajuru e Abaetetuba. Em Cametá, por exemplo, a espécie é tão valorizada que o município é também conhecido por “País dos Maparás” (LAREDO, 2013).

No verão, período que abrange os meses de julho a dezembro, há destaque para a extração de açaí. Essa é a época da safra. Nessa estação, os açaizeiros estão carregados de cachos de açaí. O açaí que abastece as tigelas

¹⁰ Sobre o acordo de pesca e a pesca do borqueio, ver: Holanda, 2019. Há também uma matéria produzida pelo jornal globo rural: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2017/01/pesca-e-floresta-garantem-renda-ribeirinhos-das-ilhas-do-rio-tocantins.html>.

está mais grosso do que no tempo do inverno, momento em que há diminuição natural da espécie. O açaí de inverno é mais ralo, isto é, mais fino e, portanto, menos gostoso do que o açaí do verão. Durante esse período do ano, os moradores passam maior tempo na mata, tentando encher uma rasa, já que precisam procurar o fruto em lugares mais distantes, muitas vezes, mais afastados da casa. Não há aquela abundância, aquela facilidade, aquela fartura vista durante o verão. Quem se dá bem no inverno é quem maneja seu mato, ou seja, prepara as áreas de açais para o inverno, para que não falte açaí durante essa época do ano.

A sazonalidade presente na ilha pode ser percebida no trecho abaixo:

(...) a sazonalidade, manifestada nas duas principais estações do ano – o inverno e o verão amazônicos - a primeira, estação das chuvas ou chuvosa e a segunda, estação seca ou estival – se refletem na morfologia social local e regional, isto é, nos aspectos da dinâmica social (mais intensa ou menos intensa se assim podemos nos referir) envolvendo níveis de sociabilidade diferenciados (mais contido ou mais restrito à casa, ao grupo doméstico, ou mais aberto ao mundo de fora da casa ou do grupo doméstico ou mesmo da comunidade. (CHAVES e FURTADO, 2014, p. 01)

As relações sociais na ilha Saracá são mais diretas, pois ocorrem face a face e de maneira geral, quase todos os ribeirinhos se conhecem e estabelecem algum tipo de laço de amizade ou de parentesco. Nas últimas décadas os ribeirinhos da ilha Saracá foram muito impactados com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí¹¹, o que trouxe impactos consideráveis nas espécies de peixes ali encontradas. Essa compreensão pode ser identificada na narrativa a seguir, conforme destaca seu Jorge:

O pescado era demais, aqui nesse mandim. Nós trabalhava, a gente não pegava negócio de cinquenta paneiro de peixe, era cem duzentos, trezentos, tinha redeiro que tirava até seiscentos paneiros de peixe. Foi logo aqui que essa reserva começou, que deu uma baixada de peixe ruim, o pessoal deram um borqueio lá e já tiraram uns quatocentos e poucos paneiros de lá, diminuiu veio pra cem, cinquenta, duzentos, foi diminuindo e hoje em dia está devagar. (HOLANDA e SIMÕES, 2017, p. 6)

Mesmo enfrentando dificuldades devido à diminuição dos cardumes de peixes, bem como o desaparecimento de espécies, os ribeirinhos da ilha Saracá tentam resistir a essas mudanças causadas pelas dinâmicas locais, por isso não medem esforços para manter o grupo doméstico ali estabelecido.

¹¹ Para maiores informações acerca dos impactos causados pela construção da hidrelétrica de Tucuruí no modo de viver da ilha Saracá, ver Holanda (2019).

De modo geral e como já informado, as práticas percebidas na ilha Saracá, são reveladoras de um modo de viver que causa baixos impactos ambientais. Suas características, sejam elas físicas, sociais, culturais e simbólicas, são reveladoras de um modo de viver ribeirinho. De acordo com Adrião (2012, p. 67):

A vida ribeirinha na Amazônia é comandada pelo rio e pela floresta numa ligação quase que indivisível, especialmente aos que vivem nas ilhas, ou entre as ilhas, com modo de vida ainda fortemente marcado por traços culturais: hábitos e costumes da vida tradicional dos povos da floresta.

Certa vez, lembro-me que meu avô, o vô Milico, já falecido, disse que “Deus não olhou pra essa ilha. Não tem nem um miriti pro porco comer”. Ele estava se referindo à ilha Cacoal, localizada no município de Cametá, onde uma de suas filhas atualmente reside. O comentário foi evocado para ele dizer que enquanto naquela ilha não havia peixe e animais de caça, na ilha Saracá havia muita fartura, muita abundância de peixe, caça e açaí. A ilha Saracá era, no seu entendimento, uma ilha rica e abençoada por Deus, pois ali havia cigana, uma espécie de ave, e no Cacoal nem isso tinha.

Quantas vezes já não vi ou escutei as pessoas se apressarem em seus afazeres na cidade de Cametá, para logo retornarem à ilha Saracá. Sentia que muitos somente iam para Cametá ou Belém por necessidades, ou seja, para cuidar da saúde, resolver alguma “bronca” no banco, logo querendo retornar para a relativa tranquilidade existente no rio, na ilha. Talvez a ilha seja envolvida por um manto de segura, mas acima de tudo, por um apego, por uma vontade de estar lá, por um sentimento de pertencimento que faz com que a vida na ilha seja muito mais valorizada do que na cidade de Limoeiro do Ajuru, Cametá ou qualquer outra. Há uma conexão com a ilha Saracá, uma vontade de estar lá, um amor que supera as dificuldades do dia a dia.

Saindo da casa de minha avó Ana, localizada no rio Igarapé Grande, no Saracá da Costa, me imagino atravessando a ponte de madeira. Ao olhar para o terreiro da casa, vejo mangueiras, caneleiras, árvores de jambo, pés de açaí. Olhando ao redor da ponte vejo o jirau com plantas usadas para temperar a comida que minha tia Laura e a “tia” Rai, esposa do seu filho, utilizam diariamente.

Na cabeça da ponte, um paneiro com pés de chicória e cebolinha me observam descer as escadas. Antes, sinto o vento molhado tocar meu rosto. É o sereno das roupas penduradas no varal erguido ao longo da ponte. Desato o amarro da corda do casco, meus pés tocam as águas do rio. Ela pode estar gelada ou quente, depende da hora. Imaginemos que seja de manhazinha, então está friinha, o que faz meus dedos dos pés se retraírem. O turiá e as aningueiras, localizadas às margens do rio, balançam. São as saracuras e as corocas pulando de um lado para o outro na tentativa de espantar meus olhos curiosos.

Antes de penetrar no interior da ilha, vejo a boca do rio. Ao longe um barco passa. Só escuto o popopô e aquele dançar de águas se mesclar com o céu. É o barco do fulano de tal, escuto mentalmente minha avó dizer de quem é a embarcação. Ela conhece seu dono, aprendeu a ver com os ouvidos.

Das beiradas os cachorros latem. Sinto cheiro de fumaça, lenha partida, café no ar. Um cumprimento aqui, um como vai ali dado pelas mulheres que lavam e estendem as roupas, na cabeça da ponte, vão se dissipando. As casas ficam para trás e só vejo aquele tom verde-marrom pintar meus olhos. Encosto o casco na beira do furo, vejo camarões saltarem. Alguns peixes passam com olhos desconfiados. Ao fundo uma garça pesca um descuidado camarão, enquanto um pavão voa lentamente para dentro da mata.

Amarro o casco na raiz de uma árvore desconhecida, já que optei por não enfiar o remo na lama para enroscar a corda do casco. Os sararás, vendo os meus pés deslizarem pela lama, correm para o interior de suas casas. Ficam na porta me observando. A cebola braba roça os meus pés, enquanto sinto cheiro de terra molhada e de galhos se quebrando ao longe. Chego em frente a uma árvore de açai. O cacho está tuíra. Coloco a peconha nos pés e subo. Lá de cima, com a mão já na munheca do cacho eu paro. Observo a mata, as árvores enormes e aquele cheiro de paz me tranquiliza. Talvez seja isso que os ribeirinhos da ilha Saracá sentem falta quando não estão por aqui.

Conforme as figuras 10 e 11 vemos duas embarcações chegando na ilha Saracá. Na figura 10 vemos o bico da proa de um bicudo, barco sem tolda, chegando na ilha pelo rio Gregório. Percebemos que a maré está cheia e que o verde da vegetação se destaca. Notamos as primeiras casas e como elas estão bem próximas do rio. A água assume um tom esverdeado e o céu está bem bonito. É possível ver o rio Gregório fazendo uma curva. Se pudéssemos olhar

por cima, poderíamos ver que o rio assume uma forma de serpente, em um constante zigue-zague que dá forma à geografia da ilha.

Já na figura 11 é possível avistar toda a proa da embarcação. Este é também um bicudo. Pilotando o barco vai um homem. Perto do bico da proa há o desenho de um pica-pau, animal comum na ilha. Há também a frase “Dirigido por mim, guiado por Deus”, o que demonstra a influência do cristianismo na vida diária. Na margem esquerda do rio Igarapé Grande avistamos miritizeiros. Há muitos açaizeiros e aningueiras, vegetação que fica parcialmente submersa quando a água está na fase cheia.



Figura 10: Embarcação entrando na ilha Saracá pelo rio Gregório. Foto: Genisson Paes, 2023.



Figura 11: Embarcação entrando na ilha Saracá pelo rio Igarapé Grande. Foto: Genisson Paes, 2023.

Com base nas figuras 12 e 13, podemos ver algumas das moradias situadas no rio Gregório. Na 12 há três casas: na casa com a casinha verde mora o meu tio Humpheres; na do meio mora o seu filho Adelson, conhecido por Dedé; e na casa com a embarcação do porto, sua filha Betânia. Dedé e Betânia são professores que trabalham na escola Vilma de Nazaré Mendes. Ao redor das casas há açaizeiros e aningueiras. Abaixo da casinha da casa do meu primo Dedé há um criatório de peixes. Esses peixes são destinados ao próprio consumo e para a venda local.

Na figura 13, ao lado da casa do meu tio humpheres está a casa de seu outro filho, Elisson, chamado de Quinho. Observamos uma casinha com uma rede onde as pessoas descansam. A casinha é coberta por telha de fibrocimento, mas a maioria chama de brasilit. Notamos que algumas embarcações estão guardadas por debaixo da ponte, o que indica que elas não serão utilizadas no momento. As que estão perto da ponte ou da rampa estão em vias de serem usadas, mas após serem usadas, elas serão guardadas devido ao temor de furtos. Há pessoas na cabeça da ponte nos observando ir embora. Uma delas é minha tia Julinha, esposa de meu tio Humpheres e as outras são minhas primas.



Figura 12: Moradias localizadas no rio Gregório. Foto: Genisson Paes, 2023.



Figura 13: Ribeirinhos e suas moradias no rio Gregório. Foto: Genisson Paes, 2023.



Figura 14: Rio Igarapé Grande. Foto: Genisson Paes, 2023.



Figura 15: Pesca no rio Igarapé Grande. Foto: Genisson Paes, 2020.

Nas figuras acima é possível perceber o tamanho do rio Igarapé Grande, uma das comunidades da ilha Saracá. Nota-se que o rio é estreito e comprido. Podemos também ver a vegetação, com destaque para aningueiras, miritizeiros, açazeiros e turiás. Podemos ver habitações que são bastante comuns na ilha. Na imagem número 14, para quem estiver adentrando o rio pela boca, isto é, pelo rio Tocantins, já na metade da comunidade, é possível ver, aos fundos, a casa do senhor Ernesto, genro de dona Benedita, no rio conhecida como tia Bena. No lado direito da imagem há dois cascos pintados de vermelho. Um deles transporta redes de náilon que são usadas para realizar o borqueio.

Também no lado direito enxergamos muitas aningueiras, com parte do tronco submerso por causa do fluxo cotidiano das marés. Há açazeiros por detrás das aningueiras e especialmente atrás da casa do senhor Ernesto. Aos fundos há muitos miritizeiros. E para quem chegar em frente à casa do senhor Ernesto, poderá ver dois furos, o da esquerda leva para o Caverna, Paxiba e Gregório, o da direita leva para o Igarapé Palhal, mais conhecido como As Cabeceiras, onde mora dona Eunice, conhecida como Borboleta ou tia Buruca.

É por este trajeto que se encontra o Urucuzal, chamo de Urucuzar, um mato enorme que pertencia aos meus avós, agora seus filhos são os proprietários. O Urucuzal é, como diz minha avó, soturno, ou seja, um mato distante, perigoso, pois tem muitas cobras, arraias e muitas visagens, já que fica mais distante de onde se concentra a maioria das casas.

Na figura 15 avistamos a casa da tia Bete, sobrinha de minha avó, filha do tio João, irmão de minha avó e caçula dos homens. Vemos algumas pessoas atravessando uma malhadeira no rio, enquanto outras acompanham a pescaria de cima da cabeça da ponte. Um homem observa o trabalho de dentro de um casco azul, enquanto uma criança anda pela beirada. Essa foto foi registrada ao final da tarde. Nota-se o clima nublado e as folhas das árvores dançando nas mãos dos ventos.



Figura 16: Cotidiano da ilha Saracá. Foto: Genisson Paes, 2020.

Na figura 16 vemos dona Deusdeth, conhecida como Deusinha, minha madrinha de batismo, indo para a sua casa. Ela está em um casco azul, com um remo pintado de vermelho e sorri ao me ver registrar uma foto sua. Aos fundos da imagem está a casa da tia Bete. Em frente à casa há uma construção chamada de casinha, local usado para armazenar apetrechos de pesca, como matapis e malhadeiras principalmente. A casinha também é um local onde o pessoal da turma, ou seja, os pescadores descansam e conversam a respeito de onde será a próxima pescaria e qual a estratégia a ser utilizada. No porto desta casa há um casco pintado de azul e um rabetinha. Ao lado da casa há uma arena, usada para partidas de futebol e em frente as aningas há um criatório de peixes.



Figura 17: Cotidiano da ilha Saracá. Foto: Genisson Paes, 2020.

Na figura 17, mais uma vemos minha madrinha Deusinha. Ela está indo para a sua casa, localizada perto da boca do rio. Ao ver que foi fotografada, sorri e me fala algo que eu já não me recordo, algo em tom de brincadeira, já que é uma mulher bastante alegre. Avistamos muitas embarcações no porto da casa da tia Bete. A foto foi feita ao final da tarde. Podemos ver os últimos raios de sol se desfazendo e a noite chegando. Tanto na imagem 16 como na 17 podemos ver a mesma paisagem durante momentos distintos do dia. Nas duas imagens minha madrinha acabara de sair da casa de minha avó, casa em que eu estava durante o registro fotográfico. A casa fica em frente ao local que ela me observa.



Figura 18: Dona Eunice me recebendo em sua casa. Foto: Genisson Paes, 2020.



Figura 19: Minha avó comendo camarão com farinha sob a supervisão de Neguinha. Foto: Genisson Paes, 2020.

Na figura 18 vemos Dona Eunice, conhecida como Borboleta ou Buruca. Dona Eunice é uma mulher magra e de pouca estatura. No momento do registro dona Eunice conversava comigo. É uma mulher de mais de 90 anos que até recentemente apanhava açaí para beber. Dona Eunice está sentada em suas cadeiras de plástico, na sala de sua casa. Podemos observar um guarda-roupa e uma cômoda aos fundos. A janela está aberta e por ela avistamos folhas de açazeiro.

Dona Eunice mora em um pequeno igarapé conhecido como as cabeceiras. O local fica mais afastado de onde se situa a maioria das casas do rio Igarapé Grande. Ela disse-me que prefere viver assim por causa do barulho, já que gosta de lugares mais calmos, onde não é incomodada e nem incomoda ninguém.

Na ocasião de minha visita, dona Eunice estava sozinha. Disse que o marido da neta, que criou como filha, aparecia de vez em quando para ver como ela estava. Dona Eunice me ofereceu um café e conversou por um bom tempo comigo. Ela foi bastante receptiva e demonstrou uma lucidez invejável. Enquanto conversávamos, um barulho veio da cozinha. Ela disse que era um galo que estava quase para comê-la, de tão danado por comida que o bicho era.

Na figura 19 minha avó Ana come camarão, na companhia de Neguinha, sua gata de estimação. Quando não se alimenta sentada à mesa, minha avó se senta ao chão. Ela gosta muito de comer camarão com farinha. Lembro-me que ela comia camarão juntamente com um pedaço de cebola. Após descascar o camarão, ela o colocava dentro da boca, mordida um pedaço de cebola e então arremessava, para dentro da boca, uma mão cheia de farinha.

Minha avó é uma mulher que não enxerga há mais de 40 anos. Aprendeu a se guiar pela casa usando os outros sentidos. Na casa, por exemplo, há um relógio que informa as horas contando as batidas, o que facilita a compreensão do tempo cronológico.

Como o próprio nome diz, Neguinha é uma gata negra, motivo que justifica seu nome. É uma gata que faz companhia para minha avó. Ela segue minha avó para onde ela vai. Quando ela se deita na rede, a gata fica embaixo ou bem próximo esperando minha avó sair para logo segui-la. Neguinha anda pelo terreiro da casa e gosta de visitar o casco quando este tem peixe ou camarão. Neguinha já viajou para Cametá para ser cadastrada. Ficou na casa de minha

mãe esperando o procedimento acontecer. Durante a espera acabou fugindo. Ficou sumida por mais de seis meses. Minha mãe se sentiu muito culpada pelo ocorrido.

Certa noite, estava em frente de casa conversando com um dos vizinhos. De repente uma gata preta apareceu e ficou perto do seu pé. Ela então se abaixou e passou a mão no pelo da gata, o que a fez se rolar ao chão. Minha mãe a achou muito parecida com o jeito de Neguinha, uma gata bastante dócil, e quando olhou sua barriga, teve certeza de que se tratava da mesma gata. Neguinha tem uns pelos brancos em uma parte da barriga, próximo das patas traseiras. Neguinha foi operada e finalmente voltou para sua casa, na ilha Saracá.

Na figura 20 vemos um jirau usado para fazer comida e armazenar utensílios domésticos que são usados rotineiramente. Por trás do coqueiro está a casa do moto/gerador. No outro lado há um pequeno galinho e um curral. Vemos algumas roupas penduradas no varal e diversos açazeiros ao redor e aos fundos da casa.

A figura 21 retrata o jirau de uma cozinha localizada mais dentro da casa. Muitas residências da ilha Saracá costumam ter dois jiraus, um mais dentro da casa, o outro situado mais fora. No de dentro são cuidados alimentos mais rápidos e que não sujam muito. O segundo geralmente é destinado para cuidar de peixe e caças, já que as escamas se espalham e o pitiú invade a casa. Isso vale para o trato da mucura.

Neste jirau há panelas penduradas, plantas, facas, tábua de cortar alimentos e um conjunto de garrafas onde os ribeirinhos armazenam água para guardar na geladeira ou no freezer. Quando a ilha está sem energia, os ribeirinhos compram gelo para colocar nas cubas e assim armazenar seus alimentos, açaí e a água utilizada para beber.



Figura 20: Jirau com pia de plástico. Foto: Genisson Paes, 2020.



Figura 21: Jirau com pia inox. Foto: Genisson Paes, 2020.



Figura 22: Embarcação passado no rio Igarapé Grande. Foto: Genisson Paes, 2020.

Na figura 22 meu tio Humpheres tinha acabado de sair da casa de minha avó. Ele está pilotando um barco bicudo pintado por diferentes cores. Podemos notar o nome “Saracá” escrito na popa da embarcação, o que significa dizer que este barco é da ilha Saracá e não de outra.



Figura 23: Comerciante oferecendo produtos. Foto: Genisson Paes, 2023.

Na figura 23 minha tia Laura está comprando verduras no porto da casa de minha avó de um vendedor que passa semanalmente oferecendo seus produtos. Observamos repolho, cenoura, cebola e uma balança para pesar os alimentos. A venda de produtos no porto das casas é uma prática bastante comum na ilha, especialmente de roupas, carnes, pães, picolé, chopp etc.



Figura 24: Ribeirinha estendendo roupas. Foto: Genisson Paes, 2023.

Na figura 24 Raimunda, conhecida como tia Rai, esposa de meu primo Alessandro, estende roupas em um varal localizado na cabeça da ponte. Avistamos matapis, as pontas de cebolinhas, usadas para temperar as comidas e uma sacola transparente com terra de miritizeiro, destinada a servir como adubo de plantas.



Figura 25: Ribeirinha pelando mucuras. Foto: Genisson Paes, 2023.

Na figura 25, tia Rai pela mucuras em um fogão à lenha, destinado a assar e a fritar peixes, bem como outros tipos de alimentos. Nas habitações da ilha Saracá é comum ter um fogão a gás devido a sua praticidade e um fogão à lenha, pois este deixa a comida mais saborosa do que a feita no fogo a gás. Pelar mucura significa queimar seu pelo. Após este procedimento, o animal é lavado

no porto, na escada, com sabão em barra e esponja, para que sua pele fique bem limpa.



Figura 26: Mulheres cuidando de alimentos. Foto: Genisson Paes, 2023.

Na figura 26, tia Rai e minha prima Alandra cuidam de alimentos que serão consumidos no almoço. Vemos duas cubas com gelo e alimentos, bem como água para o consumo, já que a energia que abastece a ilha Saracá, muitas

vezes, cai e não consegue segurar as geladeiras e os frízeres. Notamos uma máquina de bater açai, item essencial nas residências e um galho de planta pendurado no teto da casa.



Figura 27: Ana Maria lavando roupas. Foto: Genisson Paes, 2020.

Conforme a figura 27, vemos minha avó Ana lavar roupa em um tanquinho de fibra. Eu estou em uma das janelas da cozinha e quando digo que vou tirar

uma foto ela começa a sorrir. Há duas garrafas contendo urucum e uma bacia de alumínio, pendura na parede, usada para lavar roupas. O urucum é retirado das árvores localizadas às proximidades da casa e é feito pelas mulheres de cada família.



Figura 28: Ribeirinhos jogando baralho. Foto: Genisson Paes, 2020.

Na figura 28 vemos alguns moradores do rio Igarapé Grande jogando baralho. A mulher do fundo é minha madrinha e logo atrás o seu marido, meu padrinho e tio. Ele faleceu em 2020, no comecinho da pandemia da covid-19, mas sua morte não teve relação com a doença. As outras pessoas são primos e vizinhos. Vemos também uma corda com roupas e um plástico usando para evitar os respingos da chuva.



Figura 29: Interior do antigo barracão comunitário. Foto: Genisson Paes, 2020.

Na figura 29 vemos o interior do antigo barracão comunitário, também chamado de barracão ou barracão de Santa Maria, a padroeira do rio Igarapé Grande. Como será descrito posteriormente, foi neste barracão que eu e minha tia Laura ouvimos a presença de uma mizura. A construção fica em um terreno que foi cedido pelos meus avós, já que a propriedade foi parte da herança que minha avó recebeu de seu falecido pai.



Figura 30: Fachada da nova igreja católica. Foto: Genisson Paes, 2023.



Figura 31: Interior da nova igreja católica. Foto: Genisson Paes, 2023.

A figura 30 mostra parte da fachada da Comunidade Cristã de Santa Maria, também chamada de comunidade ou barracão, inaugurada no dia 25 de maio do corrente ano. A figura 31 mostra o interior desta comunidade, com sua padroeira localizada no altar central. Ao lado desta igreja está o Igarapé da Pata, conhecido por causa da aparição da Patinha Branca.

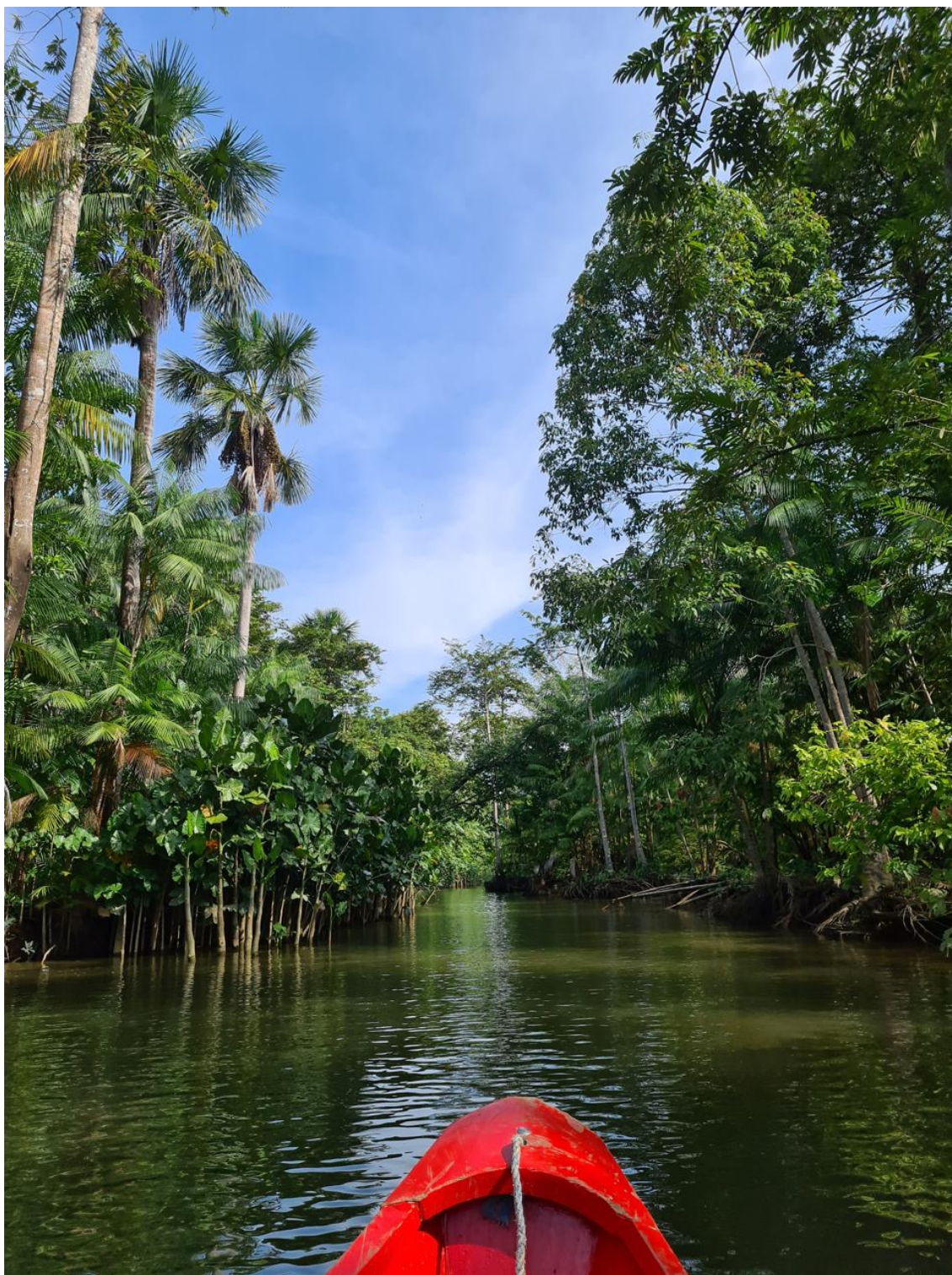


Figura 32: Casco navegando em um furo. Foto: Genisson Paes, 2023.

A figura 32 mostra um pedaço da proa de um casco. O casco foi pintado de vermelho e revela parte da corda que é utilizada para amarrá-lo nas escadas das habitações que ele visita/fica. A embarcação percorre o furo, uma espécie de igarapé que seca completamente, na maior parte de seu comprimento, quando a água atinge a maré seca. Este furo liga o rio Igarapé Grande aos demais rios da ilha. É, portanto, um espaço utilizado pelos ribeirinhos cotidianamente.

Na imagem é possível ver que a água assume uma coloração esverdeada por causa do reflexo das folhas das árvores. Observamos muitos açazeiros, miritizeiros, aningueiras, cacauzeiros e uma diversidade de espécies vegetais que eu não sei identificar. São em espaços parecidos com este, isto é, na beira dos rios, nos furos, dentro do mato, que a maioria dos seres humanos de diferentes corporeidades se revela para quem eles têm o desejo de aparecer.

O mosaico de imagens acima revela um pouco das faces da ilha Saracá. Elas são verdadeiros textos que podem ser lidos e relidos através dos tempos. Afinal, não é de hoje que a antropologia faz uso de imagens. Malinowski e Mead, por exemplo, fizeram uso de muitas imagens no intuito de externalizar a organização social dos povos por eles estudados. Conforme Novaes (2009, p. 16): “De todos os antropólogos que se utilizaram da Antropologia Visual, é certamente Margaret Mead a mais citada e talvez conhecida”. A autora ainda ressalta que: “Na visão de Mead, etnógrafo e câmera devem ser uma única pessoa” (NOVAES, 2009, p. 17).

Bittencourt (1994, p. 230) destaca que “A contribuição que a fotografia faz ao relato etnográfico não consiste apenas no fato dela ser uma técnica que gera imagens perfeitas do real, mas no fato de fotografias serem produtos de uma experiência humana”.

Nesse sentido:

A imagem fotográfica é polissêmica na medida em que ela pode ser lida sem regras predeterminadas. A leitura depende do contexto ao qual a fotografia pertence, mas, se esse contexto, é desconhecido, o leitor pode criar novos significados e inseri-los em uma nova corrente de sentido. (BITTENCOURT, 1994, p. 229)

Na visão de Novaes (2009, p. 19):

Olhar e produzir imagens implica operações mentais complexas, ligadas a nossa vida psíquica e cultural. Percebemos, sobretudo, aquilo que conhecemos do mundo, exatamente aquilo que a linguagem procura estruturar e ordenar. Concebemos o mundo, o espaço, o tempo, a pessoa, a própria noção de imagem, através de valores que

guiam o nosso olhar, nossa percepção e nossa representação, que não são, portanto, atividades universais ou naturais.

Bittencourt, por sua vez, ressalta o caráter subjetivo da fotografia, na medida em que quem está por trás da câmera é um indivíduo de carne e osso que está olhando o mundo tendo como suporte a própria cultura. Nesse interim:

Se a fotografia está embebida em subjetividade no que diz respeito à interpretação das imagens, não podemos negar que a subjetividade está presente também no processo de criação da imagem. Ao apontar sua câmera para o tema da imagem, o fotógrafo seleciona fragmentos de realidade. Nesse processo de seleção, há uma escolha que passa necessariamente pela forma como o fotógrafo interpreta a realidade, existindo uma participação ativa do sujeito produtor da imagem. Ao mesmo tempo, a fotografia mantém seu compromisso com o real e a evidência dos fatos. A essência da fotografia consiste no seu compromisso com o real. Porque a subjetividade do fotógrafo não consegue ultrapassar a capacidade da câmera em capturar formas tangíveis, e porque a subjetividade do espectador em atribuir significados à imagem não é completamente cega, toda fotografia está impressa com uma essência de realidade. (BITTENCOURT, 1994, p. 229)

Portanto, a importância da fotografia para os trabalhos antropológicos, bem como para outras áreas do conhecimento é indiscutível. Não somente porque o registro “captura” o momento, mas porque o que foi registrado ajuda a construir o texto e dá suporte a sua posterior análise. Pode revelar o que o pesquisador “deixou passar”, ou seja, o que não conseguiu ver ou o que não recebeu a atenção necessária durante o trabalho de campo. Por outro lado, a fotografia é um texto aberto passível a diversas interpretações. O leitor e a leitora, por exemplo, podem ver o que não foi visto e podem se atentar ao que ainda não foi revelado, mas que está lá, guardado nas “entrelinhas” da fotografia.

Para mim, a fotografia me deu suporte para construir meu texto, pois me ajudou a contar uma história que conheço em partes. Mostrou ao mundo um pouco da grandeza que é a ilha Saracá, na medida em que traz a baila as pessoas, as casas, as paisagens. Nesse sentido, a fotografia, de alguma forma, transporta o leitor e a leitora, não apenas para dentro do texto, mas para as matas, para os rios, para as pessoas que dão vida a esta tese. Ela também tem o poder de fazer o espectador e a espectadora se sentar na cabeça da ponte para observar quem está passando no rio e de fazê-lo/fazê-la tomar um gole de café ou uma tigela de açaí na companhia de dona Eunice ou de minha avó, por exemplo. Por último, foi delicioso ver e rever as imagens, observar as pessoas

pelas quais tenho grande estima, as águas e o verde da mata que me fazem sentir o cheiro de minha infância e o sabor das férias de verão.

2.2. Construções do passado: A ilha Saracá de antes

Na tarde do dia 8 de janeiro de 2021, de sua rede, localizada dentro do quarto de sua casa de madeira, coberta por telha de barro, situada no rio Igarapé Grande, às margens de um dos tentáculos do rio Tocantins, dona Ana Maria Ferreira Paes, minha avó, nascida no ano de 1935, atualmente com 89 anos, é convidada a me apresentar o passado que povoa sua mente. Minha avó Ana, para mim a “vó” Ana, é uma mulher que teve treze filhos, um destes morreu nos primeiros anos de idade e o outro, não “vingou”, por causa de um peixe de espinhel, já que grávida não poderia comer esse tipo de peixe. Minha avó nasceu na ilha Saracá. É a filha mais velha da união de sua mãe, Bernardina e de seu pai, Hormino Vulcão. Estudou até a quarta série, no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA), localizado na cidade de Cametá (PA). Após a conclusão dos estudos dos filhos de seu irmão, fruto de uma união anterior, e posterior padrasto, bem como a morte do pai, é forçada a abandonar os estudos e a voltar para a ilha Saracá.

Já adulta, minha avó conhece meu avô, Emílio da Cruz Paes, conhecido como “tio” Milico e com ele teve doze filhos. Meu avô nasceu na ilha Saracá. Foi filho de Mima, que morreu após o parto e por isso foi criado pelas tias Joanhina e Santinha Paes. Lembro-me de maneira nítida que meu avô nutria grande tristeza por não ter sido criado pela sua mãe. Após se unir com meu avô, minha avó foi morar no Igarapé Grande, onde reside até os dias atuais.

Por meio de suas memórias, tento reconstituir a ilha Saracá, uma das mais populosas áreas insulares do município de Limoeiro do Ajuru¹².

A ilha que me é apresentada é bastante diferente da que vivi durante parte de minha infância e onde continuo a visitar durante o período de férias e recesso de fim de ano. Essa ilha, antigamente era composta por poucas casas. Naquela época não havia eletricidade, celular e televisão não faziam parte da realidade edificada às margens do Tocantins. Rádios eram alguns poucos que tinham. Funcionavam à base de bateria, levada para a cidade de Cametá para ser

¹² Para maiores esclarecimentos sobre a história e geografia do município de Limoeiro do Ajuru, ver Sena (2007).

carregada, para que os ribeirinhos de Saracá pudessem escutar as músicas e acompanhar as notícias que vinham de diferentes partes do Brasil.

Eram poucas, nesse Igarapé Grande não tinha seis casas! Seis famílias, lá, nas Três Barraca, que falam Três Barracas, eram três casas que tinha. Ficou com o apelido de Três Barracas... Três Barracas, Igarapé Grande, Caverna, ali de novo só tinha três morador, duas famílias. Lá embaixo onde o Orlando morava, tinha de novo duas famílias, que era de um tal de Amandio... Esqueci o nome do outro, do velho. Agora passava ali onde o papai morava, era só o papai, de lá baixava do aquele... Ali onde a Bernarda [irmã] mora, lá é o Abacatal. E lá pra baixo, vai, baixa, lá pra baixo ficava aí onde.... a tainhada, o pessoal do Bereca que moravam, que iam, parece que eram umas cinco casas de novo.... Aí aonde a gente vai, que a Chila [sobrinha] mora, o Paxiba que chamam agora. Abacatal o nome, que vem vindo do Paxiba, daí ele sobe. Aí é nessa ponta onde sobra que é pra dobrar... Te lembrás da casa do Abel [antigo morador da ilha, já falecido]? Aqui esses uns que vão, que agora tem Jane [morador da ilha] ... Aí que dobrava, que era a casa do Abel, tinha a minha madrinha Cota que morava com os filhos; o Chico Viana, que era pai do Domingo Viana, do Gote, desse pessoal, moravam mais pra dentro um pouco do rio. E lá na boca do Gregório, ia indo, desse lado que é a casa do Humpheres [filho], ia indo, lá onde é a igreja, morava o Cazuzá, com a família. Paresque tinham umas três casas dele já com os filhos. Lá no Gregório, que faziam o Gregório, era o meu avô [materno], de um lado e de outro lado morava uma tal de velha Rosa, com dois filhos ou três. (Ana Maria, 86 anos, aposentada)

O relato acima é ilustrador de uma época em que havia poucas casas. As famílias eram bastante limitadas, não havia, portanto, a quantidade presente nos dias de hoje. Mesmo assim, é importante notar que todos os principais rios já eram povoados no passado.

[A ilha] sempre [foi conhecida por] Saracá mesmo, agora tinha esses lugares assim, como eu estou te falando, lá embaixo era Amândio, aqui o Igarapé Grande, ali o Caverna, as três Barraca, era que dado para esses igarapé assim... Gregório na entrada do rio. Já existia esse nome, mas já que esses moradores que vieram paresque primeiro iam dando, né? Mas essa ilha ela não era povoada, logo, logo, não.... Essa gente que vinha, vinha pra pescar. [Essa gente] de todos esses lugares daí, de cima, de Cametá, de município de Cametá, daqui, Limoeiro [do Ajuru], não era cidade, Limoeiro era uma vila [que pertencia a Cametá]. E aí eles vinham pescar, vinham, depois eles davam de fazer aquelas malocas que chamavam, né? Aquela coberta, eles já traziam a mulher, com um ou dois filhinhos, depois foram se localizando. [As pessoas também vinham do] interior de Cametá, de ilhas. (Ana Maria, 86 anos, aposentada)

Dona Raimunda Viana, conhecida como tia Rai, aposentada e moradora do Rio Gregório, disse que “Veio um homem, o nome dele era Saracá, aí ele encostou na ilha (...) aí colocaram o nome da ilha Saracá. Por isso que o nome da ilha é Saracá”. Outro relato, em tom de brincadeira, afirma que antigamente, na ilha, havia uma moça chamada de Sara e que alguém a chamou se utilizando da seguinte frase: “Sara, vem cá”. Essa foi a “origem” do nome da ilha Saracá. Ao que se sabe ao certo, conforme o relato de minha avó, é que os primeiros nomes, como Gregório e Três Barracas, por exemplo, foram nomenclaturas dadas pelos primeiros moradores da ilha.

No caso do rio Gregório acredita-se que um dos primeiros moradores daquele rio se chamava por esse nome. As três Barracas se deve ao fato de que antes só havia três casinhas, ou seja, três barraquinhas. Esse fato foi então incorporado pelos moradores que até hoje se referem ao lugar como Três Barracas. O rio Igarapé Grande talvez tenha sido batizado por esse nome devido ao fato de ser um igarapé grande, isto é, largo e fundo. Não é, portanto, um igarapé, pois não seca, ou seja, não dá para ver o seu leito. Já o rio Paxiba é bem provável que seu nome homenageie a paxiba, uma espécie de “tábua” fabricada a partir dos estípes dos açazeiros e que no passado, era comumente utilizada para a construção de casas, currais, galinheiros, passagens etc.

No passado, Ana Maria disse-me que tudo era diferente. A maioria das casas era construída de açazeiros, o telhado era coberto com folhas da palheira, coletada na ilha ou em lugares circunvizinhos. Quando não conseguiam prego para erguer as casas, os moradores amarravam os açazeiros, as tábuas, com cipós coletados dentro da mata. Os cipós, periodicamente, tinham que ser renovados devido aos desgastes causados pela ação do tempo.

As casas eram todas feias, a maior parte era de açazeiro, coberta com palha, emparedado com miriti, bagaço de miriti e soalhado com a paxiba de açazeiro. Quando tinha, a gente podia, a gente comprava o prego pra pregar, e quando não, a gente amarrava, com cipó ou com tala de miriti. Tudo amarrado e ficava rodando... a gente ia pisando, pisando, quando tinha criança... quando dava, arrebentavam, né? Tinha que ir reamarrar. (Ana Maria, 86 anos, aposentada)

O “feio”, ressaltado no relato acima, é associado ao modo com que as casas eram feitas, já que praticamente todas as casas eram de açazeiros e cobertas com palha. Os açazeiros, devido sua forma cilíndrica, escorregavam.

Por isso a necessidade de amar-los com cipós, com talas retiradas dos braços de miriti e quando possível, com pregos comprados na cidade de Cametá. No geral, as condições financeiras não permitiam a compra de pregos para pregar as paxibas. Por isso se utilizavam cipós e talas de miriti.

Fogão a gás não existia, meu filho. Até quando eu estudei lá, nesse INSA [tradicional colégio da cidade de Cametá], não existia fogão a gás [...]. Tinha motor, mas esse girado, motor que vira com a manivela, né? Nas casas não tinha, em parte nenhuma, energia. A luz era da lamparina, que a gente colocava querosene dentro, o óleo e acendia. [...]. Rádio tinha, na bateria... Era alguns, difícil mesmo tu ver uma casa que tivesse rádio. (Ana Maria, aposentada, 86 anos)

Em praticamente todas as casas se utilizava fogão à lenha. A luz vinha das porongas, lamparinas com pavio longo. O rádio era encontrado em poucas casas, geralmente entre as famílias mais abastardas. Naquela época não existia igreja, escola, nem posto de saúde. Essas construções só vieram com o tempo.

Depois que passou uns tempos que começou a ter nas casas, a comunidade [culto/reza]. Só uma comunidade que tinha, do Cazuzza [antigo morador] e nada mais, aqui no Saracá. Depois que fizeram uma igreja, que [é] essa agora, do Sagrado [Coração de Jesus, localizada no rio Gregório], depois de muito tempo... Meus filhos todos foram batizados na casa do Cazuzza... [a casa do Cazuzza ficava localizada] onde agora é a igreja [católica], pra cá um bocadinho, eles moravam. Quando a gente queria uma missa, a gente ia tratar o padre na cidade, eles vinham, então eles vinham em qualquer casa da gente... Mas era pago. (Ana Maria, aposentada, 86 anos)

Naquela época

Não tinha grupo [escolar], só tinha algumas casas que o papai pagava professora, na casa particular, assim, num existia grupo. Depois de um certo tempo que veio começar a ter. O primeiro grupo que teve era Jucundino Pereira Vulcão, era meu irmão, por parte de pai. Depois que caiu [que foi desativado] esse grupo e ele morreu [o irmão Jucundino], aí que eles fizeram este um que agora está [se referido à Escola Vilma de Nazaré Mendes, inaugurada no ano de 2002]. [...] Ele [o irmão] tinha morrido, então, quando fizeram esse grupo, colocaram, a prefeitura colocou o nome dele. Quando terminou, que fizeram esse outro grupo aí, tiraram o nome dele, ficou já da Vilma de Nazaré, que foi uma professora da ilha, filha da Zirda, morreu nova. [Jucundino] morreu velho. Meu pai deu o nome porque ele foi o segundo herdeiro, sabe? Que o papai foi o primeiro... das terras dele daí, que ele comprou, né? (Ana Maria, 86 anos, aposentada)

Estudei em uma dessas escolas que funcionavam na casa de um dos moradores da ilha. Passei por duas casas: a casa dos meus padrinhos e a casa da Bete, localizadas no rio Igarapé Grande. Em ambas as situações o ensino era multisseriado, ou seja, em um único compartimento eram colocados alunos de diferentes séries, pois não havia espaço, tampouco alunos suficientes para que a oferta fosse organizada de outra maneira. Aliás, sobre essa experiência eu recordo um dia em que tive que chegar à casa de meus padrinhos para ter aula, o Igarapé da Pata estava cheio e eu tinha que atravessá-lo. Dei uma olhada para ver se conseguia passar por cima de algo sem que me molhasse, mas como não consegui, tive que me despir por completo. Ao chegar à outra margem, espanei a água com a mão, vesti a roupa e fui direto para a escolinha.

Ao compartilhar sua percepção de um passado reconstituído pela memória, minha avó conta como foi o percurso percorrido por seu pai, até chegar a construir sua morada na beira de um dos rios que hoje lava seus cabelos brancos.

O Saracá, pra bem dizer, mesmo, totalmente era bem poucos terrenos que não eram do papai. Tudo, tudo, era dele. [O papai veio] daí de cima... [nasceu no Itanduba, que pertence a Cametá], do Itanduba ele já se colocou num lugar que chamam Martelo, pra essa outra ilha, do Xingu [pertencente a Cametá] ... ele comprou essa terra lá... De lá ele casou, que ele comprou essa terra e aí ele... ele era cortador de seringa, ele foi pras ilhas, cortar seringa pra lá, pra tirar essa dita borracha defumada, que lá disque, disque não, foi verdade, que ele achou dinheiro em ouro... porque ele tinha o depósito, um negócio grande, assim, de tampa de mármore. Tinha dez quilo, pesava, a gente metia açúcar dentro, ele tirou cheinho de ouro. [Ele achou] lá nas ilhas, ele foi cortar seringa pra lá.... não era ilha, ilha, era varjão, essas varjas grandes [terra firme]. Quando ele achou e tirou esse dinheiro, ele não foi pro outro ano cortar, ele só cortou dois anos seringa pra lá... Depois dele achar o dinheiro ele se aquietou, aí que ele veio comprar terras pra lá, ele tinha muitas terras aí pra cima [região de Cametá], comércio muito grande, nesse Martelo. Depois, ele era muito femero, ele tinha as mulheradas, ele veio, até que se localizou pra cá [ilha Saracá]... mas não com a mulher verdadeira dele, que era a mãe do Juquinha. Juquinha, Remuardo e Erundina eram os filhos de casal.

O relato acima ilustra um pouco das andanças que muitos percorreram até chegar a fazer das ilhas, seu local de morada. Como fica evidente, o pai de minha avó é filho de terras cametaenses, cidade esta localizada à uma hora de distância de lancha da ilha Saracá. Creio que seja importante destacar que no

passado as distâncias eram maiores, as embarcações eram mais escassas, não tendo a velocidade que muitas de hoje em dia alcançam.

Também é importante salientar o fato de que o pai de minha avó era um dos poucos que, na época, detinha parte significativa do território da ilha. Como frisa, seu pai era dono de muitas extensões de terras, não somente na ilha Saracá, mas em outras localidades vizinhas. Como dito, essa ocupação inicia com a chegada de pescadores que ao buscarem novos locais de pescaria, identificavam novas ilhas. Muitos desses pescadores chegavam e quando percebiam que determinadas áreas não tinham proprietários, se autointitulavam donos. Logo depois, quando tinham condições, compravam áreas de seu interesse. O pai de minha avó tinha muitas extensões de terra porque era um homem muito rico. Ele foi comprando com os bens que tinha os terrenos de seu interesse. No passado, isto é, há mais de cem anos, a ilha Saracá não tinha tantos moradores como hoje.

Ele [o avô Hormino Vulcão] tinha terreno em vários lugares, Cametá Tapera, aqui em Cametá, muitos lugares ele tinha terreno, Xingu [Cametá], parece-me...

O vovô, ele não deixou terreno, assim, dividido pros filhos, porque na época que ele morreu, os filhos estavam tudo pequenos, bem pequeno mesmo. Aí, a vovó ficou com esses terrenos tudinho, aí quando o velho morreu, ela se juntou com o velho Juquinha, que foi irmão da mamãe de pai e padrasto da mamãe. Aí que quando o velho Juquinha morreu, ficou só a vovó, com o tempo, eu já existia, quando a vovó dividiu os terrenos com os filhos. Então ela dividiu com os filhos.

(Eliana Paes, 50 anos, minha mãe, filha de Ana Maria).

Após a morte do segundo marido, a mãe de minha avó dividiu os terrenos entre os filhos. Como uma das herdeiras, minha avó recebeu sua parte, juntamente com os quatro irmãos. E quando os filhos de minha avó se tornaram adultos, a maior parte já tinha família, os terrenos foram divididos entre os onze filhos. Todos receberam extensões significativas de terra, o que confirma que Hormino Vulcão, pai de minha avó, realmente era detentor de muitas terras na ilha Saracá.

Mas por que Hormino Vulcão tinha muitas terras? Minha avó disse-me que seu pai achou dinheiro, muito dinheiro¹³, o que pode ter sido um dos fatores que tenha contribuído para a aquisição de terras.

¹³ Minha avó contou-me que seu pai achou dinheiro, na época em que trabalhava como seringueiro. Posteriormente fez pacto com o diabo, o que lhe propiciou uma vida estável e

[Meu pai] era grandão, branco, loro, brancão mermo.... A mamãe era do Cuxipiarí [ilha pertencente à] Cametá. Ela nasceu lá [no] Mapiraí, fica perto de Cuxipiarí, mas ela se criou lá, ela nasceu lá, depus elas se mudaram aí, pro Cuxipiarí. De lá que ela veio rodando com o meu avú, colocaram aí na boca do Gregório, de lá ela teve. Ele [o pai] conheceu mamãe aí mermo, aqui no Saracá. [Mamãe veio parar no Saracá] por causa do meu avô, que ele veio de lá, do Cuxipiarí, com negócio de pesca, se mudou pra cá, se apossou também de terras, sabe? Essa ilha num fui vendida, nem nada, nunca compraram, cada um que vinham, tomavam conta... De lá que eles iam, cada qual, fazendo, como queriam mandar fazer... (Ana Maria, 86 anos, aposentada)

Ana Maria sugere que foi por meio da atividade pesqueira que muitas ilhas foram povoadas. Os pescadores chegavam e se “engraçavam” por determinado pedaço de terra. Faziam uma pequena construção na beira do rio e em outro momento, já vinham com a família, cachorros e papagaios. Os recém-chegados se apossavam da porção que se interessavam e assim davam origem a um longo processo de ocupação que foi passando de pai para filho até os dias de hoje. Naquela época era assim, não havia problema, bastava construir a morada e trabalhar pelo pão de cada dia. Nesse sentido, o trabalho e o afeto são dois elementos que contribuíram diretamente para a ocupação de ilhas até então “isoladas” ou “pouco povoadas”.

Abaixo há uma breve descrição de como se deu a chegada do pai de minha avó, na ilha Saracá:

Ele [o pai] veio primeiro só ele, ele se juntou com a Izabel Tavares, que era a vó desse Aldo Vulcão [sobrinho]. Quando papai veio, namorando ela [Izabel Tavares], quando eles se mudaram pra cá, ele trouxe ela, também, ela era lá do Acaracará [Cametá]... Teve uma filha com ela, que é a Aidê, que era mãe do Ardo e papai mandu fazer uma casa lá na boca do Paxiba, lá ela murava com ele.

[Quando o pai chegou, construiu casa] aí onde a Bernarda [irmã caçula de minha avó] mora, de lá ele vivia com esse Dicão, esse Dicão era sobrinho dele e filho de criação. Aí também, ele começou a gustá da mamãe, que ele ficou com a mamãe, mandu fazer essa casa onde a Bernarda mora, viveu aí com a mamãe. E essa Maria Orina era aqui onde o Jinias [antigo morador] murava, no Caverna... [O pai tinha] Três mulheres, quatro com a Madalena, que essa Madalena que era mãe do Honofre, do Pretinho, essa gente... Essa Madalena era lá de Boa vista [Marajó], ele trouxe ela. Daí ela murava lá no Caracará, essa Madalena, que ele teve uns quatro, cinco, paresque ou seis filho com ela... Lá ela morreu, morreu pra lá. Ela num chegou a murar pra cá [Saracá]. Pra cá foi só a mamãe, essa Maria Orina e a Izabel Tavares.

confortável durante muito tempo. Essa narrativa será apresentada de maneira detalhada em momento oportuno.

O relato acima sugere que o pai de minha avó foi se apropriando aos poucos de parte da ilha Saracá. Como dito anteriormente, as pessoas chegavam e se apropriavam de parte do território que lhe agradavam. Se determinado pedaço de terra não fosse ocupado, não havia problemas em reivindicá-lo para si. Foi esse o caminho que muitos se utilizaram. É o caso do pai de minha avó e dos primeiros moradores da ilha.

Hoje, ao me sentar na cabeça da ponte, vejo um fluxo constante de rabudos, embarcações motorizadas, barcos, com ou sem tolda, voadeiras. Os cascos já são poucos, com o tempo perderam espaço para as embarcações acima mencionadas. No passado, minha avó disse-me que:

Tinha casco, tinha só mesmo ele, o casco, com motor, mas esse motor de assento, num tinha rabudo, num tinha disso ainda... Era tudo no óleo diesel, que funcionava. Mas não era tudo que tinha [barco a motor], num era, era difícil, bem pouco... Nessa época era o Juquinha [irmão e pai de criação] que tinha, a Antônia do Eusébio [antiga moradora], que murava aí nas Três Barraca, tinha o motor, depois o Pedro Xavier... Não eram motores grande... O papai que tinha duas lanchas grande, que era movida com lenha, que era a saracaense, que era a menor, mas elas eram grandes, mas a saracaense era menor... tinha cobertura, tudinho, desde banheiro. E tinha a lancha Vorcão, que quando eles entravam na boca [do rio], antes de entrar dentro do Gregório, eles davam uns apitos que chegava de ouvir a ilha inteira... Mas era tudo movido com a energia da lenha, caldeira.... (Ana Maria, 86 anos, aposentada)

Antigamente, o açai não tinha a importância econômica que possui hoje. Chegava a se estragar nos portos da cidade de Cametá, pois muitas vezes não havia quem o comprasse. Quando isso acontecia, o conteúdo da rasa era despejado nos portos das feiras da cidade. Quando não, se estragava no mato. Os papagaios é que faziam a festa. Naquela época, as pessoas trabalhavam principalmente com a coleta de seringa para produção de borracha e a coleta de cacau.

De acordo com Santos (1980), após inicialmente ser apreciada como objeto de curiosidade pelos europeus, a demanda internacional pela borracha da Amazônia começou a ocupar um lugar de destaque no século XIX e isso se acentuou ainda mais nas primeiras décadas do século XX. Conforme Sena (2008, p. 91):

Vivia-se a era do automóvel e da borracha, e o mundo precisava da matéria prima a qualquer preço. Durante o século XIX, praticamente

toda borracha natural consumida no mundo era originária da Amazônia brasileira, levando o produto a competir com o café na formação do PIB brasileiro.

A demanda por borracha afetou o crescimento da população amazônica. Atraiu migrantes oriundos, especialmente, da região nordeste do Brasil, e imigrantes vindos das mais diferentes nacionalidades. Conforme Loureiro (2015, p. 16), os imigrantes vinham “atraídos pela possibilidade de fazer fortuna ou, pelo menos, de melhorar de vida nos trabalhos da borracha”¹⁴.

A ilha Saracá era um seringal. Antigamente havia muita seringa no mato, mas é claro, as seringueiras não se encontravam de forma homogênea, como nas áreas de monocultivo, mas espalhadas pelo mato, pois foram plantadas pela natureza e não pelo homem. Minha avó Ana disse-me que meu avô Emílio Paes, seu marido, conhecido por Milico, trabalhava no corte da seringa e juntava uruá. O corte da seringa consistia em extrair o látex da ilha e vendê-lo aos comerciantes locais. Quando conseguia uma cambada de uruá, vendia para os moradores. O uruá era utilizado como recipiente para armazenar o leite, o “ouro negro”, que descia das veias da seringueira, a “árvore que chora” (BAUM, 1946). Consistia em amarrá-lo na árvore, de forma suspensa, para que o leite ficasse armazenado no seu interior.

Eu vi o pessoal, o Milico, quando casei com ele, ele inventou de cortar, mas ele cortava com a gente dele, ele cortou muita seringa com eles. [Aqui na ilha] muito! Muita gente [cortava]! [Tinha] muitas árvores de seringueiras, o velho Vulcão, o Juquinha que tinham terras, né? Tinha estrada, 120 seringueiras formavam uma estrada, uma estrada era roçada, demarcado lá 120 seringueira. Agora cada um que vinha... os cortadores de seringa né, alugavam, né?... Quando é, por tanto, por mês. Aí eles davam duas refeições, que chamavam, né? Tinha primeira, quando chegava no toco dessa primeira que vem certo aquele nó, aquela cortação assim, em linha certa. Depois tornava arribar pro outro lado já, outra aquele que vinha. [...] era, na ilha, nos centros, nas várgeas, tudinho era assim. As árvores eram assim, como tá aí pelo mato, espaçosa, só ia fazendo caminho, sabe, até chegar lá no toco.

Ela era nova a Santinha [tia e mãe de criação de meu avô Milico], nesse tempo que eles cortavam seringa, ela estava novinha mesmo, Santinha, Borboleta [moradora do rio Igarapé Grande]... Pessoal do velho Alípio, a Lourdes Paes, a Zita, Perulita, essas cortavam seringa... Nhuca com a família, o velho Machico com a família, eram cortadores no verão, da seringa... Era só no

¹⁴ Do ponto de vista literário, há um belo romance que ilustra o trabalho nos seringais, ver: Ferreira de Castro (2014).

verão, porque a chuva vinha e não prestava. (Ana Maria, aposentada, 86 anos)

O pai de minha avó Ana foi um importante comerciante da ilha Saracá, pois contratava moradores da ilha para trabalhar em suas propriedades, especialmente para a coleta de seringa e de cacau¹⁵. Também comprava a produção de cacau de outros moradores da ilha para vender nas cidades de Cametá, Abaetetuba e na capital Belém.

Ele [o pai de minha avó, Ana] fazia viagem pra Cametá, Belém, Abaetetuba... A gente dele [do pai] quando iam, levavam a produção dele, né? Borracha, cacau, essas coisa... Ele comprava do trabalhador, tinha a mercearia, sabe, comprava, comprava e tinha a parte dele, do terreno, ele comprava a parte do trabalhador... Quando dava uma barcada, ele ia levar... Ele comprava em lote, açúcar, café a vortado e jugava lá... pirarucu, charque, muito charque, feijão. [Comprava] em Cametá. [Compra] só pro consumo da família e pros trabalhadores que trabalhavam com ele, no mato dele. [Ele contratava os trabalhadores] pra fazer a coleta da seringa, da ucuuba, do azeite, da pipoca, a fruta da seringa, da lolota. [As pessoas que trabalhavam eram daqui da ilha], homem, mulher, [criança] também pelo meio que já dava conta de ir e vai lá.... Eu tinha uns dez anos pra frente.... Meu pai [já trabalhava] desde muito tempo, até quando eu era menor, mas eu me lembro, de dez anos pra frente eu me lembro. Quando o papai morreu eu estava muito criança, eu estava com onze anos. (Ana Maria, aposentada, 86 anos)

Os relatos de minha avó são reveladores das atividades econômicas desenvolvidas no passado, na ilha Saracá. Apontam indícios que são importantes para a compreensão das relações de trabalho e lazer. Deixam evidentes que os trabalhadores contratados eram residentes da ilha Saracá. Que trabalhavam diretamente para o senhor Hormino Vulcão ou que vendiam sua produção para este. Esses trabalhadores eram homens, mulheres e até crianças. Minha avó sugere que as crianças ajudavam seus pais nas atividades laborais e que esta participação era considerada natural, na medida em que o trabalho infantil, na época, era percebido como ajuda, não tinha, portanto, a carga negativa que hoje assume em diferentes contextos.

¹⁵ Conforme Almeida (2010, p. 294): “A exploração do cacau e a seringa configuraram a cena econômica por longos anos na região de Cametá, até meados da década de 1970. Seguida da exploração madeireira, que antecipou a monocultura da pimenta-do-reino, duas matrizes em demasia caras ao equilíbrio ambiental”.

De modo geral, o trabalho ocupava parte significativa da lida diária dos ribeirinhos da ilha Saracá. As pessoas viviam pelo mato, acordavam nas primeiras horas da manhã, logo após o cantar das saracuras, uma ave que “chama o dia para amanhecer”. As famílias trabalhavam no corte de lenha, cuidavam das plantas, das frutas. Minha avó, por exemplo, levava os filhos para trabalhar no mato. Quem já dava conta, ajudava no que podia. Os filhos mais velhos, especialmente as meninas, ficam “reparando” a casa e as crianças menores. Quando não, iam juntamente com os demais, apanhar açaí, levar os feixes de lenha para casa; confeccionavam paneiros para agasalhar as plantas, para vendê-las nas cidades de Cametá, Abaetetuba; as frutas eram preservadas para serem trocadas por alimento, principalmente açúcar, café, farinha. Muitas vezes eram colocados pedaços de malhadeira (rede de pesca), ao redor das árvores frutíferas, para que os morcegos não as comessem.

Minha mãe disse-me que sua mãe não deixava seus filhos comerem as frutas, pois estas eram cuidadas com muito zelo para serem comercializadas e trocadas por produtos que a família não conseguia produzir. Era por isso que, muitas vezes, minha mãe comia fruta às escondidas. Muitas dessas frutas eram trocadas com um comerciante da cidade de Cametá, que recebia os paneirinhos de jambo, miriti, ingá, manga e tantos outros e em troca fornecia café, açúcar, leite etc. Era uma troca que beneficiava a todos, pois as pessoas da cidade eram “loucas” pelos sabores da ilha.

Em relação às atividades econômicas desenvolvidas na ilha Saracá, não havia, portanto, especialização do trabalho. Todos participavam de praticamente todas as atividades. E como já dito, no passado, o açaí não era importante do ponto de vista econômico, mas sim o cacau, especialmente o cacau, juntamente com a ucuuba, a andiroba, o plantio de plantas e a criação de animais.

O exposto acima pode ser visualizado a partir do depoimento que se segue:

A gente trabalhava na casa, no mato, desde criança. Desde quando a gente se entendeu, a gente sempre trabalhou. A mamãe ensinou pra nós... do Nilson [segundo filho], porque o Humpheres [filho mais velho] não morava com ela, né? Até na Joana [irmã], que a gente, de manhã, levantava cedo, aí tinha aqueles tambor de alumínio, né? Aberto por cima, a gente tinha que encher água nele e deixar a cozinha tudo cheia, todas as vasilhas, tudo no balde pequeno, de cuia... tinha que carregar água, num tinha vasilha grande... carregar água e deixar tudo

cheio, no jirau, molhar as plantas, todos os jiraus de planta, que a gente plantava muita planta pra vender. Aí, era planta, de enfeite, planta que dá, abacateiro, limão, que dá fruta, a gente plantava tudinho pro papai vender no Abaetetuba. Aí a gente molhava todas as plantas, tinha que apanhar açaí pra deixar e aí a gente corria, jogava uma água nos nossos dentes, com cinza, porque não tinha creme dental, nem escova. E aí a gente tomava só um gole de café preto, pra sete horas estar na escola, lá no outro rio. Aí a gente ia no casco, num tinha nem roupa pra vestir, nada. Aí a gente, quando chegava de lá [da escola], isso de segunda à sexta, quando a gente chegava de lá, a gente comia, lavava todas as louças que tinha, aí daí a gente não descansava, a gente trabalhava. De tarde a gente ia embora pro mato, apanhar açaí, juntar seringa [lolota/semente da seringa], ucuuba... pra vender. Azeite pra mamãe cozinhar, pra tirar o líquido, o óleo pra vender. Aí a mamãe fazia sabão de cacau, queimava casca de cacau pra fazer sabão. Aí a gente tirava lenha, a gente pegava paxiba, que é na paxiba do açazeiro, do miritizeiro, era mais rápido pra queimar, pra gente queimar a casca e meter fogo nos tachos grande de azeite, que cozinhasse azeite, pra tirar na colher. Aí a gente não tinha sossego. Quando era de tarde, a gente jantava, porque comida, graças a Deus, nunca faltou. Porque era farto o Saracá, tinha peixe. Ou então a gente bebia mingau e se contentava com isso. Era isso. A gente trabalhava na casa e no mato. A gente não tinha descanso... Sábado e domingo, cedo, a gente pulava, trabalhava junto com a mamãe. Fazia lenha no mato, carregava. Apanhava açaí, trazia folha pro porco, cortava miriti pra porco. Tudo isso a gente fazia (Elia Paes, 50 anos).

Naquele tempo:

Num tinha nada, meu filho, de nada de lazer, nem nada, tinha esses barcos que entrava, marreteiro que vinham, compravam as coisas que tinham... borracha ou peixe que salgavam muito, num tinha aquele tempo gelo, tinha que cuidar, retalhar esse peixe, pra salgar, noutro dia tinha que ressalgar pra arrumar nos cestos [aí] o marreteiro passava, levava.... Era a lavoura da gente, a gente sobrevivia. (Ana Maria, aposentada, 86 anos)

De lá pra cá muita coisa mudou. Assim como as demais sociedades do globo, a ilha Saracá mudou bastante. Sofreu, direta e indiretamente, com as transformações internas e externas, especialmente com a construção da usina hidrelétrica de Tucuruí, com a desvalorização da borracha, com a chegada da televisão e com a grande importância do açaí.

3. “A ILHA ENCANTADA”: ASPECTOS DA ONTOLOGIA RIBEIRINHA NA ILHA SARACÁ

Para Almeida (2010, p. 291), “A floresta é um mundo de gente, olhares, saberes, cores, cheiro e histórias”. E como dito, o mundo “invisível” aflora por meio de encontros, cheiros, sons e sonhos. Estes são os “canais” e/ou “espécies de portais” pelos quais o mundo das visagens, dos “bichos visagentos”, como destaca o antropólogo Eduardo Galvão, se releva. Pois “A natureza é material e é também sobrenatural todo o tempo” (VAZ FILHO, 2013, p. 20).

De acordo com Rodrigues (2012, p. 59):

A percepção da natureza apresenta-se na forma de um jogo de interpretações e significados simbólicos que traduzem as diferentes experiências do cotidiano e da experimentação que constrói o saber e uma imagem mental por meio de um processo social. Imagens mentais são formadas a partir de processos sociais, tanto cognitivos, como sensitivos ou perceptivos. Trata-se da representação da realidade a partir de valores e significados dos sujeitos numa constante interpretação do lugar.

Minha avó me contou que antigamente quem vivia no fundo do rio era o tralhoto (*Anableps anableps*) e não a pescada (*Cynoscion leiarchus*). Certo dia, o tralhoto emprestou sua pedra para que a pescada experimentasse como era viver no fundo do rio. Ela então a pegou emprestado, mas nunca a devolveu. Desde então o tralhoto vive na flor d’água e a pescada no fundo. É por isso que a pescada tem um par de pedras na cabeça.

Outra narrativa diz respeito ao peixe chula (*Syacium papillosum*), em outros contextos conhecido como linguado. Segundo minha avó, a chula era um peixe que remedava a sua madrinha, isto é, a imitava. Como castigo, ficou com a boca torta. Minha avó também me disse que quando a chula é assada, não se pode rir dela, pois sua carne fica aguada, ou seja, molhe, fator que acaba comprometendo a qualidade de seu sabor.

As duas narrativas acima também foram identificadas e analisadas por Maria Pereira (2024), entre os ribeirinhos que vivem nas ilhas localizadas no município de Abaetetuba, estado do Pará. São, portanto, maneiras de interpretar o comportamento de três espécies bastantes comuns na ilha Saracá. Nesse interim, a pescada, o tralhoto e a chula entram no sistema de interpretação da ilha Saracá como peixes que tiveram a sua natureza alterada. A chula, por exemplo, era um peixe “normal”, ou seja, não tinha a boca torta, mas o seu comportamento inadequado fez com que sua fisionomia se alterasse, sofrendo

uma espécie de castigo, provavelmente provocado por Deus, que se perdura até os dias de hoje. O tralhoto confiou muito na pescada e devido a isso, perdeu algo precioso, ou seja, a pedra que o fazia afundar. Na prática isso corrobora com a ideia de que infelizmente nós não podemos confiar demais nas pessoas, pois podemos sofrer as consequências de nossas ações.

Os ribeirinhos da ilha Saracá também acreditam que a ilha em que vivem não é unicamente habitada por eles, mas por outros seres que compartilham o mesmo rio, os mesmos igarapés, as mesmas árvores. Estes seres estão entre as folhas da mata, perto dos furos e dos igarapés, ao redor das casas. Pisam no mesmo chão, tocam as folhas, cruzam os mesmos caminhos que os ribeirinhos utilizam no dia a dia, quando transitam para realizar suas atividades. Tomam banho de rio, andam de casco, vão às igrejinhas, participam das festas. São seres que aparecem quando querem e para quem querem porque assim como nós, eles têm vontade própria.

Não se trata, portanto, de um mundo a parte ou de outro plano, mas do mesmo. Situação similar a esta foi identificada por Maria Pereira (2024), ao estudar as ilhas localizadas no município de Abaetetuba, estado do Pará. Conforme a autora:

Os não humanos de Santo Afonso não têm um esconderijo, ou outro mundo, ou terra, acima ou abaixo desta em que vivemos, eles de fato dividem o mesmo mundo conosco. Por isso, digo tratar-se de um mundo único co-habitado. Eles estão entre os ribeirinhos, seja no Pirí, nos matos, nos rios ou igarapés, de modo que sua manifestação pode ou não ocorrer. (PEREIRA, 2024, p. 121.)

Embora os seres não-humanos da ilha Saracá passem a maior parte do tempo “invisíveis”, isto é, escondidos ou usando uma “roupa” que os encobre de nossos olhos, estes seres se deixam revelar em determinadas ocasiões ou “esquecem” de usar a “roupa” que os camufla dos olhos do grupo em questão. Quando aparecem, surgem na forma de gente, de bichos ou em alguma forma difícil de identificar, pois muitas vezes não se apresentam diante dos olhos, mas por meio de cheiros, sons.

Conforme Maria Pereira, em relação aos seres não humanos das ilhas de Abaetetuba, estado do Pará (2024, p. 122):

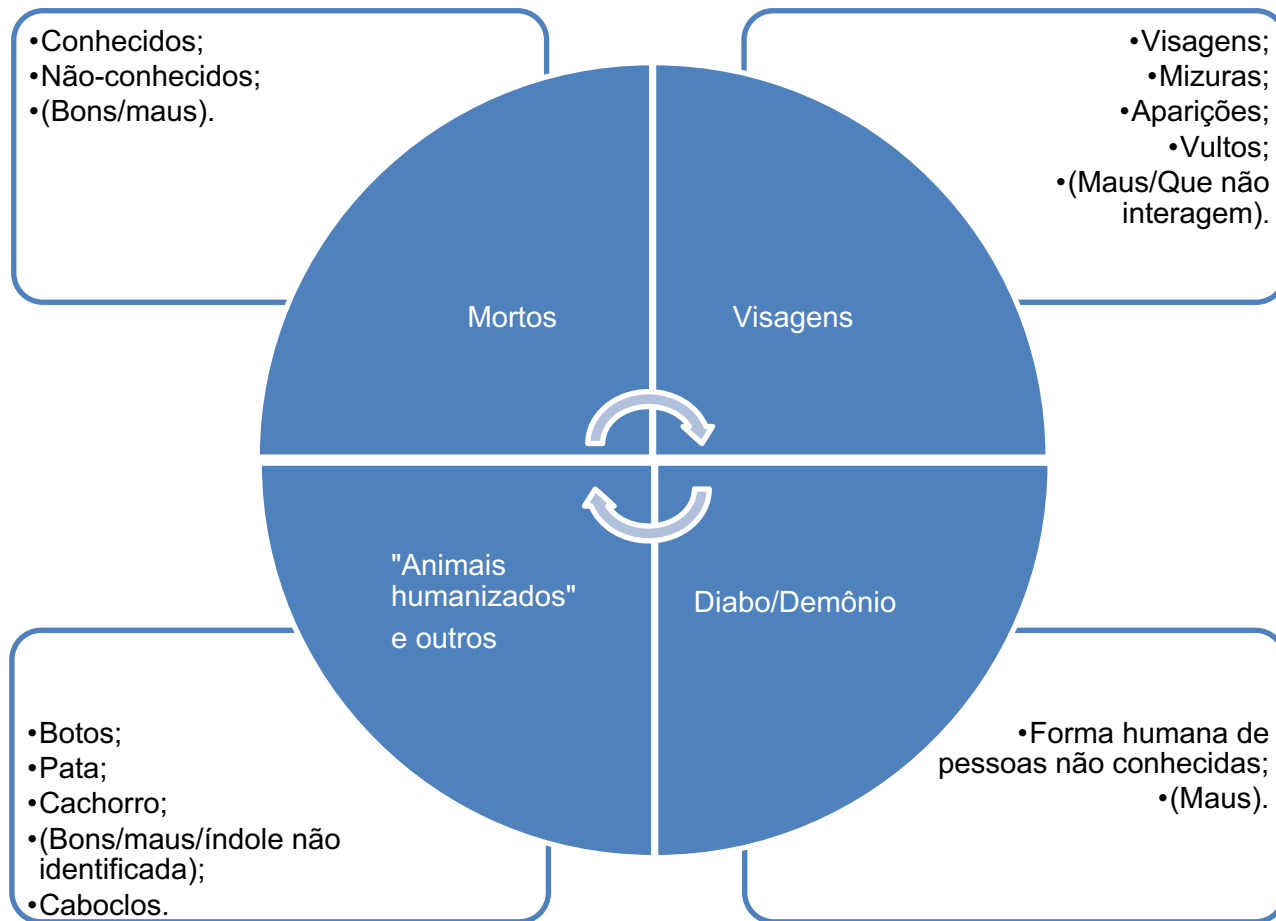
Esses seres apresentam sociabilidade e senciência, comunicando-se entre si e com todos os seres da natureza, inclusive nós humanos. Como sinal de sua sociabilidade e, principalmente, senciência, exigem respeito na convivência, não gostam quando as pessoas deboçam ou

as imitam. Caso percebam algum tipo de desrespeito, eles perseguem e fazem sentir a presença constante próxima, causando desconforto.

Em Saracá estes seres não aparecem para todos os ribeirinhos da ilha, mas, sobretudo para aqueles que burlam determinadas regras sociais, bem como para os que aparentemente não causaram nenhum mal e/ou fizeram o que não deveriam. Conforme Vaz Filho (2013, p. 21): “Há locais e horários mais propícios às manifestações dos encantados e das forças sobrenaturais (...) Os horários propícios às manifestações dos moradores do mundo invisível são seis da manhã, meio-dia, seis horas da tarde e meia noite”. Como dito, estes seres geralmente aparecem na mata, dentro do rio ou no próprio sonho, essa esfera da vida onde tudo é possível. A mata e os rios são os lugares “onde moram seres espirituais *encantados*. Ela é o ponto de contato dos humanos com um mundo místico e mágico, expresso através de inúmeros mitos e contos fantásticos” (VAZ FILHO, 2013, p. 23).

Alguns destes seres aparecem e simplesmente desaparecem, sem dizer nada ou sugerir algo. Outros olham nos olhos, passam por perto, fazendo com que o corpo do ribeirinho trema de medo e sinta uma espécie de energia que tudo arrepia. É nesse intervalo de reconhecimento de que algo ruim está acontecendo que os ribeirinhos da ilha Saracá têm a chance de escapar do encontro e voltar para a segurança de suas casas.

Visando facilitar a compreensão, abaixo há uma representação dos seres que tive acesso, por meio de entrevistas, durante o meu trabalho de campo. Conforme o gráfico, os seres não-humanos podem ser divididos em quatro categorias: mortos; visagens; diabo/demônio; animais humanizados e outros. Os mortos aparecem na forma de pessoas conhecidas ou desconhecidas; as visagens surgem na forma de gente, podem ser mizuras, isto é, aparecer sem um corpo “visível”, mas sentido por meio de outros sentidos. Podem surgir na forma de aparição, isto é, aparecer rapidamente e logo sumir. Já o vulto é uma visagem que passa voando, se consegue vê-la de relance, pois ela aparece como uma rajada de vento. É mais rápida que a aparição. Há também o próprio diabo/demônio que se manifesta na forma humana. Pode ser ele mesmo ou algum demônio sob seu comando. Por último, há animais com propriedades humanas. Em seguida há um quadro detalhando as especificidades de cada um deles. Posteriormente, seguem análises sobre os seres identificados.



Representação dos seres não-humanos presentes na ilha Saracá. Elaborador por: Genisson Paes, 2024.

Quadro de seres não-humanos presentes na ilha Saracá:

O que são:	Como aparecem:	Onde aparecem:	Para quem aparecem:	Exemplos:
Mortos	Na forma de pessoas desconhecidas.	Em locais públicos	Para pessoas comuns, desconhecidas.	O caso da defunta da festa do Pilar.
Mortos	Na forma de pessoas conhecidas.	Em locais privados, na casa, em sonhos.	Para parentes mais próximos, como mães e irmãos.	São os casos do irmão de minha avó e do filho de dona Eunice.
Animais humanizados	Na forma de animais, como patos e cachorros.	No rio, dentro da mata.	Para pessoas comuns, durante atividades laborais.	A pata do Igarapé da Pata, o cachorro passeando na mata.
Visagens	Na forma humana.	Dentro da mata.	Para pessoas comuns, durante atividades laborais.	São os casos do homem negro encontrado pelas “avós” Santinhas e Joaninhas e do moleque encontrado por meu avô.
Visagens	Na forma de pessoas idosas e de aparência grotesca.	Aparecem durante o sonho.	Para pessoas comuns, especialmente as menos corajosas.	Caso do tesouro sonhado por minha madrinha Deusinha.
Mizura	A forma física é desconhecida.	Dentro da igreja, na beira dos furos e igarapés.	Para pessoas que estão desenvolvendo alguma atividade ou se deslocando dentro da ilha.	A mizura do barracão, as crianças que choram na beirada.
Mizura	Aparecem na forma de socos e tapas.	Dentro da mata, dos igarapés.	Para pessoas que estão trabalhando fora de hora, ou	É o caso da que fora encontrada pelo marido da neta de dona Eunice.

			seja, ao meio-dia e a partir das 18 horas.	
Mizura	Na forma de conversa.	Dentro da mata, perto da casa.	Para donas de casa que estão sozinhas ou com filhos pequenos.	O caso da mizura que pediu o casco e o remo emprestados.
Botos	Na forma humana.	Na ponte da casa, dentro da mata, pulando no rio, nas festas.	Para praticamente todas as pessoas da ilha.	São os casos do visto por meu irmão Geovane e dos que meu avô enxotava da cabeça da ponte.
Diabo/ Demônio	Aparece na forma humana.	Dentro da mata, em sonho, na casa.	Para jovens, pessoas ambiciosas.	O caso do meu bisavô.
Caboclos	Forma não identificada.	Dentro da mata.	Para dona Emília	O caso dos caboclos que faziam companhia para a “tia” Emília.

3.1. A Pata do Igarapé

De acordo com os ribeirinhos da ilha Saracá, as visagens geralmente aparecem na beira dos furos, dentro da mata, ao redor ou dentro da casa. Isso significa dizer que não há um local específico, isto é, do gosto da visagem. Ela aparece onde dá na telha, ou seja, onde bem entende. A visagem pode assumir diferentes formas, como a de um animal indefeso, como no caso da pata do Igarapé da Pata, que sempre aparecia em forma de uma pequena pata branca que saía de dentro do igarapé, localizado no Igarapé Grande e que ia para a boca do rio. Não se sabe ao certo o que para lá fazer.

A Pata do Igarapé da Pata é um dos relatos mais conhecidos. Segundo este relato que a mim foi contado pela minha avó Ana e pelo meu avô Milico, a pata é uma visagem que se manifesta na forma de uma patinha branca. O animal era pequeno e geralmente o viam sair de um pequeno igarapé, hoje chamado de Igarapé da Pata, localizado no Igarapé Grande.

Essa pata saía de dentro do igarapé e ia na direção da boca do rio, onde o Tocantins é mais largo. Ali a pata nadava e ficava boiando, como se saísse para tomar banho e brincar com as águas do rio. O animal era visto pelas mulheres, senhoras, donas de casa e por homens, pescadores e extrativistas. Há um relato, compartilhado por minha avó que diz que em uma determinada noite, dois pescadores foram na direção do rio, pescar. Lá atravessaram a rede e após alguns minutos, uma pata branca apareceu. A pata em nenhum momento mexeu com os pescadores. Ela simplesmente tomava banho no rio. Mas um dos pescadores, o mais jovem, começou a mexer com o animal, jogando água e pequenas sementes que por ali passavam. Para não ser machucada, a pata mergulhava no rio e emergia mais à frente, segundos depois.

Essa situação ficou acontecendo por algum tempo e mesmo o pescador mais velho insistindo para que o mais jovem parasse, este continuou. Posteriormente os dois foram embora e a pata continuou dentro do rio, nadando do mesmo jeito, antes de ser perturbada. Ao chegar à sua casa, o pescador mais jovem começou a sentir fortes dores de cabeça e uma febre que foi se agravando. Mesmo tomando os remédios caseiros que ali existiam, nada adiantou. O pescador acabou morrendo. Sua morte é atribuída ao fato de que ele mexeu com coisa que não devia, ou seja, com a patinha branca. Atualmente

a patinha branca nunca mais foi vista. Permaneceu o igarapé que leva seu nome (ver apêndice 01).

3.2. O cachorro branco

Em outra ocasião, uma visagem se manifestou na forma de um cachorro branco que andava pela beira da ilha. Minha avó contou-me que meu avô estava pescando, perto de uma das beiradas da ilha. De repente avistou um cachorro branco que andava calmamente. Na situação, o cachorro não fez mal ao meu avô, apenas apareceu andando e logo desapareceu diante de seus olhos. Minha avó não sabe o motivo de o cachorro aparecer, tampouco sabe me dizer o que por ali o animal fazia (ver apêndice 24).

Analisando o caso acima, podemos inferir que como a visagem não foi perturbada, diferente do que aconteceu com A Pata do Igarapé da Pata, meu avô saiu da situação ileso, não sofrendo nenhum tipo de punição, pois não mexeu com o que não devia. O relato também sugere o fato de que algumas visagens apenas aparecem sem, todavia, fazer mal algum. A retaliação, isto é, o castigo, somente acontece quando o ser humano incomoda, ou seja, passa dos limites. Aliás, isso também não acontece na vida em nossa sociedade? Quando importunamos alguém não se corre o risco de apanhar, ser xingado etc.? Agindo de maneira correta, o ser humano não é afetado, mas se porventura, jogar água, pau, zombar etc., poderá enfrentar os resultados de suas ações, os quais geralmente não terminam bem, é o caso da pata do Igarapé da Pata.

3.3. A mulher da festa

Em outro caso, minha avó conta que um de seus compadres conheceu uma defunta em uma festa.

Certa vez, o pescador, conhecido por Nhuca, foi para uma festa que acontecia, todos os anos, na vila de Curuçambaba, localizada no município de Cametá. Era festa de Nossa Senhora do Pilar e estava acontecendo um arraial. Na ocasião o pescador conheceu uma bela mulher, com ela conversou bastante e já de madrugada, a desconhecida mulher disse que teria que ir embora. Ele disse que poderia acompanhá-la. Ela disse que não precisava, mas após muita insistência, acabou cedendo.

Os dois então foram embora e quase perto de entrar no cemitério, o pescador percebeu onde estava e estranhou muito a situação. Perguntou onde ela morava e ela disse que mais adiante. O pescador disse que não poderia prosseguir por aquele caminho e que necessitava regressar para a festa. Ela então disse que foi o que o salvou, pois se ele entrasse junto com ela para dentro do cemitério, nunca mais retornaria. A mulher era, portanto, uma pessoa já morta, que se misturou com os vivos, para aproveitar a festa. Minha avó acredita que ela era um ser maligno, já que queria levar a alma de seu compadre para dentro do cemitério ou para outro lugar que ela não sabe dizer ao certo qual era (ver apêndice 02).

3.4. A mizura do barracão

A visagem também pode assumir a forma de mizura, ou seja, não aparecer em nenhuma forma física, mas sua presença pode ser percebida por meio de algum tipo de sinal, geralmente um choro, gemido, o barulho de pau quebrando ou de alguma coisa caindo no chão da mata.

No barracão da comunidade de Santa Maria, localizado no rio Igarapé Grande, ao lado do Igarapé da Pata, uma mizura se manifestou por meio do som de um galopar de cavalo. De início o som era fraco, como se o “animal” estivesse longe, mas logo foi se aproximando cada vez mais. Esse caso foi presenciado por mim e por minha tia Laura. Lembro-me que era por volta das 18 horas, quando minha tia e eu fomos ver novela, na casa do meu padrinho Nilson. Ao passarmos em frente ao barracão da comunidade, escutamos aquele galopar. Por mais que esticássemos os olhos, não enxergamos nada, apenas escutamos o som de algo se aproximando cada vez mais, o que fez com que nossos corpos se arrepiassem e nós dois corrêssemos para a casa de meu padrinho.

Chegamos aflitos e com o medo estampado nos olhos. Como ficamos sabendo posteriormente, nós dois não fomos os primeiros a “ver” a mizura, pois aquela mizura já era história antiga, na medida em que outros moradores já haviam passado por situação análoga a que vivenciamos. Mas que som era aquele? Por que se apresentou naquele momento? Talvez fosse porque eram dezoito horas? E o que queria conosco? Essas foram algumas das perguntas que eu hoje me faço, mas que ainda não consigo responder.

3.5. O Vulto

Outra vez, eu estava dentro do Paes Filho, o barco de meus avós maternos. A embarcação passava lentamente por um braço do Tocantins que saía de dentro do rio Três Barracas. Era finalzinho de tarde. O tempo estava calmo e o sol ainda estava bem forte. Ao olhar para dentro da mata, vi um vulto branco. Aquela imagem chamou-me a atenção, pois o barco estava em movimento e ela não desaparecia. Por mais que a embarcação seguisse em frente, o vulto não ficava para trás. Fiquei com receio, por isso voltei os olhos para o interior do barco. Até hoje não sei dizer o que era aquilo. Só ficou a recordação de uma espécie de mancha branca suspensa no ar.

3.6. Choro de criança

Em outra situação a mizura apareceu na forma de um choro de criança. Minha avó Ana disse-me que antigamente as mulheres que trabalhavam em uma casa grande, talvez de um dos primeiros moradores da ilha, abortavam e enterravam seus fetos à beira do rio. Era por isso que de vez em quando, especialmente perto do meio dia e aos finais da tarde, as pessoas escutavam o choro de crianças. Por mais que se olhasse não se via nada, somente aquele choro estranho e carregado de tristeza (ver apêndice 03).

3.7. O remo emprestado

Outra situação compartilhada por minha avó diz respeito a uma visagem que veio emprestar o casco e o remo de uma antiga moradora da ilha Saracá, para poder acender vela durante os finados, na vila de Joana Coeli. Nessa vila havia um pequeno cemitério no qual os moradores da ilha Saracá, bem como de outras, enterravam seus mortos. Em certa ocasião, dona Carlota, uma das moradoras da ilha, que estava com os filhos pequenos, pois o marido tinha ido acender velas, disse que escutou uma voz pedir o casco e o remo emprestados. Ela não disse nada, pois estava com medo. Depois de algumas horas, já perto de o dia amanhecer, a senhora escutou a mesma voz vim devolver o que tinha emprestado. Como o dia estava perto do alvorecer, dona Carlota, num momento de coragem, resolveu ver quem era. Ao chegar lá não viu ninguém, apenas viu o remo, ainda molhando, encostado à parede e o barulho de uma voz adentrando a mata, logo desaparecendo por completo. Esse tipo de visagem é também

identificado como mizura, já que a visagem não aparece em sua forma física, na medida em que não é possível vê-la, somente escutá-la (ver apêndice 04).

Essa narrativa é reiterada por Alandra que também cita o caso de uma mulher que passava na casa das pessoas, quando todos já estavam descansando, para emprestar um casco para ir não se sabe para onde. Alandra disse-me que nunca chegou a ver essa mulher, tampouco ouvi-la, mas as outras pessoas citam essa narrativa e acreditam na sua existência (ver apêndice 22).

3.8. O tapa na Cabeça

Há visagens que só fazem aquele “azar”, isto é, barulhos para talvez espantar quem estiver por perto. Um desses casos ocorreu com o meu irmão e com o ex-marido de minha tia. Os dois estavam pescando na boca do rio quando, de repente, escutaram o barulho de pau quebrando dentro da mata. Olharam para o interior das árvores, mas não havia nada visível que justificasse aquele barulho. Quem sabe não era algum ser da floresta que estava irritado com a presença dos dois que no momento pescavam. Meu irmão também relatou que seu companheiro de pesca sentiu, no momento do barulho de pau se quebrando, um vento passar por perto de sua cabeça, como se alguém tivesse errado um tapa (ver apêndice 23).

Outras visagens agarram as pessoas, como se transformassem em mãos invisíveis, na tentativa de brincar ou de fazer algo mais grave.

Dona Eunice contou-me que o marido de sua neta foi atacado por um vulto. O rapaz estava pescando em um pequeno igarapé quando sentiu algo agarrá-lo pelo pescoço. Mesmo tentando ver alguma coisa, o rapaz não conseguia, somente sentia a presença de algo, agarrando seu pescoço e tentando enforcá-lo (ver apêndice 05).

3.9. O homem desconhecido

Em outras situações, a visagem pode se manifestar na forma humana, particularmente de um homem alto e negro, como o que ocorreu com minhas “avós” Santinha e Joaninhas, tias e mães de criação do meu avô Milico.

Elas ainda eram bastante jovens e na ocasião do encontro, estavam cortando braços de miriti para tecer paneiros. Minha avó Joaninha alega ter visto um homem alto e forte, de coloração negra, os lábios eram bastante acentuados.

Ele estava encostado a uma árvore e a olhava de maneira fixa. O desconhecido não se mexia, apenas a encarava de um jeito estranho. A irmã, que no momento cortava miriti, não viu nada de anormal, tampouco percebeu o que estava acontecendo. Sua irmã então pediu para que as duas fossem embora e assim acabaram retornando à casa. Ali a irmã lhe contou o que havia acontecido. Como ela não demonstrou nenhuma reação, tampouco mexeu com aquele homem, ela não sentiu nenhum mal-estar, somente o medo diante do desconhecido. Essa é talvez, mais uma prova de que as visagens só causam maiores problemas quando as pessoas, de alguma forma, interagem com elas. (ver apêndice 06).

3.10. O Pretinho

Minha avó me contou que meu avô viu um menino pretinho (ver anexo 25). Na ocasião ele estava no mato apanhando açaí. Em um dado momento, avistou um menino atrás da árvore. Era um menininho, um molequinho pretinho que o chamava constantemente. Ele metia a cara por detrás de uma seringueira e ficava mexendo com o meu avô. Chamava e se escondia. O menino ficou fazendo isso durante um bom tempo. Meu avô não dava confiança. Fingia não ver nada. E então resolveu ir embora sem dar bola para aquele menino. Minha avó não sabe dizer o que era aquele menino. Segundo seu sistema de classificação talvez fosse uma visagem, mas não sabe precisar exatamente. Ela o associa ao diabo, isto é, um ser do mal.

Esse relato lembra-me da narrativa sobre o Curupira, identificado na região do Baixo Tapajós. Nesse contexto, o Curupira é chamado de *Pretinho*. Conforme Vaz Filho (2013, p. 26): “Os moradores da região do baixo Tapajós acreditam que o Curupira se parece com um menino de pele escura, daí a denominação de *pretinho*, que em alguns lugares chega ser mais usada do que o termo Curupira”.

Na ilha Saracá não consegui identificar a existência do Curupira. Talvez esse pretinho que meu avô encontrou no mato seja o Curupira, neste contexto, assim como o do Baixo Tapajós, identificado por sua cor e não pelo nome que é conhecido de maneira mais hegemônica.

3.11. O Homem do casco

Outra narrativa destaca o aparecimento de um homem que passou de casco para dentro da mata, mas que não voltou. Os relatos indicam a existência de um homem, com características parecidas as de um dos moradores da ilha, um senhor alto e já falecido. Esse homem, de chapéu na cabeça, passava em frente à casa de dona Eunice, já tarde da noite, para dentro do furo e não mais retornava. Aquilo era estranho, pois não foi uma única vez que isso aconteceu e ele não retornava. Ia para onde? Não se sabe exatamente. O homem, assim como outras visagens, não causava nenhum mal, ao menos nunca foi identificado algum mal associado à sua presença (ver apêndice 07).

3.12. Os mortos

Em outras situações, pessoas indicam algum tipo de contato mantido com pessoas já falecidas. Minha avó alega nunca ter visto uma visagem, apesar de já ter andado pelo mato. Lembro-me da vez em que ela me disse que no dia em que o irmão faleceu, o escutou dizer “já estou indo, minha irmã”. Minha avó estava saindo do banheiro que fica localizado cerca de três metros de distância da casa. Ao escutar essa frase, começou a chorar. Logo veio a confirmação de sua morte.

Dona Eunice, por sua vez, alega ter visto o filho aparecer e pedir para que ela parasse de chorar (ver apêndice 08). Em sua descrição ele apareceu quando ela estava deitada na rede, chorando por sua partida. Ali ele apareceu, somente para ela. Ele estava molhando, com uma roupa que ela o tinha dado. Ele apareceu e pediu para que ela parasse de chorar, pois suas lágrimas o impediam de ir para onde ele tinha que ir. Dona Eunice disse que após esse encontro, tentou parar de chorar e aceitar o fato de que o filho já não pertencia a este mundo. Por isso tinha que ficar contente, já que ele estava bem onde quer que estivesse.

Sua neta Renata também chegou a ver a mesma pessoa, no caso, seu tio, filho de dona Eunice. Renata estava em uma embarcação que no momento passava pelo furo. Foi quando então viu seu tio dentro da mata. Ele não falou com ela, tampouco demonstrou alguma reação. Apenas a observou por algum momento até a embarcação desaparecer (ver apêndice 21).

Nos dois casos acima, tanto o irmão de minha avó, como o filho de dona Eunice, não são associados à visagem, já que esta é relacionada ao diabo, um ser portador do mal, o que demonstra a força do cristianismo nas sociedades ribeirinhas, como é o caso da sociedade aqui analisada.

Mas afinal o que é uma visagem?

A visagem que existe é o demônio, ele que se encorpora naquela pessoa, na minha feição, na sua pessoa, se encorpora, porque é o fulano mesmo. O diabo se mistura de tudo jeito. Só num tenho parte com ele, ele sabe como é que eu trato cum ele, mando ele cair pro inferno, que Jesus Cristo joga pro inferno mais quente que tiver. (Dona Eunice, 85 anos. Entrevista realizada no dia 25/07/2021)

No relato acima fica bastante evidente que as visagens são manifestações do diabo ou de seres maléficos por ele enviadas. Elas, de modo geral, tentam fazer o mal. Querem que as pessoas caíam em tentação, isto é, façam o que não devem, ou seja, o que a moral da sociedade em questão condena. Por outro lado, querem que elas “caiam na dela”, isto é, mexam com o que não devem e aceitem as provocações. Essa tomada de atitude também guarda similitudes com a nossa sociedade. Quando aceitamos as provocações de outras pessoas, corremos o risco de provocar ações de grave consequências, seja para nós ou para as demais pessoas.

De acordo com Câmpera (2017, p. 109-110):

As *visagens* têm outra forma de expressão e caracterização. É algo parecido com almas penadas, ou espíritos de pessoas que já morreram e transitam entre os vivos. Não possui relação com caça, nem pesca, nem com o contato com a floresta. O assombro da visagem ocorre geralmente em lugares escuros, casas abandonadas ou cômodos da casa onde já costumavam ficar as pessoas que já morreram. É descrita pelos comunitários como um vulto com forma de gente, mas que não tem nenhum tipo de intervenção na vida das pessoas. A aparição da visagem é relatada principalmente após eventos de morte e velórios, onde as pessoas temem o retorno da pessoa falecida para o meio dos vivos.

A visão destacada por dona Eunice é divergente da de Câmpera, pois na ilha Saracá, a visagem está intimamente associada ao mal, isto é, ao diabo. Por isso os ribeirinhos da ilha Saracá a temem, já que ela pode fazer com que a pessoa enlouqueça, fique mofina e até faleça. O poder da visagem é a assombração, isto é, uma espécie de poder que faz com que a pessoa que a vê passe mal e/ou venha a falecer.

3.13. Os botos

E o boto? É uma espécie de visagem? A resposta é não! O boto pode se apresentar de duas formas: na forma humana e na forma de animal. Enquanto animal, o boto não apresenta nenhum perigo, salvo quando tenta furar as redes de pesca para roubar os peixes. Ou quando destrói as armadilhas de pesca. Isso acontece quando o acordo firmando entre seres humanos e boto é quebrado.

Na ilha Saracá há um acordo firmado entre seres humanos e boto. Nessa espécie de contrato, cabe ao boto tocar peixes para dentro do cacuri, uma armadilha de pesca muito comum na região e em outras partes da Amazônia, como na região do Salgado. Em troca, quando for despescar a armadilha, o ser humano tem que selecionar alguns dos peixes para dar de comer ao boto. Todavia, os peixes não podem ser quaisquer uns, pois o boto tem suas preferências, isto é, quer os mais valorizados. Se o ser humano não cumprir com o estabelecido, o animal quebra sua armadilha e espanta os peixes para bem longe.

Na relação ser humano-boto, se faz interessante frisar o fato de que enquanto “animal”, o boto não ultrapassa a sua natureza, ou seja, não deixa de ser animal, pois não se transforma em ser humano. Por isso seu perigo é relativo, já que o único mal que, nestas condições poderá fazer, é furar a rede de pesca ou destruir as armadilhas de captura de pescado. Mas quando o boto se metamorfoseia em ser humano aí entra o perigo, pois o ser humano-boto é capaz de enganar as pessoas e levá-las para dentro do rio, o que, por sua vez, pode resultar na própria morte. Mas o que faz um boto se transformar em gente? Um dos motivos é de simplesmente fazer o mal.

De acordo com Maués (2006, p. 15-16, 19-20):

São muito conhecidas as lendas sobre o boto na Amazônia. A principal delas costuma enfatizar a sua capacidade de sedução sobre as mulheres, quando se transforma num “belo rapaz”, que aparece nas festas do interior. (...) o tema é muitas vezes abordado, nas cidades, em tom de troça ou de malícia, enfatizando-se a pretensa “ingenuidade” ou “ignorância” do homem do interior. (...) Há muitos relatos a respeito de pescadores que, casualmente, apanham fêmeas de boto em suas redes e, em algumas situações, copulam com elas. Esses relatos enfatizam o enorme prazer experimentado pelo homem, a ponto de ser necessário às vezes afastá-lo à força daquele ato, caso contrário ele corre o risco de morrer de prazer e exaustão. (...) Os relatos que se referem, porém, à sedução de mulheres por botos, dizem sempre respeito aos encantados, que são pensados como seres humanos vivos, iguais a todos os outros, mas com a diferença de que possuem poderes sobrenaturais, pela sua condição “liminar” de encantados (...)

O boto é um animal que faz parte da geografia do Baixo-Tocantins. Por isso não é difícil ver um animal da espécie fazer seu famoso fuá, fuá, isto é, emergir e logo submergir mais à frente. Nos portos de Cametá é possível ver botos passando por debaixo das pontes, próximo às embarcações atrás de alimentos. Algumas pessoas chegam bem perto destes animais e muitos permitem o toque. O boto também contribui para o turismo local, o chamado turismo ecológico, pois todos querem uma foto com o animal. Localizado no Mercado Municipal de Mocajuba, no nordeste paraense, a aproximadamente 230 km de Belém, o Mirante do Boto é um espaço que oferece o boto como a principal atração turística (figura 33).



Figura 33: Mosaico de fotos. Disponível em: Disponível em: <https://www.facebook.com/mirantedobotomocajubapara/>. Acesso em: 09/06/2024.

Maués (2006) destaca a ambiguidade do boto. Assim como o porco, o boto é uma animal que foge dos sistemas de classificações convencionais, já

que transita entre a cultura e a natureza. Ora é animal, ora é gente. Por outro lado:

o boto constitui um tabu alimentar inconsciente (ninguém ao menos concebe a possibilidade de comer sua carne), mas, ao mesmo tempo, é visto como um símbolo sexual, um objeto de desejo, tanto dos homens (o boto fêmea, a “bota”, como dizem), como das mulheres (o boto macho, transformado em um belo rapaz). Se não pode ser comido como alimento, é pensado, pelo menos no mito, como parceiro sexual (outra forma de “comida”), mas ao mesmo tempo é extremamente perigoso, pois pode levar à morte seus parceiros humanos, cujo sangue ele suga, como uma espécie de vampiro (MAUÉS, 2006, p. 19)

Certa noite, em um dos períodos de férias escolares, meu irmão foi fazer xixi na ponte da casa de minha avó. E na ocasião, alega ter visto um homem branco que o fitava de maneira séria, o que o fez voltar para a casa às pressas e bater a porta com força. Eu estava ali e lembro com bastante nitidez de que ele realmente entrou e bateu a porta da sala, pois o barulho nos despertou. Meu tio perguntou o que era e ele disse que não era nada. Foi apenas no outro dia que ele disse ter visto um boto (ver apêndice 09).

Já vi meu avô levantar-se da rede, pegar um terçado e ir espantar os botos que faziam a algazarra na cabeça da ponte. Lembro-me que na cabeça da ponte havia um banco, meu avô teve que retirá-lo, alegou que o banco chamava os botos para a algazarra.

Em “O Boto, o rapaz e a namorada”, Ronaldo dos Santos, da Comunidade São Pedro, Rio Arapiuns, região do Baixo Amazonas, Pará, descreve a briga entre dois rapazes por causa de uma moça:

Aconteceu isso lá! Que o boto virou gente e morreu disputando uma menina. Só que ele não teve sorte. Ele morreu! Porque o Boto, ele se transforma em qualquer pessoa. Se ele quiser se transformar numa mulher ou num homem, se achar que deve, ele se transforma mesmo, vai lá e faz o que ele bem entende. Depois ele se *destransforma* e vai *pro fundo*! (VAZ FILHO e CARVALHO, 2023, p. 100)

Em “Dinaldo furou o boto”, Maria Enir, Aldeia Zaire, Rio Arapiuns, região do Baixo Amazonas, Pará, apresenta o caso de um rapaz que furou um boto. Ele estava a fim de beber, mas seu amigo Panã disse que não tinha nenhum tipo de bebida. Os dois se separam e em um dado momento, seu amigo Panã surge novamente, com uma garrafa de cachaça. Dinaldo acha estranho, já que seu amigo não tinha bebida alguma. Essa situação é descrita no relato abaixo:

O Panã deu a garrafa de cachaça *pra* ele, o Panã. Quando Dinaldo virou, a cachaça só era água. Então ele pensou: “Ah, esse é o Boto mesmo”! Ele virou e empurrou-lhe a faca nele! E a faca pegou nele! Depois, ele dizendo: - Mamãe, mãe, eu furei o Panã! (...) Mas olha,

quase que o meu filho morria. Deu uma grande dor de cabeça, que, se não fosse o pajé dali do outro lado... Ele disse que é porque ele furou o Boto, mas não matou. (VAZ FILHO e CARVALHO, 2023, p. 95-98)

Na primeira narrativa fica bastante evidente a disputa por uma moça. No segundo relato não se sabe ao certo porque o boto se transformou no amigo de Dinaldo. Com essa transformação, queria seduzi-lo? Conforme Maués (2006, p. 19): “No caso dos homens – embora haja relatos esparsos de relações ‘homossexuais’ com o boto macho –, o verdadeiro objeto de desejo é representado pela ‘bota’, não havendo, neste caso, aparentemente, uma explícita conotação mística ou sobrenatural”.

Em 2008, li o relato sobre um Boto atacando e tentando tirar o calção de rapazes da região de Vila Curuai, no Lago Grande de França, próximo de Santarém. Não ouvi muitas histórias semelhantes depois. Porém, essa variação *Boto-Gay* é possível, diante da maior visibilidade e aceitação da homossexualidade que se observa atualmente, e isso mostraria a atualidade do mito. (VAZ FILHO, 2023, p. 51)

Na ilha Saracá, ao menos durante as pesquisas de campo, não escutei nenhum relato que destacava a sedução do boto sobre homens e mulheres. Os relatos indicam a aparição, como o que o meu irmão Geovane viu e as festas que os botos davam na cabeça da ponte, na antiga casa de meus avós.

Outro depoimento é ilustrativo da relação de uma moradora da ilha Saracá com o boto. O boto, neste caso, aparecia transformado em animal, não em ser humano. A moradora alegava namorar com o animal que, em troca, a acompanhava nas travessias que a parteira fazia, bem como lhe entregava cambadas contendo os melhores peixes da ilha. Não se sabe se o boto se metamorfoseava em ser humano, os relatos coletados apenas evidenciam o namoro, mas esse “namoro” pode ser interpretado pela amizade que a mulher mantinha com o animal que se empavulava por ela (ver apêndice 10).

Minha mãe apresenta essa história de outra perspectiva. Segundo seu ponto de vista, dona Alzira era uma amiga e não namorada do boto. Como dito, vale lembrar que neste caso o boto não se revelava como ser humano, mas como animal. Segundo sua perspectiva, dona Alzira era uma pescadora que tinha uma conexão especial com esse boto. Ela o trava bem, por isso os dois se davam bem, já que ele a ajudava nas pescarias e em troca ela o presenteava com bons peixes e com doses de conversas. Era por isso que ele era visto acompanhando-a nas viagens que a pescadora fazia. Os dois eram, portanto, bons amigos e não namorados (ver apêndice 11).

“A garça sumiu, era mansa, mansa. [Naquele tempo] nós comia no chão. [Ela se chamava] Karina. Ela não bicava nos outros pratos, só no meu. O pessoal dizia que ela sabia que eu não enxergava. Ela ia embora pra boca do rio. Pavão eu criei muito. O pavão era demais lindo. [Durante a maré baixa] ele baixava a asa arrastando pelo fundo, ele enfiava a asa, lanceava pra pegar a boia. Saracura era muito fujona. Ela cantava de madrugada dentro da casa. Criava por criar porque é bonito”. (Ana Maria, 88 anos, aposentada. Entrevista realizada no dia 01/01/2024)

Podemos observar no relato acima que os moradores da ilha Saracá, assim como de outras ilhas e realidades, constroem relações de amizade com determinados animais. Dona Alzira, se não era namorada do boto, era no mínimo sua amiga. Minha tia Lúcia, filha de minha avó Ana e de meu avô Milico, era amiga de uma garça branca chamada Karina. O animal vivia solto, voava por aí, mas logo voltava para a casa. Ela vivia indo para a boca do rio e um dia simplesmente desapareceu.

Portanto, há uma relação de amizade entre seres humanos e não-humanos. O aparecimento de mortos em sonhos, alertando e indicando sugestões, bem como a existência de tesouros, pode ser compreendida como uma relação de amizade entre humanos e não-humanos.

3.14. Um sequestro sobrenatural

Os dois relatos seguintes ilustram a história de duas crianças que quase foram levadas por algum ser maligno. Um dos casos aconteceu com uma das filhas de minha avó, o outro ocorreu com a filha mais velha de meu tio Humpheres, filho mais velho de minha avó.

Como dito, o primeiro caso se refere a uma das filhas de minha avó, minha tia Leiliana, atualmente moradora da ilha Cacoal, localizada no município de Cametá. Minha avó conta que quando criança, minha tia chamava muito palavrão, localmente chamado de “nomes”, isto é, palavras indevidas, já que são associadas ao diabo, tais como “diabo”, “demônio” e “satanás”.

Ela vivia “cantando” esses nomes, ou seja, evocando de maneira regular e isso, na concepção local não é bom, na medida em que a pronúncia faz com que o diabo se aproxime das pessoas. Em uma dada noite, minha avó escutou o pedido de socorro de sua filha e notou que algo a arrastava para fora do quarto. Minha avó dormia no quarto, juntamente com as crianças menores e meu avô dormia na sala, pois nunca gostou de dormir no quarto.

Quando minha avó percebeu, sua filha já tinha atravessado o quarto e alguma coisa a arrastava sem que fosse possível ver o que era. Minha avó disse que era o “bicho, o tinhoso”, ou seja, o diabo querendo levá-la para o inferno, já que ela era uma criança que chamava bastante palavrão e isso a colocava em uma situação de perigo (ver apêndice 12).

Nessa situação, minha avó conseguiu salvar a sua filha do mal que a queria levar. Quando ela viu *“Uma coisa a modo arrastando ela. Eu puxei ela e desconjurei. Disse Creio em Deus pai, cruz credo, vai pros confins do inferno. Eu truxe, ela veio tremendo”* (Ana Maria, 88 anos, aposentada. Entrevista realizada no dia 01/01/2024).

O outro caso se refere à filha mais velha de meu tio Humpheres. Minha tia Julinha passava boa parte do dia sozinha em sua casa. E como se ocupava com os afazeres da casa, deixava sua filha dentro do quarto e ia para o terreiro, ou seja, o mato localizado ao redor da casa e às vezes tinha que se deslocar mais distante, a procura de açaí. Em uma dessas ocasiões, ela voltou para sua casa e viu que a filha não mais estava na rede, mas no chão, como se estivesse dormindo. Era como se alguma coisa a tivesse tirado da rede e a levado para o assoalho da casa, já quase para sair do quarto. Minha tia achou aquilo estranho e resolveu ir atrás de um curandeiro para ver do que se tratava. Foi lá que percebeu que alguma coisa queria levar sua filha, já que a menina ficava muito tempo sozinha. Ali tinha uma visão, ou seja, um ser maligno que queria levar a criança consigo (ver apêndice 13).

3.15. Os caboclos

Outro caso é o de Emília, na ilha chamada de *tia* Emília. Tia Emília é uma das moradoras do rio Igarapé Grande. Antigamente morava com os dois irmãos: a tia Domingas e o tio Cametá, já falecidos. Lembro-me de diversas ocasiões em que a vi passar no seu pequeno casco em direção às cabeiras, um mato distante do centro do rio Igarapé Grande. Ela sempre passava com um chapéu de palha na cabeça e com a boca pintada de batom. *“Eu lembro dela indo pro mato de batom vermelho”* (Gillyane Paes, 2021), ressalta minha irmã. Sempre ia sozinha para o mato e geralmente passava a maior parte do tempo por lá (ver apêndice 14). De lá voltava com o casco cheio cachos de açaí e de muitas frutas. Ela sempre dizia que eram os caboclos que a ajudavam na apanha do açaí.

Existia, portanto, entre dona Emília e esses seres uma relação de amizade, pois eles a ajudavam a coletar os cachos de açaí, conversavam com ela e desse modo, faziam companhia.

3.16. Um Pacto diabólico

Minha avó conta a história do pacto que seu pai fez com o que ela denomina de “fulano de tar” ou “Berto”, referências para o que pode ser associado ao diabo. O pacto aconteceu por meio de um contrato realizado entre seu pai e o diabo que apareceu na forma de um homem. Como qualquer pacto, uma das cláusulas dizia que nada iria lhe faltar, seja mulher, dinheiro ou quaisquer outras coisas que o contratado desejasse. Mas caso o contratado morresse dentro do período do pacto, sua alma ficaria com o diabo.

O pai de minha avó era um homem pobre que trabalhava coletando seringa. Em uma dessas ocasiões, no Marajó, minha avó não sabe informar ao certo o nome do lugar, já era tarde, já tinha passado o horário do almoço, foi por isso que ele resolveu mandar a esposa na frente para que ela fizesse o almoço. Ele ficou para coletar um resto de seringa que ainda faltava. Na volta, passou perto de uma grande árvore. Ali ele viu um homem, alto e forte. Então se lembrou das histórias que diziam que ali era visagento, pois tinha uma visagem que aparecia para meter medo às pessoas.

Ao ver o homem, ele deu prosseguimento à caminhada e quando estava quase para passar da árvore, o homem o mandou parar. Ele obedeceu e ficou imóvel. O homem disse que ele tinha sido o primeiro a enfrentá-lo, pois todos os outros tinham medo dele. Por isso, ele tinha que escavar as raízes da árvore, pois lá ele iria achar muito ouro. Mas ele tinha que escavar naquele exato momento, depois tinha que ir embora e nunca mais voltar. Foi então o que ele fez (ver apêndice 15).

Minha avó revela que seu pai fez pacto com o diabo (ver apêndice 16). Como dito, o dinheiro recebido pelo contrato e o que foi achado, fez com que meu bisavô tivesse uma vida bastante confortável e cheia de regalias. Como já ressaltado por minha avó, seu pai era tão rico que era praticamente dono de quase toda a ilha Saracá. Nesta ilha, tinha três mulheres, cada uma vivia na sua própria casa e ele nada deixava faltar para elas. No entanto, não se considerava o marido de nenhuma delas. E como dito, as mulheres se sujeitavam a essa

relação, pois naquele tempo tudo era mais difícil, as dificuldades eram mais nítidas do que as vivenciadas hoje na ilha, é o que ressalta minha avó.

Aí ficou, ele [o pai de minha avó] ficou vivendo tudo esse tempo, de lá ele veio fazendo pinta mermo. Se ele trouxe essa Madalena do colégio de Boa Vista... Ele tinha essa Maricota, já tinha a mamãe, já tinha a Isabel Tavares... E essa menina era nova, nova, estudante... Ela era disque bonita. Ele namorou ela, pra lá pediu pro pai, o pai num quis dar, ele marcou o dia e foi buscar ela em Boa Vista... Desde quando ele trouxe ela, nunca ela botou mais os pés lá. E ela teve todos esses filhos, o Pretinho, Olâmpio, a Magirona... Foi lá pra cima que ele colocou ela, no Caracará. Lá ela tinha uma casa grande, bonita, um comércio. [No Saracá ele tinha] três [mulheres], a mamãe, a Isabel Tavares e essa Maria Orina que murava onde o Armiro mora... [Ele morreu] de uns setenta e nem sei o quê anos... Aí ele ficou vivendo e assim, ele tinha o dinheiro e mulher, que quando elas queriam se encontrar... a Isabel Tavares que sempre ela era atrevida, lá vinha de lá teimar com a mamãe ou então com a Maria Orina aí. Quando fui um dia ele pegou ela, elas teimando na ponte. Eu me lembro mar, mar, mas eu me lembro. E aí ele pegou no braço duma pra cá, “vai-te embora pra tua cozinha”, a mamãe que estava na casa “e tu Isabel embarca no casco e vai timbora. Por isso cada uma de vocês tem casa e se farta alguma coisa pra vocês me digam. E eu não sou o marido de nenhuma de vocês...”. E elas ó. Fui sim, coitadas, elas eram humilhadas porque num tinham... era miséria, num era frescura. E se sujeitavam, ele tinha o dinheiro num é? (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

O dinheiro era tanto que quando algumas das moedas caíam da cuia, meu bisavô tinha a prática de virar a cuia de cabeça pra baixo, derramar o restante das moedas, dizendo: “*leva diabo o resto*”. No outro dia a cuia estava novamente cheia de moedas (ver apêndice 17).

Minha avó conta que seu pai brigou com o diabo. Ela ainda era criança quando a situação aconteceu. O pai tinha um barco grande, o maior da ilha Saracá. De repente ouviu-se um estrondo vim do barco. O pai então foi averiguar o que era e deixou esposa e filha na espera. Minha avó conta que quando o pai entrou na embarcação, diversos ruídos foram ouvidos. Era como se alguém estive brigando. Algum tempo depois o pai surgiu ofegante e todo suado. Disse à esposa que nada fosse questionado. Passado alguns dias foi que contou que, naquela noite, o diabo o tinha visitado, que os dois iniciaram uma luta corporal. Se o diabo vencesse, sua alma lhe pertenceria, mas não foi isso que aconteceu. O pai de minha avó saiu vencedor. Depois do ocorrido, ele então começou a

perder tudo que tinha. Aos poucos foi perdendo a força, a braveza, o dinheiro. Chegou a perder a mulher para o filho mais velho (ver apêndice 18)

Meu bisavô morreu na ilha Saracá, na casa em que vivia minha avó, sua mãe e seus irmãos. Ele foi cuidado por uma de suas esposas, a Bernarda, conhecida como Dina, mãe de minha avó. Ele era um homem alto e forte e que aos poucos foi definhando e se transformando em outro homem. Conforme mencionado, ele não teve forças para enfrentar o filho que ficou com sua esposa (ver apêndice 19).

Atualmente está aparecendo algo ainda não identificado que está assustando alguns moradores do rio Gregório. O que se sabe é que alguma coisa bate nas casas e quando vão ver, não aparece nada. As pessoas olham para todos os lados, mas não conseguem enxergar nada de anormal ou estranho. Não acreditam que seja algum morador pregando uma peça, mas que se trata de algo que não é deste mundo. Talvez uma visagem ou um ser ainda não identificado dentro do sistema de classificação local (ver apêndice 20).

3.17. As interações entre os seres humanos e não-humanos

Apoiando-se no pressuposto de que “ontologias estão em toda parte” (ALMEIDA, 2013, p. 13), as narrativas aqui apresentadas, sugerem a existência de um mundo constituído por diversos seres. Demonstrem que “o relato tem uma enorme carga de vivência e de realidade” (VAZ FILHO, 2013, p. 16). Como pode ser compreendido, muitas das histórias aqui apresentadas, não foram contadas por quem vivenciou o encontro com o sobrenatural. “É um que conta a história vivida pelo outro” (VAZ FILHO, 2013, p. 16), o que não torna o relato irrelevante ou passivo de descrença. Pelo contrário, reforça seu valor e sua importância no seio social, já que as narrativas, seja na Amazônia ou em outras partes do mundo, assim são contadas desde tempo imemoriais.

Juntas, evidenciam que um “complexo sistema de crenças regula o relacionamento das pessoas com o mundo natural e sobrenatural” (VAZ FILHO, 2013, p. 20). Nesse sentido:

Estas narrativas míticas e crenças que povoam o imaginário amazônico contém explicações para a origem e a forma como se apresentam os fenômenos naturais e sociais hoje. Elas trazem as suas perspectivas filosóficas sobre a vida, a relação dos vivos com os mortos e com a natureza. Fazem parte da religião e da ciência dos povos da Amazônia. (VAZ FILHO, 2013, p. 18)

Portanto, os relatos identificados e analisados com base em minha experiência de campo na ilha Saracá constituem um conjunto de narrativas que tem como base o próprio contexto social, na medida em que partem de experiências concretas e não de devaneios ou falsas verdades, o que significa dizer que a maioria dos ribeirinhos, embora não tenha se encontrado com algum ser não-humano, acredita na sua existência, isto é, que eles existem e vivem entre nós.

Ao todo, foram identificados cerca de trinta encontros com seres sobrenaturais. Esses encontros/interações sugerem que o mundo no qual a vida na ilha Saracá se realiza é habitado por seres que partilham da mesma realidade, isto é, do mesmo plano físico, da mesma dimensão¹⁶. Temos então uma única ilha: esta ilha é habitada por indivíduos de carne e osso, onde as pessoas vivas transitam, assim como os animais locais. Mas esta ilha, ou seja, a mesma ilha é também a moradora dos seres sobrenaturais, onde estão os encantados, as visagens, os demônios, isto é, os não-humanos.

Na vida prática há momentos em que essas duas “populações” se entrelaçam e se confundem, já que os seres não humanos se revelam e interagem com os humanos nas diversas formas já mencionadas. Além desse único mundo habitado por esses diferentes seres, podemos destacar o céu/inferno, como planos que fazem parte da vida cotidiana, já que a existência desses dois universos é incontestável, ao menos para a maioria dos ribeirinhos da sociedade em questão.

Os ribeirinhos da ilha Saracá também tem acesso aos seres não-humanos pelos sonhos. Conforme Maués (2006, p. 13): “No sonho a pessoa se vê em vários lugares, muitas vezes como se viajasse, entra em contato com outras e

¹⁶ Conforme Vaz Filho (2013, p. 19): “O universo amazônico tem uma realidade material e outra espiritual bem conectadas e ordenadas em quatro níveis ou dimensões: [1] no fundo das águas (rios, igarapés e lagos) estão os encantados ou o encante - é um mundo mágico que não podemos ver sempre, a não ser quando alguém de lá se apresenta a nós, ou quando alguém de nós é levado para lá pelos pajés ou em sonho; [2] mais acima estão os espíritos ou bichos da terra, que habitam no interior da floresta fechada, nas árvores grossas, nas baixas, pontas de pedras e caminhos - são como os encantados, mas não habitam cidades encantadas como aqueles. Os bichos do mato moram em seus pontos isolados, nas suas casas. As visagens, que aparecem nos povoados e nos caminhos, estão neste nível; [3] no mesmo mundo físico, mas numa dimensão diferente, estão os humanos e os demais animais selvagens e domesticados, plantas e minerais e; [4] Muito acima destes três níveis estão o céu e o inferno cristãos, lugar de Deus, dos santos e das pessoas boas e lugar dos demônios e das pessoas más, respectivamente (VAZ, 1998)”.

fala, às vezes até com pessoas mortas. Na morte, é como se, no último momento, a pessoa exalasse, num sopro, alguma entidade misteriosa que está dentro dela”.

Outra maneira de acessar esse mundo é andar pela mata nos horários não permitidos, como meio-dia, depois das 18 horas e nos dias santos. Há também a possibilidade de acessá-lo por meio de pactos, como é o caso do pacto estabelecido entre o pai de minha avó e o próprio diabo. Mas como um homem aparentemente comum pôde vencer o diabo e escapar de sua sina? A resposta é que talvez o próprio diabo tenha provocado isso. Ou seja, assumindo a forma humana e participando de um jogo de maneira justa, como foi o caso da briga dentro da embarcação, o homem-diabo talvez tenha pensado que sua vitória seria certa. Afinal, ele é um ser poderoso.

Por outro lado, podemos pensar em uma espécie de ética própria, já que era bem provável que outros seres não-humanos assistissem ao confronto e não seria nada agradável à sua reputação se a luta fosse ganha de maneira traiçoeira. Como vencedor, meu bisavô conseguiu salvar sua alma. Ao menos não foi diretamente levado pelo diabo. Só não sabemos o que resultou no seu juízo final, se foi para o céu, para o inferno ou outro lugar que não temos conhecimento.

Nesse universo também temos as visagens, mas por que será que elas não aparecem para todos os ribeirinhos da ilha Saracá? Assim como nós, as visagens e mizuras têm vontade própria. Elas aparecem quando querem e para quem assim o desejam. Normalmente, surgem para quem está no mato nos horários não permitidos, como às 12 horas ou a partir das 18, bem como nos dias santos, especialmente nos locais mais remotos da ilha.

Aliado a isso, temos o mau-comportamento das pessoas. Ou seja, a invocação do mal por meio de atitudes imorais, como a falta de respeito com os mais velhos, seja física ou verbalmente, bem como por meio de palavrões. Essas atitudes atraem o mal, são como uma espécie de imã. Cada palavrão dito faz com que a maldade se aproxime da pessoa que se porta dessa maneira. Foi o caso da minha tia Leiliana, que quase foi sequestrada por um ser maligno.

Por outro lado, há locais mais propícios ao mal. A casa em que minha tia Julinha morava era um local visagento. Há locais que outrora foram habitados por outros indivíduos. Alguns desses indivíduos, mesmo depois de mortos,

podem continuar no lugar para pagar sua sina. Então, o que hoje vemos como uma capoeira ou uma mata fechada, no passado poderia ser uma cidade, vila ou um local de morada de outros seres humanos e não-humanos.

Além disso, minha tia deixava uma criança sozinha durante muito tempo. Esses eram motivos suficientes para atrair “aquilo que não presta”, como diria minha avó, já que uma criança não pode ficar sozinha, pois pode ficar a mercê de pessoas de má índole, bem como de seres não-humanos ruins.

Os barracões comunitários, isto é, as igrejas, também são locais visagentos, pois lá as almas aparecem para implorar por perdão/ajuda. Nesse sentido, eles se dirigem aos espaços sagrados e de adoração para rezar, se lamentar, reclamar das injustiças sofridas, na tentativa de reverter a situação, para que sua alma seja libertada e o sofrimento cesse por completo.

Como já mencionado, os sonhos também são espaços sensíveis para o contato com os seres não-humanos. Alguns moradores já sonharam com visagens. Minha madrinha Deusinha já sonhou com uma mulher horrenda que pedia para que ela cavasse o pé de duas seringueiras. Ali ela encontraria muito ouro. Só que ela deveria ir sozinha e durante a noite. Como minha madrinha é medrosa, acabou não indo fazer o que a visagem queria. E ela contou sobre seu sonho, o que não poderia acontecer, na medida em que o compartilhamento do encontro ocorrido durante o sonho é motivo suficiente para que o pedido de ajuda fosse interrompido ou que perdesse a sua eficácia, já que era para ser mantido em segredo.

Os moradores da ilha dizem que esse tipo de situação normalmente aparece para pessoas de pouca coragem. Pois minha madrinha dificilmente toparia fazer o que a visagem pediu, o que é uma grande contradição, já que os moradores também dizem que o tesouro enterrado é o que prende a visagem à terra. É por isso que ele precisa ser achado para que a visagem se liberte de sua sina e possa ir para um lugar melhor. Na prática o pedido funciona como uma espécie de ajuda, já que a visagem, sozinha, não consegue resolver essa situação. Ela precisa da intermediação de um ser humano para que a tarefa seja cumprida.

Os seres não-humanos não aceitam o desaforo, a graça, a perturbação, isto é, que os seres humanos passem dos limites. Como a ilha é habitada por diferentes seres, regras devem ser seguidas. Como já dito, os horários precisam

ser respeitados. Nesse sentido, não se pode estar no mato ao meio-dia e após às dezoito horas. Também não se pode gritar no meio do mato, bater nos animais por puro prazer, tampouco matar animais apenas por divertimento. Isso irrita os seres não-humanos, fazendo com que eles tenham vontade de “mostrar as caras” e acabar com a palhaçada.

Diante dos dados aqui apresentados, podemos inferir que os seres não-humanos escolhem os momentos e as situações para aparecer. Também escolhem as pessoas que querem que as vejam, já que nem todos tem essa “habilidade” ou “sorte”. Aparecem da forma que escolhem aparecer porque assim o desejam. Eles têm suas próprias vontades, anseios, desejos. Assim como nós, eles fazem o que bem entendem. Alguns são maus, outros bons. Alguns não se sabe ao certo qual é sua índole, pois apenas aparecem sem dizer nada e assim como apareceram, desaparecem.

E como entender esse mundo sem um intermediador preparado para compreendê-lo, já que na ilha Saracá, até onde esta pesquisa chegou, não existe um especialista que, mediante preparos, rituais etc. pode ver esse outro mundo.

Parte dos seres aqui evidenciados, são perigosos/traíçoeiros. São, portanto, a manifestação do próprio mal, o qual é comumente associada ao diabo. Com base nisto, acredita-se que o diabo tem o poder de fazer com que estes seres passem do “seu mundo” para o “mundo dos humanos. Quando se revelam, os seres não-humanos podem assombrar, perseguir e até levar a alma dos seres humanos fracos e de pouca fé.

Como se vê, há um teor fortemente religioso que explica a existência dos não-humanos. Essa ênfase no campo da religião já fora brilhantemente destacada por Galvão (1955) e Wagley (1957) no estudo de sociedades rurais da Amazônia brasileira e na ilha Saracá esta correlação também se faz presente.

Por outro lado, há seres que quando não provocados, nada fazem aos seres humanos. Outros, apenas aparecem e como aparecem, logo desaparecem, sem, todavia, dizer algo ou sugerir que algo deva ser feito. Muitas vezes, não se sabe o porquê de determinados seres aparecerem. Talvez só queiram ser notados? Se esquecem de que não estão sozinhos no mundo ou pouco se importam de serem visto? Quiçá se esquecem, vezes ou outra, de sua

“capa da invisibilidade”, isto é, sua vestimenta que os camufla de novos olhos¹⁷. Mais ainda, os horários das doze horas e das dezoito são momento ambíguos, na medida em que estão atravessando um horário para outro. No caso das dezoito horas, já não é mais dia e a noite não pertence aos humanos, que devem estar nas suas casas descansando e não andando “teté” por aí, ou seja, sem rumo e onde não devem, ainda mais quando não pedem permissão para entrar. Alguns destes seres não fazem mal nenhum. Este é o caso, por exemplo, do cachorro branco que meu avô, certa vez, viu e dos caboclos que ajudavam dona Emília, já que eles apanhavam açaí para ela, coletavam frutas, faziam companhia. Ela ficava feliz, pois sorria ao contar essas histórias.

Portanto, observa-se que “na Amazônia, para a grande maioria de sua população, o padrão usual de pensar o mundo é muito menos dicotômico (...) do que aquilo que é predominante pelo menos nas camadas intelectualizadas da sociedade ocidental” (MAUÉS, 2012, p. 51). Nesse sentido, por mais que se possa encaixar determinados seres como bons ou maus, há outros que escapam desses dois polos, pois apenas aparecem no rio ou dentro da mata, sem mexer com os ribeirinhos. São bons ou são maus? Não há como dizer. São o quê exatamente? São aparições que talvez estejam apenas de passagem, isto é, seguindo seu caminho ou que de alguma forma, esqueceram de “acionar” o invólucro que os camufla dos humanos.

Conforme Descola (2015, p. 13):

Pessoas humanas e não-humanas possuem uma visão integralmente cultural de sua esfera de vida porque compartilham do mesmo tipo de interioridade, mas o mundo que cada uma destas entidades percebe e usa é diferente, pois empregam equipamentos corporais distintos.

Alandra Paes, 23 anos, minha prima, moradora do rio Gregório, embora diga que *“Eu não acredito que [esses seres] existem, acredito que isso são coisas da imaginação. Nunca eu vi, já ouvi somente as histórias”*, faz parte do grupo de pessoas que nunca viu e que talvez nunca veja um ser sobrenatural,

¹⁷ Conforme Descola (2015, p. 13): “(...) a referência compartilhada pela maioria dos seres no mundo é a humanidade, como uma condição geral, não específica do homem como espécie. Em outras palavras, humanos e todo tipo de não-humanos com os quais interagem possuem fisicalidades diferentes, nas quais suas idênticas essências internas estão alojadas, muitas vezes descritas localmente como roupas que podem ser doadas ou descartadas, dando ênfase a sua autonomia em relação às interioridades que as habitam. Não-humanos se veem como humanos, pois é dito que acreditam compartilhar com estes de um mesmo tipo de alma, ainda que distintos dos humanos por seus corpos diferenciados”.

mas mesmo não acreditando, não deixa de compartilhar os encontros entre seus pares e os seres não-humanos.

Renata da Cruz, 44 anos, servidora pública, moradora do rio Igarapé Grande, diz que:

Os jovens de hoje não acreditam tanto quanto como os jovens de antigamente. Com o avanço da tecnologia, eles dão mais importância para o mundo virtual. Sendo assim, não dão tanta importância para o meio em que vivem e com isso, estão esquecendo as culturas e costumes de nossos antepassados.

Hoje em dia, os encontros com os seres não-humanos não são tão corriqueiros como antigamente. A ilha Saracá mudou muito e se tornou bastante populosa. *“Agora que a gente não vê quase porque tem demais gente, mas de primeiro a gente via [muita visagem]”* (Ana Maria, 88 anos, aposentada). Lembro-me de minha avó, certa vez dizer, que as visagens não gostam de barulho. O som alto e a expansão populacional, fizeram com elas fossem expulsas. Talvez vivam nos locais mais afastados da ilha ou simplesmente perderam o interesse em relação aos seres humanos.

Essas narrativas continuam a ser compartilhadas pelas pessoas mais velhas, geralmente o avô e a avó, o pai e mãe, o tio, a tia, o primo, o irmão, a irmã, mais velho, mais velha. São contadas antes de dormir, no embalo da rede, no comecinho da manhã, no final da tarde, durante um café na cozinha, no pátio, no porto, na cabeça da ponte, na roda onde as pessoas jogam baralho, descascam camarão ou retiram as sementes de cacau, bem como dentro da mata ou durante as pescarias na boca do rio, no igarapé. Elas também são contadas durante as viagens para a cidade, antes ou após o término das reuniões religiosas ou de tomada de decisões. E é claro, pelo WhatsApp, Facebook ou por uma ligação entre parentes/conhecidos.

Não importa o canal, o que importa é compreender que elas estão vivas. Fazem parte do dia a dia dos ribeirinhos da ilha Saracá. Quem não teve o azar de se esbarrar com um ser encantado/sobrenatural, agradece a Deus pelo livramento e conta, pelo olhar e pelo ouvido do outro, o que se passou com ele ou o que ele ficou sabendo. *“Me contaram, não sei se é breu, mas disque, soube, por um tris que ele não...”* e assim as histórias vão sobrevivendo e chegando até esse povo que ama contar histórias.



Figura 34: O Cachorro Branco e o Pretinho. Elaborado por Geovane Paes, 2023.

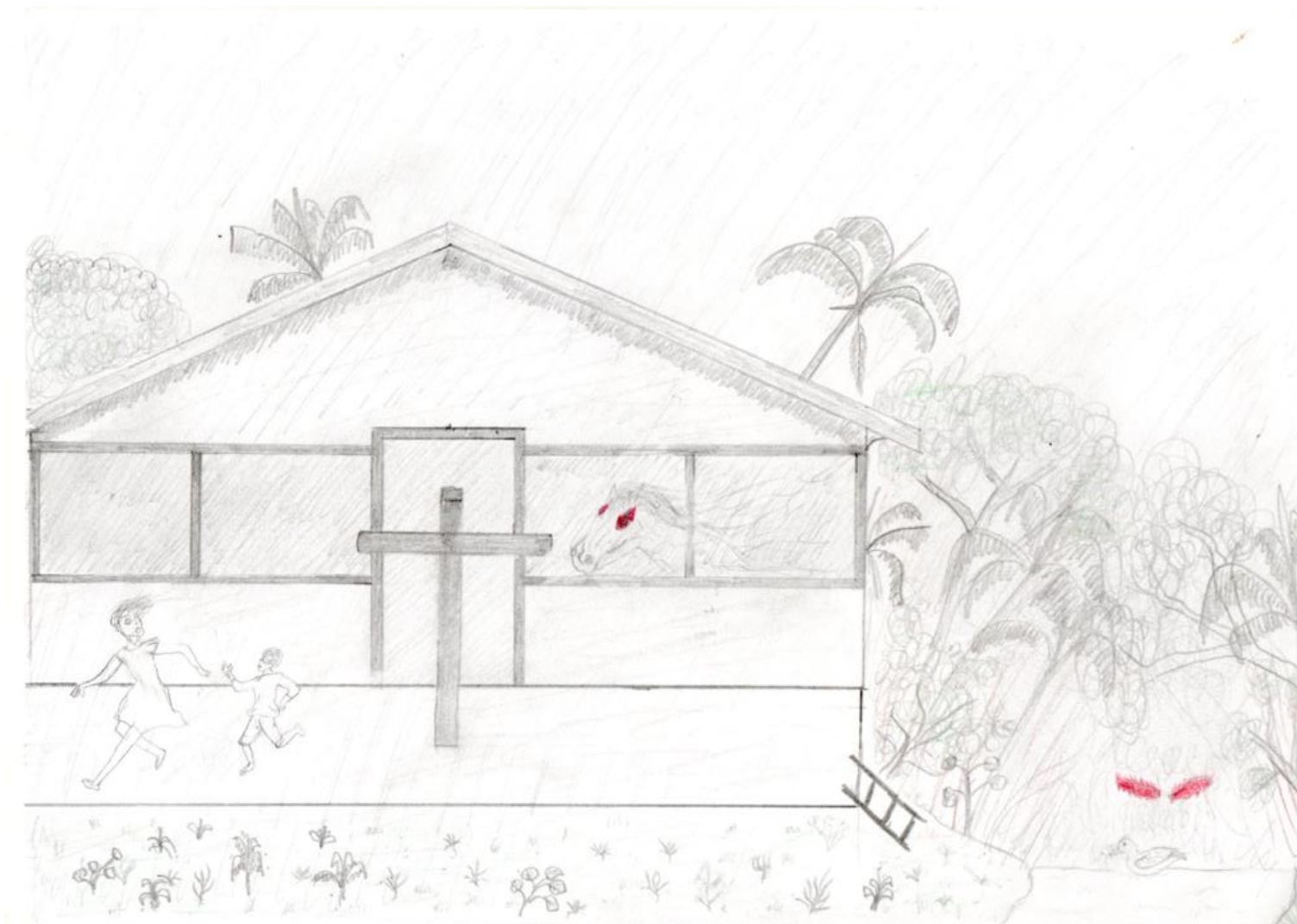


Figura 35: A mizura do barracão e a Pata Branca. Elaborado por Geovane Paes, 2023.



Figura 36: Moedas caindo da cuia. Elaborado por Geovane Paes, 2024.



Figura 37: Briga na embarcação. Elaborado por Geovane Paes, 2024.



Figura 38: Hormino Vulcão vendo sua esposa com o seu filho. Elaborado por Geovane Paes, 2024.



Figura 39: O boto. Elaborado por Geovane Paes, 2023.



Figura 40: Meu irmão Geovane e seu filho Pietro sentados na rampa. Foto: Genisson Paes, 2023.

Na figura 40, meu irmão Geovane está sentado em uma rampa de acesso à casa de nossa avó Ana, contemplando o final da tarde, na companhia de seu filho Pietro, meu sobrinho e afilhado. Geovane tem 31 anos e trabalha como pedreiro. Ele não gosta muito de desenhar, mas fez os desenhos a meu pedido.

4. OS SISTEMAS ONTOLÓGICOS DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Neste capítulo, apresento algumas narrativas que povoam o sistema ontológico de diferentes sociedades. Como já ressaltado, estas não são histórias absurdas ou destituídas de significados, na medida em que as pessoas acreditam nelas, assim como acreditam na existência do ar, da gravidade ou de Deus. Nesse sentido, o mito não é sinônimo de mentira ou fantasia, mas “é tratado como parte integrante do meio, ou seja, pertence a uma realidade, é vivido por populações tradicionais e, portanto, não se trata de uma ‘realidade ilusória’, mas de uma forma de compreensão de mundo” (MORAES, 2007, p. 23).

Por trás da relação entre seres humanos e não-humanos, está a relação com a própria natureza. Ao longo dos anos, as sociedades ocidentais foram se afastando da natureza, tratando-a como uma fonte de onde extraem a matéria-prima necessária para a produção de mercadorias. Essa relação histórica fez com que a natureza fosse compreendida como um objeto que apenas serve para satisfazer nossas necessidades, sejam elas físicas ou psicológicas. Mas, como sabemos, nem todas as sociedades humanas possuem a mesma relação. Muitas não veem a natureza como uma fonte de obtenção de bens, mas como um ser dotado de vida e de razão. Essa visão permeia os sistemas ontológicos de povos originários, quilombolas, ribeirinhos e de tantas outras categorias étnicas e identitárias que, desde tempos imemoriais, são/estão conectados com a natureza, não a compreendendo como uma mercadoria, mas como uma parte de cada um de nós.

De acordo com Krenak (2019, p. 10):

No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casais. Tem mãe, pai, filho, tem uma família de montanhas que troca afeto, faz trocas. E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes, ganham presentes das montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?

Esse é o perigo de uma história única, pois a “história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”

(ADICHIE, 2019, 26). E tudo que diverge dessa história que, aos poucos, se torna hegemônica, passa a ser tachado de fantasia, idiotice, besteira e tantos outros adjetivos que guardam construções impregnadas de preconceitos e etnocentrismo exacerbados.

Segundo Adichie (2019, p. 22-23):

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer 'ser maior do que outro'. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito do poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.

Nesse contexto, o boto é um fato que faz parte do cotidiano de diversas sociedades ribeirinhas amazônicas. Não é, portanto, algo destituído de veracidade, já que as pessoas acreditam em sua existência e nos males que este ser poderá vir a causar. Não se fala de lenda, mito, mas de histórias que fogem do escopo homogeneizador da sociedade capitalista da qual Saracá está em constante interação social e simbólica.

É por isso que o “rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas” (KRENAK, 2019, p. 21). O rio é, portanto, um ser humano, uma parte de nós, algo vivo que conversa conosco, que nos entende, que olha em nossos olhos. Mas,

Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”. (KRENAK, 2019, p. 24)

Mas por que uma montanha ou um rio não podem falar? Quem disse isso? Não seria vaidade de nossa parte achar que somente nós somos dotados de palavras? E os outros seres? Será que não falam? E se falam o que tem a nos dizer?

Segundo Krenak (2019, p. 15):

Nosso amigo Eduardo Viveiros de Castro gosta de provocar as pessoas com o perspectivismo amazônico, chamando a atenção exatamente para isto: os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também têm.

De acordo com Krenak (2019, p. 29) “Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo”. Quem sabe não seja por isso que tentamos manter o entendimento de que a humanidade apenas pertence a nós e não aos outros seres. Não seria essa uma espécie de zona de conforto? Nossa comunidade (BAUMAN, 2003) de proteção entre nós (ocidentais) e os de fora (outros sujeitos, outras ontologias)?

Conforme Toledo (2001, p. 7), “a natureza é vista pelos grupos humanos através de uma cortina de crenças e conhecimentos”. A sociedade capitalista, por sua vez, vê a natureza com base na sua própria cortina de crenças. Mas essa é apenas uma das formas de entendê-la. Existem muitas outras “cortinas”, mundo afora, com “tecidos e estampas diferentes”. Nesses contextos, a crença não é entendida como algo desassociado do real, mas como um fato, uma verdade evidenciada a partir de diversas interações entre seres de corpos diversos. É por isso que:

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. (KRENAK, 2019, p. 15).

Esse é o caso dos Baniwa, habitantes do rio Içana, no noroeste amazônico, que conforme Santos e Santos (2008, p. 41):

Donos de uma vigorosa cosmologia íctica, os Baniwa, habitantes do rio Içana no noroeste amazônico e falantes aruak, conferem aos peixes uma posição singular: eles estão associados à gênese da humanidade, participando de suas intrigas e infortúnios que marcam os tempos primordiais. Os peixes aparecem, dessa maneira, como mais uma espécie de gente que aprendeu a dançar e a construir malocas com as primeiras personagens de sua cultura.

Nesse sentido, “os peixes encontram-se inseridos numa rede de relações sociais e cosmológicas para além de sua condição natural e de sua utilidade alimentar – posição diametralmente oposta aos pressupostos da ciência biológica ou às abordagens materialistas da cultura” (SANTOS e SANTOS, 2008, p. 42). É por isso que os “Enawene-Nawe postulam que o cosmos é constituído de várias camadas, quase todas habitadas pelas mais diferentes

criaturas, animais, humanos, deuses, espíritos, ogros e seres espectrais” (SANTOS e SANTOS, 2008, p. 42). Dessa forma:

Os peixes constituem uma categoria especial de seres no pensamento enawene. Segundo sua mitologia, eles surgiram espontaneamente logo após a formação dos primeiros rios e, diferentemente dos demais seres, que tiveram sua emanção e transformação direta dos humanos, gozavam não apenas de qualidades antropocêntricas (como a detenção do pensamento e da alma), mas, sobretudo de certos atributos sociais.

Segundo os Enawene-Nawe, no começo dos tempos os peixes dominavam a língua dos humanos, a arte do canto, da composição, da instrumentação e da dança; tinham a habilidade do benzedor, *hoenaytare*, isto é, de soprar e proferir textos mágicos; obedeciam a certas regras de parentesco e de hierarquia, viviam em aldeias e praticavam rituais, tais como os humanos. A condição social e antropocêntrica primeira dos peixes definia, de antemão, a natureza e o grau de interação entre eles e as demais espécies e criaturas do universo. Tais relações se apoiavam em estatutos de equidade entre sujeitos com semelhantes posições sociais e compromissos jurídicos. (SANTOS e SANTOS, 2008, p. 45)

Viver em sociedade não é, portanto, uma característica da condição humana, mas de outros seres que também se organizam por meio de hierarquias e de instituições sociais. Ao ressaltar a noção de ponto de vista dos Juruna do baixo e médio Xingu, no que diz respeito à caça de porco do mato, Lima (1996, p. 22-23) destaca que:

Os porcos vivem em comunidades divididas em famílias e organizadas em torno de um chefe dotado de poder xamânico. Habitam aldeias subterrâneas e são produtores de cauim, o qual, na perspectiva humana, nada mais é que uma argila finíssima, conforme me contou uma mulher que sonhou com uma aldeia de porcos em cujo porto ela e eu tomávamos banho, até que descobrimos que estávamos atolados em uma lama da qual os porcos diziam ser, justamente, sua mandioca puba.

Conforme Lima (1996, p. 27) “Cada um, animal ou humano, pode produzir as características que melhor lhe agrade”. Nesse sentido, tanto humanos, como os outros seres que rotulamos como animais, organizam o mundo de forma que lhe convém, mediante suas necessidades e desejos.

No seio do povo indígena Tremembé de Almofala, município de Iracema, Ceará, a noção de encanto é de fundamental importância para a compreensão dessa sociedade. Como destaca Fernandes (2019, p. 48), a ideia de encantamento diz respeito “a passagem de pessoas para uma dimensão encantada e a existência de seres encantados que, em alguma medida, interferem na vida dos seres humanos”. Um exemplo diz respeito ao sistema do assovio, que “refere-se a um som que vem da mata, como se alguém tivesse

assobiado. Porém, a diferença é que não se sabe de onde o barulho veio, nem se consegue identificar sua origem” (FERNANDES, 2019, p. 49).

Ainda conforme Fernandes (2019, p. 49): “O assobio da mata é uma experiência encantada, na medida em que sua origem não é tão experienciável quanto seu efeito”. É dessa forma que sabemos que os encantados existem “e que se deixam mostrar em determinadas situações; mas, por outro lado, não é possível conhecer ou determinar sua origem” (FERNANDES, 2019, p. 49), mas se sabe que eles existem. Nesse sentido, o “mundo invisível, ou não experienciável, é o mundo encantado” (FERNANDES, 2019, p. 53), ou seja, um espaço de tempo no qual a maioria das pessoas não tem acesso, já que os seres que povoam esse universo não se deixam revelar por situações que fogem de nossa compreensão, pois “só conseguimos nomear o que experimentamos” (KRENAK, 2019, p. 32).

De acordo com Krenak (2019, p. 33): “Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem”. E “Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista”. (KRENAK, 2019, p. 24). E isso acaba por soterrar os universos de significados que são atribuídos a esses lugares, muitas vezes compreendidos como sagrados e mágicos.

Conforme Mega (2018, p. 13)

As paisagens sagradas têm forte presença nas mitologias ameríndias. Por todo o continente americano é possível encontrar um grande número de territórios que são considerados sagrados por diferentes povos. Tal característica sagrada faz destas terras um importante definidor de identidades étnicas.

Nos Estados Unidos, a floresta nacional do Coconino é considerada sagrada para diversos grupos originários; no Panamá, o parque Kuna é sagrado para os povos originários da região; O lago Titicaca, situado entre o Peru e a Bolívia, na Cordilheira dos Andes, é outro exemplo de adoração e respeito dos povos ali localizados; na Argentina, o parque nacional Lanin é venerado pelos indígenas Mapuche; no Brasil, os Mbyá-Guarani e as relações estabelecidas

com os territórios que ocupam, especialmente as áreas litorâneas (MEGA, 2018), dentre outros grupos.

Além de retratarem a origem da criação do mundo de diversos povos originários e de outras categorias étnicas, os mitos são essenciais para a reivindicação de territórios e por seguinte, da manutenção do modo de viver desses grupos. O que vemos hoje é o esforço de diversos grupos em ridicularizar e desacreditar essas práticas, o que configura um processo de etnocídio, ou seja, um “esforço com o propósito de destruição de uma cultura” (MEGA, 2018, p. 22).

Portanto, não basta matar fisicamente os povos, mas suas ideias, seus sistemas ontológicos. Nesse sentido: “Dessacralizar uma paisagem é retirar, menosprezar ou ignorar a carga mitológica que há nela, diminuindo-lhe sua eficácia simbólica como um núcleo de manutenção espiritual e étnica” (MEGA, 2018, p. 23).

Para Mega (2018, p. 22):

Deve-se atentar ao fato de que o etnocídio não implica na destruição física das pessoas que seguem a cultura a ser destruída. Estas pessoas são alvos de uma reeducação cultural que visa destruir nelas a cultura anterior e substituir esta cultura antiga por uma cultura considerada mais elevada e produtiva.

Por isso, não é difícil escutarmos alguém dizer que as práticas tradicionais são idiotices de gente ignorante, isto é, que não fala coisa com coisa. Pois só quem entende são os especialistas, na medida em que estudaram para isso. Tais discursos, na prática, figuram um etnocídio, isto é, a morte de saberes e a descrença de seus portadores.

De acordo com Krenak (2019, p. 13):

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.

A sociedade capitalista é a sociedade das denúncias e da negação das diversas formas de epistemologias que existem no globo, da desumanização dos seres, do etnocídio. Conforme Krenak, (2019, p. 12):

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo.

Nesse sentido e partindo do pressuposto de que “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 10).

Na Amazônia, assim como em outras realidades humanas, as perspectivas ontológicas são compartilhadas desde cedo. Desde o nascimento, as crianças já ouvem narrativas que giram em torno da criação do mundo, do bem e do mal e do encontro de pescadores/caçadores com seres sobrenaturais. Essas histórias são universais, haja vista “que reaparecem um pouco por toda a parte” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 17) e sugerem significados profundos. Esses significados variam conforme a leitura cultural que cada sociedade dá a essas narrativas. Dessa forma:

Os mitos estão vivamente presentes no cotidiano de populações tradicionais e são parte integrante da vida dessas populações. Longe de associarem-se ao irreal, os mitos ganham existência na medida em que dão significados à vida, aos acontecimentos, às prevenções e aos castigos. Eles são parte de uma teia de conhecimentos que são construídas, condensadas e metamorfoseadas no meio dessas populações. (MORAES, 2007, p. 106)

Na Amazônia, uma das mais profundas e emblemáticas etnografias sobre a relação seres humanos e não-humanos está em Galvão. Partindo do que o autor denomina de religião do “caboclo” amazônico, em Santos e Visagens (1955), e tendo como locus de investigação Itá/Gurupá, localizada na ilha do Marajó (PA), o antropólogo identificou e analisou diversas experiências, muitas das quais são análogas a outras, percebidas e comumente relatadas em diversos contextos dessa imensa região.

De acordo com Galvão (1955, p. 5):

(...) Um característico regional, é a forte influência ameríndia que se revela em crenças e práticas religiosas dessa origem. Entre essas crenças locais registramos as que se referem aos *currupiras*, descritos à semelhança de caboclinhos que habitam a mata; aos *anhangas*, “visagens”, na fala regional, que ora surgem sob a forma de um pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; à *cobra-grande*, que aparece comumente como uma sucuriju de grande porte, mas que também pode mostrar-se sob a aparência de um “navio encantado”; às *matinta-perera*, outra “visagem” que se identifica por um pássaro negro, seu xerimbabo; aos *bôtos*, que se acredita sejam encantados e possam se transformar em seres humanos. Embora sua fama de sedutores de

mulheres, são particularmente temidos por seu poder maligno; aos *companheiros do fundo*, "encantados" que habitam o fundo dos rios e igarapés; as *mães de bicho*, entidades protetoras da vida animal e vegetal. Além desses, cuja caracterização é bastante definida, existem muitos outros sobrenaturais a que o caboclo denomina genericamente de "*bichos visagentos*", em geral associados a um acidente natural, o rio, o igarapé, ou um trecho da mata.

Maués (2012), ao realizar diversos estudos na microrregião do Salgado, no nordeste paraense, destaca o sistema cosmológico, o qual, segundo o autor, é uma concepção derivativa de diversos elementos. No âmbito desse sistema, o mundo é organizado a partir de diferentes planos, que abrigam diferentes sujeitos. Segundo o referido antropólogo:

Mais particularmente na microrregião do Salgado (litoral paraense, a nordeste do estado do Pará), (...) o sistema cosmológico – uma *bricolage* de múltiplas concepções – inclui diferentes planos com seus personagens fundamentais: bem acima (no céu), Deus, anjos, santos, espíritos de luz e "anjinhos" (que morreram crianças). No espaço intermediário, entre o céu e a superfície terrestre, ficam os espíritos maus (uma espécie de demônios, incluindo Satanás) e os espíritos penitentes (que passam por provações, antes de poderem atingir a salvação, no plano superior). Na superfície terrestre habitam os seres humanos (entre o nascimento e a morte), os outros animais e as plantas. No "fundo" – das águas e da terra – fica o lugar do "encante": é a morada dos encantados que, no entanto (e de várias maneiras), relacionam-se com os humanos que moram na superfície. Os encantados são vistos também como seres humanos (não são pensados como espíritos), porque não morreram, mas se encantaram. (MAUÉS, 2012, p. 38)

De acordo com Maués (2006, p. 20) "Nas crenças populares amazônicas há duas categorias de encantados: do fundo e da mata". No plano identificado por "fundo", estão os encantados, seres que não morreram, mas que se encantaram, ou seja, passaram por uma espécie de transformação e/ou adentraram em um mundo que lhes atribuiu determinadas características. Dentre essas características está a de se camuflar dos olhos de nosso mundo ou aparecer para quem se deseja. No seio desse universo há uma diversidade de seres que podem assumir diferentes formas, inclusive formas humanas.

Nas áreas litorâneas (Marajó, Salgado, Bragantina), os encantados mais importantes são os do fundo que, por isso, são também conhecidos como "bichos do fundo", quando se manifestam sob a forma de animais aquáticos. (...) Manifestam-se também, desta vez de forma invisível, quando se incorporam nos pajés, curadores ou xamãs, com a finalidade principal de participar de seus rituais de cura – e, neste caso, são considerados benéficos e chamados de "caruanas. (MAUÉS, 2006, p. 20)

Com base no trecho acima, podemos compreender que os seres encantados também aparecem quando se incorporam em determinadas

peessoas, ou seja, usam a voz e o corpo do outro para se manifestar, para dizer o que querem. No entanto, não são todas as pessoas que têm o “dom” de receber as entidades. São pessoas preparadas e que tem o corpo aberto para tal. É o caso dos pajés e dos pais de santo.

Conforme Maués (2012, p. 38-39):

Os encantados – sendo normalmente invisíveis aos olhos dos outros homens – manifestam-se de três maneiras principais, assumindo em cada caso denominações diferentes. No mar, nas baías, nos lagos e nos rios eles aparecem como animais que normalmente se encontram nesses ambientes: cobras, jacarés, peixes, botos etc. Por isso, são chamados de “bichos do fundo”, não sendo fácil distingui-los dos outros animais, não encantados. Outra forma de manifestação que assumem ocorre nas praias e às margens dos rios, das baías e dos lagos: neste caso aparecem sob a forma humana, muitas vezes assumindo a figura de pessoa amiga, um parente próximo, a mulher, o marido, um filho: é quando são mais perigosos, pois, dessa forma, muitas vezes seduzem os seres humanos comuns para levá-los a sua morada, o encanto. Outras vezes (...) manifestam-se a pescadores para que consigam, mediante um ritual específico, libertá-los do encantamento. A terceira forma de manifestação, muito comum, é quando, permanecendo invisíveis, incorporam-se num pajé ou numa pessoa comum de quem se agradam e que desejam tornar pajé.

Nesse sentido, os encantados:

Aparecem a caçadores que cometem infrações contra o ambiente da floresta, caçando um número muito grande de animais, ou perseguindo sempre o mesmo animal, ou cometendo faltas que poderíamos classificar como prejudiciais ao ambiente natural. Metamorfoseados como animais atraem o mau caçador para uma cilada, fazendo-o perder-se na mata. Vale dizer que alguns dos encantados ou bichos do fundo – as chamadas mães dos rios – também castigam as pessoas que prejudicam os cursos d’água, aplicando-lhes o que é conhecido como “flechada de bicho”, uma doença que só pode ser curada pelo pajé. (MAUÉS, 2012, p. 39-40)

Não há, unicamente, seres encantados, mas cidades e lugares encantados. Muitos são os relatos que evidenciam a existência de “Atlântidas amazônicas”. Este é o caso identificado por Câmpera, na região do Médio Solimões, no estado do Amazonas:

Como há seres encantados, há também, cidades encantadas, ilhas encantadas e lagos encantados. Os moradores do Amanã identificam vários exemplos desses, em que pessoas foram levadas e nunca mais apareceram. Uma das narrativas envolve uma comunidade inteira que foi — encantada, pois foi completamente submersa durante uma grande enchente do rio e todos os moradores dali foram —eternizados como habitantes do fundo. Esta comunidade encantada, localizada num dos paranãs do Lago Amanã, situa-se bem à frente de outra comunidade onde residem apenas três famílias atualmente, chamada Bom Socorro. Um morador desta comunidade relata que eles chegam a ouvir vozes e até músicas vindas do rio, alegando que os encantados também fazem festa e gostam de dançar e cantar. (CÂMPERA, 2017, p. 25)

Pizarro (2012, p. 203), ressalta que “Os ‘encantados’ não são figuras aleatórias. Eles convivem, fazem parte da vida dos habitantes da Amazônia; explicam, guiam e dão sentido a essas vidas. As forças do imaginário intervêm na vida diária, determinando-a”. são, portanto, seres que apontam caminhos, indicam sugestões. Funcionam como espécies de guias que trazem recomendações aos indivíduos em momentos de tomada de decisões que podem incidir diretamente na vida das pessoas.

Câmpera evidencia o que fora identificado por Maués e Galvão, isto é, os impactos que os seres encantados causam na saúde e qualidade de vida das pessoas.

Os seres encantados podem influenciar na saúde das pessoas de várias formas. No Amanã, relatos de pessoas que tiveram em contato com encantados, descreveram que geralmente após o encontro elas se adoentaram, pois se sentiam mal, a vista embaçava, paravam de comer e ficavam com alguma indisposição. Algumas crianças que se perderam na mata e voltaram, diziam ter sido levadas por suas próprias mães ou algum parente quando na verdade trata-se de algum ser encantado que se transformava nesta forma somente para atrair a criança. Então, depois, essas pessoas ficavam com um —mal que somente seria retirado através de um curador que possui habilidade para interferir no outro mundo, a fim de curar o encanto, como o sacaca. (CÂMPERA, 2017, p. 25)

Ainda hoje, há locais em que o sistema de saúde não chega com a força que deveria ter. Por outro lado, não é apenas sua ausência ou presença que faz as pessoas recorrerem às práticas tradicionais, mas um conjunto de valores e crenças que regula suas visões de mundo, em diferentes contextos socioculturais.

Câmpera, ao estudar a região do Médio Solimões, no estado do Amazonas, destaca as diversas narrativas sobre os variados seres sobrenaturais e também destaca que esses seres influenciam diretamente a vida das pessoas das diferentes comunidades. Segundo a autora:

Nas comunidades do Amanã ouve - se muitas histórias sobre o boto, curupira, mapinguari, cobra-grande entre outros. Estes seres fazem parte da cosmologia da região e segundo os relatos dos comunitários, habitam os ambientes da floresta e podem influenciar a vida das pessoas, provocando alucinações, doenças e até mesmo transportá-las de um lugar para o outro. (CÂMPERA, 2017, p. 24-25)

Câmpera também destaca que as pessoas não somente acreditam nas histórias, mas que seus personagens são portadores de poderes especiais.

Ressalta o sistema de compartilhamento das narrativas, que são contadas de avô para neto, de pai para filho e assim sucessivamente, alcançando toda a família e englobando diferentes gerações. Ao longo dessa temporalidade, as narrativas vão ganhando diferentes roupagens, já que são vivas e se adequam as necessidades de seus interlocutores. Segundo a autora:

Os ribeirinhos do Lago Amanã acreditam muito nos poderes dos seres encantados e os mais citados nas narrativas são o boto, a cobra grande e o Mapinguari. Estes seres fazem parte das histórias contadas de avô para neto, de pai para filho, mãe para filho, enfim, em toda família há uma história com algum destes temas. A maioria delas fala de histórias de caça, em que o caçador encontra algum desses espíritos pela mata e se perde, não conseguindo encontrar sua canoa. Há relatos de pescadores que se afogaram depois de ter sua canoa revirada pelo boto ou de famílias que voltando da roça escutaram o assovio da Curupira. Em todos os casos, a pessoa que encontra com tais espíritos, fica adoentada e precisa ser levada para um curador, mais especificamente para o sacaca, pois ele é o único que pode lidar com —os espíritos do fundo. (CÂMPERA, 2017, p. 78)

Em Guarajá, comunidade quilombola localizada do município de Acará, Estado do Pará:

Existem, na vida destas comunidades, relatos cotidianos de homens lobos que se transformam em porco ou cavalo, de padre sem cabeça que vaga pelas proximidades da casa do patrão, de dois meninos negros, fantasmas que andam pelos caminhos, entre outros. Estes espíritos são chamados de 'encantados'. O Areal, um vasto lugar de areia branca, desabitado, é importante na vida das comunidades, já que residem naquela área desde tempos antigos 'encantados' muito poderoso, que cuidam do lugar. (PIZARRO, 2012, p. 196)

Como já mencionados, os seres encantados/sobrenaturais, são temas de diversos filmes e séries. No filme “Ele, o boto”, de 1987, dirigido por Walter Lima Jr, temos um rapaz de irresistível poder, seduzindo jovens inocentes e causando enormes transtornos à sua vida. Em “O Areal, o filme”, uma coprodução chileno-brasileira, de 2008, dirigida por Sebastián, temos a floresta amazônica como palco de diversas histórias. O filme acompanha uma comunidade quilombola e sua profunda relação com os espíritos que habitam um areal, uma área encantada e repleta de acontecimentos sobrenaturais que passa a ser afetada por uma construção. No documentário “Matinta”, de 2010, dirigido por Fernando Segtowick, temos a matinta, personagem muito difundido no território amazônico e que povoa diversas perspectivas ontológicas. Conforme Fares (2007, p. 08):

No bestiário das matintas voejantes, elas assumem formas variáveis e podem configurar-se em andorinhas, gaviões, morcegos ou, simplesmente, pássaros. Como entes voadores da família dos ornitomórficos, dos mamíferos quirópteros, ou pertencentes ao mundo

dos espíritos, são apresentados em muitos dicionários, e alguns estudos gerais sobre a mítica amazônica e/ou brasileira.

No formidável filme “Princesa Mononoke”, uma animação japonesa de 1997, dirigida por Hayao Miyazaki e produzida pelo Studio Ghibli, vemos a luta travada entre cultura e natureza e o papel dos espíritos da floresta nesse embate de forças com consequências devastadoras para os dois lados. Em “O menino e a garça”, lançado em 2023, no Brasil o filme foi lançado em 2024, mais uma vez, Hayao Miyazaki, retrata relações profundas entre humanos e não humanos, evocando os laços que envolvem esses dois mundos em uma viagem que fica pairando em nossa mente por horas e horas, na medida em que passagens ficam soltas, fazendo com que o espectador esclareça-as a partir do que sentiu e do que experimenta sobre seu próprio mundo. A animação ganhou o Globo de Ouro, o Bafta e o Oscar, demonstrando a força que tais narrativas possuem ao serem exploradas na tv e no cinema.

Mais recentemente, a série “Cidade Invisível” (2021, 2023), disponível na plataforma de *Streaming Netflix*, traz alguns desses personagens para o centro de sua narrativa. Aqui há a luta do bem contra o mal, pois assim como os seres humanos, os seres encantados também têm lado. Alguns lutam pela proteção e conservação da natureza. Outros, já foram seduzidos pela ganância do sistema capitalista. No entanto, apesar de a série retratar esses personagens como ficção, fica claro, a partir desta tese e dos estudos aqui incorporados, que a existência de seres encantados/sobrenaturais, para diversas sociedades tradicionais, não é compreendida como fantasia ou irrealidade, mas como um fato, pois eles existem e fazem parte da vida cotidiana.

Nos últimos anos, a literatura também tem se utilizado de situações/personagens envolvendo ou tendo como fio condutor da narrativa perspectivas ontológicas de diferentes grupos/sociedades. No conto “A cidade submersa”, presente no livro “Sol forte na pele”, Marcos Costa (2022), apresenta nosso mundo interagindo com o “mundo invisível” que se releva por causa dos impactos causados pelo lado de cá. Um âncora jogada nas águas destrói o telhado de uma casa, o que faz com que uma moradora, que vive no fundo do rio, apareça para reclamar do inconveniente.

No conto “Encataria de rio”, disponível na coletânea intitulada “Corpos benzidos em metal pesado”, Pedro Baía (2022), nos permite pensar sobre as

transformações causadas por grandes projetos e de como as ações humanas impactam o meio ambiente e a própria existência dos encantados que, aos poucos, vão desaparecendo, assim como os peixes e as próprias ilhas.

No romance *Jambo Rosa*, Genisson Paes (2022), destaca a importância dos sonhos e de como esse canal permite com que seres humanos interajam com seres sobrenaturais. O autor também descreve a narrativa da Patinha Branca, aqui também incorporada.

Em “Chapéu virado”, Salomão Larêdo (1997), apresenta-nos a lenda do boto. O conto tem como cenário uma ilha amazônica em que o autor discute o fascínio e a atração irresistível que exala do homem de chapéu virado. Como se sabe, o boto tem um orifício localizado em sua cabeça. O chapéu se faz necessário para esconder essa característica que pode revelar sua identidade.

Boiuna ou a cobra branca é um mito que esta presente em diversos sites e blogues da internet. O tema é também recorrente em diversos textos literários. A personagem foi incorporada no livro “A cobra grande do rio Cupijó”, de Alaerce Tavares (2008), “Cobras Encantadas do Rio Tocantins”, de Haroldo Barros (2015), e em tantos outros autores que ressaltam os perigos e o seu poder dessa criatura que aterroriza quem se atreve a passar pelos rios amazônicos.

No livro “Contos Amazônicos”, Inglês de Sousa (2023), nos apresenta com narrativas que trazem muitos dos personagens presentes no imaginário social da Amazônia, além de singulares descrições sobre a região. Temos a presença do boto, da cobra grande, da matintaperera servindo de enredos para histórias fascinantes e ainda tão presentes na boca do povo. Com traços marcadamente naturalistas, os contos do autor carregam as influências da natureza sobre as pessoas, ao mesmo tempo em que destaca o contexto e os problemas sociais da época. Muitos ainda se fazem presentes nos dias de hoje.

Mais recentemente, temos o aclamado “Torto arado” (2019), de Itamar Vieira Junior. Na parte final do livro o autor traz uma entidade, isto é, um ser encantado/ personagem que relata passagens de sua vida. Itamar Vieira Junior não concorda em ser chamado como um autor que escreve literatura fantástica, na medida em que a personagem em questão não é uma invenção, mas um ser que faz parte da vida diária de muitos grupos sociais, pois está presente em momentos festivos, ritos, direcionando e ajudando as pessoas que a consultam.

Finalizamos este capítulo conscientes de que cada sociedade aciona um conjunto de elementos para compreender seu próprio mundo. Esses mundos, por sua vez, como são percebidos de diferentes maneiras, fazem emergir relações específicas. Algumas narrativas se repetem em vários lugares, outras são particulares de determinados contextos. De modo geral, os seres não-humanos são percebidos por características que os tornam especiais. Muitos ajudam por meio de conselhos e sugestões, outros são vistos como perigosos e devem ser evitados. O fato é que eles existem, vivem entre nós e aparecem quando querem e para quem sentem a necessidade de aparecer. São reais assim como nós, as plantas e os demais animais. Portanto, suas existências são incontestáveis!

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira unânime, parte dos seres não-humanos, aqui identificados, não são vistos de forma positiva pelos ribeirinhos da ilha Saracá, na medida em que não são considerados indivíduos de carne e osso, ou seja, da realidade física/vivenciada por esta sociedade, mas de uma que, muitas vezes, lhes escapa do entendimento.

Os ribeirinhos acreditam que alguns desses seres são a própria manifestação do diabo ou de algum ser que está sob sua orientação. Outros são considerados alma penada, ou seja, pessoas que, após a morte, necessitam voltar para pagar seus pecados, isto é, sua sina, que, no geral, equivale a vagar pelo mundo dos vivos, seja buscando atrair indivíduos para o mal, bem como apenas se fazendo revelar em determinadas situações sem, contudo, mexer com os indivíduos que os veem ou os sentem. É, portanto, uma dívida que faz com que parte destes seres esteja inserida no cotidiano da ilha, por isso os sonhos e as tentativas de convencimento para que tesouros sejam encontrados.

Por outro lado, há seres que apenas aparecem e assim como se revelam também desaparecem, sem deixar quaisquer explicações. Não se sabe exatamente por que alguns seres aparecem, já que não causam mal algum e/ou pedem alguma coisa. Embora não façam mal algum, provocam medo e muita preocupação naqueles indivíduos que os veem. Esses indivíduos, por sua vez, abandonam as atividades que estavam desenvolvendo e voltam mais cedo para suas respectivas casas.

Alguns relatam o ocorrido para seus familiares, outros guardam a experiência para si, revelando-a muito tempo depois do transcorrido. Alguns tentam encontrar explicações que justifiquem o encontro, ou seja, a manifestação da visagem e dos demais seres não-humanos. Muitos dizem que o azar e a falta de sorte, bem como o estar carregado, ou seja, preocupado, começou o dia com o pé esquerdo, que fazem com que o encontro aconteça.

Como já evidenciado, os dados sugerem a existência de um único mundo, constituído por seres humanos e não-humanos. Esse mundo é, portanto, habitado por seres que possuem seus cotidianos entrelaçados. Muitos se veem e se provocam, arrumando confusão uns com os outros. As aparições, visuais ou através de outros sentidos, dos seres não-humanos, é um reflexo das vontades e dos seus desejos. Ou seja, os não-humanos aparecem porque tem

vontade de se fazerem vistos porque algum ser humano passou dos limites, está incomodando ou simplesmente para provocarem medo entre os humanos, bem como para lhes fazer companhia.

Nessa relação, o boto é ora animal, ora gente. Ao assumir essa forma, ou seja, a forma humana, o boto é considerado um ser perigoso, pois pode fazer o mal. Por outro lado, o boto, enquanto animal, pode ajudar o pescador a ter uma boa pescaria, bem como acompanhá-lo durante suas andanças pelo rio. Nesse sentido, é um amigo, um agente protetor, um parceiro de pescaria e de viagens. O mundo das visagens é tanto apreendido por mizuras, isto é, as visagens que não aparecem em sua forma física, mas por meio de vozes e de outros barulhos, como a quebra de paus dentro da mata, agressões físicas etc.

No intuito de evitar tais encontros, os ribeirinhos da ilha Saracá tentam não estar dentro da mata em horários inapropriados ou pedem intervenção divina para que nada de mal lhes aconteça quando estão em seus locais de trabalho ou dentro de suas próprias casas. O mato, por volta das 12 horas e a partir das 18 é pesado, o que sugere a existência de perigo eminente.

A fé é, portanto, um elemento que os blindava do mal, pois de tudo há neste mundo. Nesse sentido, o pacto, os sonhos, os encontros, o sentir e a cuíra são alguns dos elementos pelos quais esses seres afloram. Mas esse aflorar é vivenciado de maneira diferenciada, já que nem todos tem contado com os seres não-humanos. Portanto, são seres complexos, pois se manifestam de variadas formas e envolvem diferentes sentidos. A cuíra, por exemplo, seria uma espécie de sexto sentido que avisa que algo não está certo ou que alguma coisa muito ruim está em vias de acontecer, pois a natureza age, as folhas e as pássaros ficam quietos. O silêncio impera e quando isso acontece é porque algo está em curso.

Essas “narrativas têm acentuada dimensão identitária e notório valor cultural e patrimonial” (CARVALHO, PIRES e SANTOS, 2022, p. 126). Na ilha Saracá isso não é diferente, pois elas fazem parte do dia a dia das pessoas. São contadas há gerações antes de dormir, durante o lanche da tarde, no banho de rio, ao visitar um parente ou vizinho ou mesmo pelo WhatsApp e por ligações telefônicas. São seres que se fazem presentes, mesmo que boa parte das visagens já terem ido embora ou estarem morando em locais mais distantes, pois elas não gostam de barulho, de muita gente, tampouco da luminosidade das

casas. Antes havia mais visagens, hoje nem tanto. A tecnologia as afastou de perto das habitações. Agora elas vivem escondidas. Já não são vistas como antigamente. Antes não era difícil avistar uma visagem. Hoje muita coisa mudou. Há muitas casas e há poucos matos “soturnos”, como diria minha avó, ou seja, distantes, inexplorados para elas viverem em paz.

Parte dessas visagens se recolheram, isto é, se afastaram das pessoas ou perderam o interesse nelas. Estão em outros lugares. Quem sabe não estão de férias, fazendo coisas mais interessantes do que assustar os ribeirinhos da ilha Saracá. A única certeza é que elas existem, vivem entre nós, estão no meio de nós.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADRIÃO, Denize. Entre o rio e a floresta: a vida ribeirinha na Amazônia. In: SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Viver em ilhas*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 67-82.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. et. al. (Orgs.) *Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais*. Belém: EDUEPA, 2016.

ALMEIDA, Rogério. Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins. *Estudos Avançados*, 24, (68), 2010, p. 291-298.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013

BAÍÁ, Pedro Augusto. Encantaria de rio. In: *Corpos benzidos em metal pesado*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2022, p. 41-45.

BARROS, José Haroldo Oliveira. *Cobras encantadas do rio Tocantins*. Cametá: Novo tempo comunicações LTDA, 2015.

BAUM, Vicki. *A árvore que chora*. Rio de Janeiro: Edição da Livraria do Globo, 1946.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. *Anuário Antropológico*/92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994, 225-241.

BORGES, Marcos Trindade. *Etnografia dos fluxos de comercialização, circulação e consumo de açaí no bairro do jurunas-Belém/PA*. 159f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará: Belém, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Introdução. In: SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Viver em ilhas*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 7-17.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Baixo Tocantins (PTDRS). Brasília: MDA/SDT, 2011. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio130.pdf>. Acesso em 18/12/2021.

CAMPERA, Luiza Maria Fonseca. *O lago encantado e o caminho da chuva: noções de corpo, cura e cosmologia no Médio Solimões Um estudo antropológico em comunidades da RDS Amanã*. 126f. dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017.

CARVALHO, Luciana Goncalves de; PIRES, Eliema de Jesus; SANTOS, Zair Henrique. “A corrente que arrastava”: historias e patrimônio cultural dos quilombos de Oriximiná. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 116-135, julho/dez. 2022.

CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

CHAVES, Genisson Paes. *Açaí na mesa: o circuito produtivo do açaí em uma comunidade da ilha Saracá*. 48f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará. Belém: 2013.

CHAVES, Genisson Paes; FURTADO, Lourdes Gonçalves. Tempo, trabalho e natureza em uma comunidade haliêutica da região do Baixo Tocantins (PA). In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

CHAVES, Genisson Paes; FURTADO, Lourdes Gonçalves; CARDOSO, Denise Machado. Alternativas de Conservação: Debates e reflexões sobre o Acordo de Pesca e de Manejo do Açaí (*Euterpe oleracea*) na comunidade da Ilha Saracá - Pará. In: VI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), 2012, Belém. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS). Belém, 2012.

CHAVES, Genisson Paes; FURTADO, Lourdes Gonçalves. Entre rios, furos e igarapés: o ambiente aquático no imaginário social dos ribeirinhos de uma sociedade amazônica. *Contribuciones a las ciencias sociales*, v. Junho, p. 1-13, 2017.

CHAVES, Genisson Paes; CARDOSO, Denise Machado; FURTADO, Lourdes Gonçalves. Sobre açaí numa comunidade da ilha Saracá; um exercício etnográfico na região do Baixo Tocantins. In: Carmem Izabel Rodrigues; Luis de Jesus Dias Silva; Voyner Ravena Cañete. (Org.). *Mercados Populares em Belém: produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano*. 1ed. Belém: NAEA Editora, 2017, v., p. 260-269.

COELHO, Matheus Camilo; BENCHIMOL, Alegria; MIRANDA, Elis de Araújo. Henri Coudreau e a “vulgarização” amazônica: os índios Juruna, Tapayuna e Parintintin (1895-1896). *Novos Cadernos NAEA*, v. 22, n. 3, p. 245-261, set-dez 2019.

CORDEIRO, Iracema M. C. C.; ARBAGE, Marcelo J. C.; SCHWARTZ, Gustavo. Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários. In: CORDEIRO, I. M. C. C.; RANGEL-VASCONCELOS, L. G. T.; SCHWARTZ, G.; OLIVEIRA, F. de A. (Org.). *Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias*. Belém, PA: EDUFRA, 2017, p. 19-58.

CORRÊA, Edson de Jesus Antunes. *Construção naval artesanal e a metamorfose do trabalho, capital na Amazônia: um estudo sobre construtores de embarcações de madeira em Igarapé-Miri (PA)*. 166f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Pará: Belém, 2016.

COSTA, Marcos Samuel. A cidade submersa. In: *Sol forte na pele*. Belém: Editora Folheando, 2022, p. 41-47.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim do Museu Nacional: Antropologia*, n. 27, mai., 1978. p.1-12.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. *Tessituras, Pelotas*, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Conceito de ontologia. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=G9AQd>>. Acesso em 10/01/2024.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa de Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 1997.

ELE, O BOTO. Dirigido por Walter Lima Jr. Brasil, 1987. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CkZgwK4MB5k&t=1184s>>. Acesso em: 08/01/2024.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Fares, Josebel. A. (2007). Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico. *Boitatá*, 2(3), 62–77. Disponível: <https://doi.org/10.5433/boitata.2007v2.e30706>. Acesso em: 04/05/2024.

FERNANDES, Janaína. Encantes da terra: segredo e conhecimento entre os Tremembé de Almofala. *Ilha*, v. 21, n. 1, p. 38-67, junho de 2019.

FERREIRA DE CASTRO, José Maria. *A Selva*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950*. Belém: Edufpa, 2009.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Apresentação. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Série Antropologia, vol. 6, nº 1, Belém, 1990.

FURTADO, Lourdes Gonçalves; NASCIMENTO, Ivete Herculano. Traços de uma comunidade pesqueira do litoral amazônico; relato sobre organização em comunidade haliêutica. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves e QUARESMA, Helena Barbosa (Orgs.). *Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002, p. 23-56.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Embarcações, usos e significados no contexto amazônico. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves; AVIZ, Adriana de; SANTANA, Graça (Orgs.). *Cadernos da pesca: informes de pesquisa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2004, p. 51-66.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Sobre os argonautas da Amazônia: o estado da arte dos conhecimentos sobre os pescadores: uma contribuição aos estudos da antropologia. In: Wilma Marques Leitão; Raymundo Heraldo Maués. (Org.). *Nortes antropológicos: trajetos, trajetórias*. 1ed. Belém: EDUFPA, 2008, p. 41-79.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GADELHA, Crismere. Viver em sítio na Ilha do Cardoso-SP. In: SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Viver em ilhas*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 21-44.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, p. 13-41.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Ed. Valer, 2007.

GONÇALVES, Arleth de Jesus Fiel. *Vila Braba: território e parentesco em uma sociedade camponesa no Baixo Tocantins (PA)*. 133 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará: Belém, 2018.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

HOLANDA, Bianca da Silva *et al.* Conflitos socioambientais na pesca do mapará (*Hypophthalmus marginatus*): efeitos da barragem de Tucuruí. *Revista de estudios brasileiros*, volumen 7, número 15, 2020, pp. 179-193.

HOLANDA, Bianca da Silva. “A água ficou presa lá” – transformações socioambientais a jusante da barragem de Tucuruí. 123 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará: Belém, 2019.

HOLANDA, Bianca da Silva; SIMÕES, Aquiles Vasconcelos. *Estudo do Acordo de Pesca da ilha Saracá/Limoeiro do Ajuru*. 23f. Monografia. Especialização em

Extensão Rural, Sistemas Agroalimentares e Ações de Desenvolvimento – Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

IBGE. *Cidades e Estados*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/limoeiro-do-ajuru.html>>. Acesso em 06/09/2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARÊDO, Salomão. *Terra dos Romualdos - País dos Maparás*. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2013.

_____. *Chapéu Virado: a lenda do boto*. Belém: Salomão Larêdo Editora, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIMA, Tânia Stolze. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, 2(2): 21-47, 1996.

LOPES, João Luiz da Silva. *No verão, açai; no inverno, camarão: tempo e práticas econômicas na Ilha de Paquetá (Belém-PA)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

LOUREIRO, Violeta R. *História da Amazônia – da borracha aos dias atuais*. Belém: Cultural Brasil, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cultural Brasil, 2015.

MADEIRA, CARLA. *Tudo é rio*. Record: São Paulo, 2021.

MAGALHÃES, Sônia Barbosa. Introdução. In: MAGALHÃES, Sônia Barbosa Magalhães e CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Orgs.). *A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte: relatório da SBPC*. São Paulo: SBPC, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATINTA. Direção de Fernando Segtowitz. Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=etyy0dx95Zk>. Acesso em: 08/01/2024.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia. *Mediações*, Londrina, v. 17 n.1, p. 33-61, Jan./Jun. 2012.

_____. O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 11-28, 2008.

_____. O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. *História Oral*, v. 9, n. 1, p. 11-28, jan.-jun. 2006.

_____. *A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: UFPA, 1990.

MEGA, Oestes Jayme. Paisagens sagradas: conflitos em torno de territórios sagrados ameríndios. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente*. Humaitá, Ano 11, Vol XXI, Número 2, Jul-Dez, 2018, Pág.12-25.

MORAES, Sérgio Cardoso de. *Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste*. Belém: EDUFPA, 2007.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Entre a harmonia e a tensão: as relações entre Antropologia e imagem. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 13, vol. 20(1+2): 9-26 (2009)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. UNESP; Paralelo 15. Brasília; São Paulo, 1998, p. 17-35.

OLIVEIRA, Maria de Fátima e SILVA, Leicy Francisca da. Condições socio sanitárias nas margens do Rio Tocantins: contrapondo olhares. *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura*, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

O AREAL, o filme. Dirigido por Sebastián Sepúlveda. Brasil / Chile / Espanha, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OveDxD4Ruk0> . Acesso em: 08/01/2024.

PAES, Genisson. *Dois Urubus*. Belém: Editora Folheando, 2023.

_____. *Jambo Rosa*. Belém: Editora Folheando, 2022.

PATERNOSTRO, Julio. *Viagem ao Tocantins*. São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1945.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Maria das Graças da Silva. *PIRÍ: Um estudo sobre povos tradicionais, ambiente e práticas políticas. Ilhas de Abaetetuba, Amazônia Oriental*. Tese (Doutorado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimentos Sustentável). Universidade Federal do Pará. Belém, 2024.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RODRIGUES, Carmem Lúcia. Entre o canal de Ararapira e as águas do mar aberto: representações sociais da territorialidade caiçara na Ilha do Cardoso. In: SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Viver em ilhas*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 45-63.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, p. 214-241.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SANTOS, Gilton Mendes dos; SANTOS, Geraldo Mendes dos. Homens, peixes e espíritos: a pesca ritual dos Enawene-Nawe. *Tellus*, ano 8, n. 14. Campo Grande, 2008, p. 39-59.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENA, Cristovam. Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia. *Cadernos de história da ciência*, v.4, n.2. São Paulo, 2008, p. 89-108.

SENA, Antonio Ferreira de. *Limoeiro do Ajuru: história e geografia*. Um estudo sobre o município de Limoeiro do Ajuru, estado do Pará. De povoado à vila; de vila à município. Cametá: Gráfica e editora prelazia, 2007.

SILVA, Antonio Luiz da. O método etnográfico: uma reflexão a partir de Catingueira – PB. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá*, v. 11, n. 2, p. 191-209, jul./dez. 2018

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. Bragança, Pará.grafo, 2023.

TAVARES, José Alaerce. *A cobra grande do rio Cupijó: uma lenda contida do imaginário dos moradores do município de Limoeiro do Ajuru – Amazônia Paraense*, 2008.

TOLEDO, Victor M. *Povos/comunidades tradicionais e a biodiversidade*. Instituto de Ecologia, UNAM, México, 2021. Tradução: Prof. Antonio Diegues. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/VITOR%20TOLEDO%20povos%20e%20comuniades%20PRONTO%20%281%29.pdf>>. Acesso em 25/11/2024.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Isso tudo é encantado: histórias, memórias e conhecimentos dos povos amazônicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFPOPA, 2013.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Introdução. In: VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. *Isso tudo é encantado*. Santarém: UFPOPA, 2013, 11-41.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: *Individualismo e cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987, p. 121-132.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo, Todavia, 2019.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

WITKOSKI, A. C. *Terras, florestas e águas de trabalho*: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.

Apêndices

Apêndice 01: A Pata do Igarapé

Agora essa pata [pequeno igarapé localizado no rio Igarapé Grande, ao lado da igreja de Santa Maria] aí era visajenta, que a pata, de noite ela saía embora... branca, disque, só no tempo do luar... la embora pra boca do rio, de noite, quando era de dia, quando já vinha pra aquele [amanhecer], ela voltava e sumia disque aí [dentro do igarapé]. Foi por isso que botavam igarapé da pata, que vai pra passar pro Nilson, pra casa da Deusinha. [ela] aparecia na forma de pata... [Por que ela aparecia na forma de pata] Eu não sei, uma alma paresque, eu sei lá... Eles diziam que era uma alma de algum, da dona desse negócio [sepultura] que tinha, agora isso [a sepultura] já foi pra água. Era alto lá. [Era a alma dessa mulher?] Paresque... Caiu pra água, a terra quebrou, ela foi embora... [A pata aparecia] pra quem enxergava, o José Paes, o Nhuca, Milico, ainda antes deu ter aquele, com ele, com o Milico. Ela, a velha Joana contava que viam essa pata, sai daí... la pra boca e vortava antes de amanhecer o dia. [O pessoa mexia com ela?] Não. [Ela mexia com alguém?] Também não... Paresque era [a alma da mulher enterrada,] como era pra ter essa sepultura lá? Alta, era igual, tu batia, era um cimento. [A senhora chegou a tocar?] ÊÊÊ... igual uma sepultura, assim, que levanta do chão, alto, mais alto do que a terra... [Eu batia] com o terçado... nós vinha do mato até amolar o terçado eu amolei muitas vez lá... Era cimento... Os antigos que muraram lá, os primeiros, depus que esse homem morreu, levantaram daí, foram embora. [Essa mulher era] mulher dele [do comerciante], que dizem... ou alguma das empregada, com sa se num é, se num matavam, num morriam, enterravam lá, num sei... [Ficava] na beira, bem num lado da árvore de sucena, aquelas sucena que dá aquelas flor cheirosa, branca... Quando ele terminou, foi-se embora, num deixou ninguém, ele vendeu tudo... [Ele chegou a morrer aqui?] Não. Essa ponta eles venderam para um homem na cidade, a viúva que vendeu... Lilí Alho, o marido dela que era Manuel Alho. Esse que já cumpro do dono do supermercado, eu digo, num sei. E depois fui, fui, ela vendeu pro velho Juquinha [irmão de minha avó] essas pontas, são quatro pontas. Esta ponta, essa que é do Humpheres [filho], uma lá mais pra dentro e uma lá na Policena, pedacinho, pedacinho, que eram do mermo dono. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada em janeiro de 2021)

Apêndice 02: A defunta

Ele [o seu Nhuca] foi passar a festa do Pilar [na vila de Curuçambaba, no município de Cametá. Ele] era novo ainda. Aí, muita gente tinha no barracão... Ele estava lá no barracão, disque, conheceu uma fulana de tal... E aí disque ele namorou ela, que quando foi de madrugada, assim, ela disse “eu já vou!”. Ela disse “vumbora lá pra casa dela” e aí ele foi. Ela foi junto com ele, era uma pessoa mesmo... Aí que quando ele chegou do meio de lá da estrada, que cambava pro lado, um estradão direto pro cemitério, que cambava pra esse outro lado... ela cambou direto pro cemitério... Porre que ele já estava, né? Quando ele reparou mermo ele estava na porta, já quase do cemitério, com ela. E ela disse “ê, entra”, ele disse “não, eu num vu entrar”... Ele reconheceu que estava na porta do cemitério e ela disse: “é o que te vá”, porque senão já era o teu dia que ia embora com ela, a casa dela é pra cá”. E o Nucha olha de lá... Ele contava pra gente, pra tudo ele contava, disque aconteceu, aconteceu isso, não sei se

era breu [mentira] dele. [Essa mulher] era uma defunta, já tinha morrido... Disque eles sai de noite quando há festa.... Eu acho assim, quando nós era, assim, depus de eu já está com o Milico mermo, ali [no arraial, nas festas do interior], se juntava, a modo, gente, gente, né, com sabe se num era metade de gente que sai de lá do cemitério... O cemitério fica quase dentro do arraial. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 03: As mizuras do furo

Aí [na beira do rio] tinha um negócio alto, era igual uma sepultura... a terra, tu olhava era igual um quadrado duma sepultura, grande alto.... disque era uma sepultura... num sei, de muitos anos... Disque aí onde o Nilson, aquele que nós moremo lá, tinha uma casa dum senhor que tinha um comércio muito grande... Ele tinha muitos trabalhador, muitas mulher que trabalhavam e homem... Disque elas pariam filho... dos trabalhador cum elas e elas com o trabalhador... Disque morria essas criança e eles enterravam lá... Eu vi, umas quanta vez choro de criança... Olhava, olhava, mas não enxergava nada. Eles contavam isso. A velha Joana Paes que contava, a Carlota... [O que era?] Num sei, disque era criança que era enterrado lá... Disque é por isso, elas pariam, morria, enterravam e não batizavam nem nada, disque vinha, eles que falava, não sei... Vinha por causa do batismo, porque não era batizado... [As pessoas chegavam a ver?] Não, ouviam, o choro ouviam, agora ver, não. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 04: O empréstimo do remo

Era aqui essa visagem, que ela, no dia do finado, mas num era eu, era ali onde o Nilson [filho], a Deusinha mora. Teve o acendimento das velas, naquele tempo num tinha motor pra viajarem, era só remando... Foram acender as velas e a velha Carlota que murava aí onde o Nilson murava, ela murava com os filhos e o marido dela... Eles furam acender velas pro Joana Coeli [vila local], o marido dela. E ela ficou com as crianças, num tinha, eles num usavam naquele tempo luz, num tinha essa aquele, senão lamparina e poronga que chamavam, né... Botava dentro no negócio assim, puxava um bico pra cá e botava azeite dentro... Era tipo uma lamparina de barro... E ficava aquilo lá até... Quando já pra apagar, vinha e suspendia aquele pavio mais pra cima e tornava. E aí disque nessa aquele que lá estavam, ela viu, depus deles saírem, ir embora umas nove, oito horas, ela viu uma conversa que veio do centro, vinham conversando, conversando, passu rente a casa, ela disse “ê dona, me empreste”, uma voz, “me empreste um casco e um remo”. E ela, olha, ficou calada, que aqui era sutorio, não existia quase ninguém. Ela não disse nem sim, nem não... Foi embora. Ela ficou com meio medo, rezou, ficou.... Depois, quando foi já pra banda que já estava, o galo cantando mermo, assim, quando ela deu, barulho no porto. Aí ela fui, ficou escutando, depois veio, passou a dita conversa pro centro, pra dentro do mato, assim. E aí ela tornou, veio e disse “ei dona, tá aí o seu casco, o seu remo, obrigado...”. E a velha ficou cum medo, né, mas como já estava pra clarear o dia, ela pegou e acordou um dos filhos maiores... foram lá, chegou lá, na frente da casa, o remo estava molhado... Eles atravessaram pro Joana Coeli, foram acender... Mas olha, ela contava aquilo. Quando foi pra nós fazer casa aí, ela fui contra, essa velha Carlota era irmã da velha Joana Paes. Ela num queria, num queria, ela pediu pra nós... Era avó do Milico [marido de

minha avó], ela que criou ele. E aí ela num queria que nós fizesse casa lá: “Procure outro aquele, a Joana tem terreno”... Que a velha Joana nos deu, aí onde o Arraia mora. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 05: A visagem do igarapé

Mas isso [a visagem] é intermediado pelo diabo. Até anteontem, esse marido da Renata, eu falo que é marido porque eles são casado, esse Matheus, ele tá até aqui pelo mato... Tapou o igarapé que faz divisa com a Renata ali e deste lado daqui, daquele filho do Germano, aquele que desapareceu, num acharam esse rapaz. Ele fui tapar o igarapé de tarde, tapou uma baixa aqui, pegou uma caratinga, aí deixou uma malhadeira ali e fui já de noite, pra revistar... Tinha paresque duas arraiais lá no igarapé dele, que quando ele viu, diz ele: “enrolaram no meu gogó”. Ele disse “Oh diacho!”. Eu disse o que te falaram?... Gente parece que num sabe oração... A arraia estava pra li, num mexeu com ele, [foi alguma coisa que encontrou] com ele por aqui. [Eu perguntei] o que te falaram? [Ele disse] “nada”. Eu disse: olha, tu podias dizer quem tu és em nome de Jesus? Se tu é de Deus fica comigo, agora se tu num é de Deus, cai por terra e Jesus Cristo te joga pro inferno! Vê se vão te mexer!. Soltou ele. É coisa de assombro, rapaz, tem coisa que num presta neste mundo. Aquele que num tiver sua oração forte, leva breca. (Dona Eunice. Entrevista realizada no dia 25/07/2021)

Apêndice 06: O homem negro

Mas aí, todo mundo conta, essa Joaninha que é irmã do papai. Naquele tempo, rapaz, era tempo desgraçado pra gente viver. Nós cortávamos miriti o dia inteiro, dois, três dias pra fazer tupé pra vender, pra gente comprar esta abençoada farinha e o que a gente precisasse. Eu com a minha irmã nós tecia de noite. Que quando foi essa Joaninha, com a tia Santa, eles vinham cortando miriti nesse dito igarapé que agarraram o ombro [do Matheus], de noite já. Também por isso tem o dia pra gente trabalhar, chega noite, tome seu banho, troque sua rupa, seja até um gole de mingau pegue e vombora... Pois sim, elas vieram cortando miriti. Aquele tempo era desgraçado pra gente criar filho, a gente vivia trabalhando muito. A Ana deve saber contar. E aí elas vieram cortando miriti pra fazer esse tupé pra vender, pra comprar esta abençoada farinha. Assim, mais de meio dia, disque a Joaninha olhou assim, ela estava cortando, estava com um feixe de miriti, enfiando uma tala, deixar escorrer aquela resina pra vim buscar mais tarde. [Ela] viu aquele grande preto. Ela só olhou. Ela disse: “Santa, vumbora”. Ela [a irmã] disse não, ainda nem fechei meu miriti. “Vumbora”. Aí disque aquele morenã enorme, disque ele só dobrava o besso pro lado, pra tia Joca. A tia Joca só olhou, botou o miriti no ombro, só pra ela num vim mais. Na casa que ela fui contou. Ela disse assim pra mãe dela, a minha avó ainda era viva: “Me deem uma xícara de café que vai me dá um tesgo de medo que ela está”. Ele só ficou olhando e num mexeu. Mas eu, graças a Deus, já andei muitas vezes fora de hora pelo mato e nunca vi nada e nem vejo. (Dona Eunice, 85 anos. Entrevista realizada em julho de 2021)

Apêndice 07: O homem que passou de casco

Num dia desses esse Zé, marido da Maiumi... Num igarapé desses é muito cuidado, das nove pra dez hora, mas num tem ninguém. Tem um doido disque que passa certa hora da noite, mas eu ainda não vi. Uma vez, esse Junior, esse

meu neto e cria, ele se meteu pra bola, pra casa do Afonso e chegou já tarde. Eu disse: “O que tu estava fazendo agora praí?” Ele disse: “Cala a boca”. [Eu perguntei] “Porque tu me manda calar a boca?” [Ele] “Vai o velho Boca passando aqui, velho Boca pai do Afonso”. O casco era do velho Boca, o isopor era dele. Ele disse é igual o velho Boca, vovó, mas num é... Costa dele, uma camisa branca, já tesava escuro, ia dá oito hora quando o casco dele andava, um casco curtinho. Eu disse “hoje eu vou pegar este homem, vou sim!” Ele [o velho Boca ainda estava vivo] (...) já me contaram que tem esse vulto que passa pra cá, se incorpora de muita gente, como o velho Boca, num sei o quê... Eu acreditava que fosse o velho Boca. Rapaz... Por aqui num veio. Destranquei lá atrás e me pus lá. Até quando o dia clareou ele não voltou. Nessa mesma noite o Bino fui pra cidade e esse Babi... As três ainda eram solteira, a Reca, com a Lindalva e a Rosa... “Vai ficar por tua conta aqui... Passu dois aqui pra dentro. Eu tenho que ir nesta viagem, num posso perder”. Mas ele, o Babi alevantou da rede dele, se pus a noite toda, onde tinha um com o cabelo comprido que batia aqui nas cadeiras dele, todo vestido, um de branco, o outro assim escuro. Aí disque ele levou a noite toda na porta, não voltou. Disque aqui tem, tudo esse pessoal já viram, eu já vi essa vez que eu dizia que era o velho Boca. (Dona Eunice, 85 anos. Entrevista realizada em julho de 2021)

Apêndice 08: O filho que veio dizer adeus

Meu filho morreu com 30 anos, eu num me esqueci desse pequeno, nu me esquecia mesmo. Acabou que a minha irmã Irosa mandou buscar os evangélico de Cametá, ela veio me busca aqui. E aí, me pediram pra mim que... Isso acontece, ele morreu num bom tempo, foi acompanhado por Deus. Morreu na noite de São Pedro, começaram a me contar. Eu disse é. E se conforme. Mas sem mentira nenhuma, quando chegou a noite ele veio, meu filho veio, ele ficou olhando em cima de mim com a mesma vestimenta dele. Ele disse: “Mãe, não chore, olhe como eu estou, eu ainda não me salvei, eu queria me salvar, eu quero me salvar, mas eu num posso, o igarapé que eu vou atravessar está cheio de água das suas lágrimas. Então a senhora, pare com o seu choro”... E aí de manhã fizeram a oração, me pediam tudo o mais, mas eu não me esqueço. Eu tenho foto dele, está apagada, ele era igual esse Messias [filho da Renata, neta de criação], assim, doente... [A senhora parou de chorar?] Ainda custou, tinha noite que eu pulava n'água pra atravessar, pra ir embora pra lá, pra onde ele estava... Meu Deus, não. Eu dizia que morre pai, morre mãe, morre irmão, mas como um filho, não! [Ele apareceu só dessa vez] Porque ele me pediu pra mim não chorar mais, ele ainda não estava salvo, da não tinha se salvado pelo motivo do igarapé que estava cheio de água. [Eu] estava deitada [na rede] na casa da minha irmã, ela me deu um quarto separado e eu passei um soninho porque eu não dormia. Durante quatro mês que eu não dormia, não comia, não bebia. Aí eu fui decaindo, decaindo... [Ele apareceu] todo molhado, cabeça, calça, a mesma roupa. Ele estava vestido de azul, a camisa era branca com umas bolinhas assim, azul também. (Dona Eunice, 85 anos. Entrevista realizada no dia 25/07/2021)

Apêndice 09: Um encontro com o boto

Como de costume, ia pra casa da vovó nas férias escolares, lá no interior. Aí uma certa noite eu saí pra mijar, aí eu saí lá pra frente, pra ponte, fiz o que tinha

que fazer e fiquei olhando lá, estava uma noite muito bonita, luar, a água tava meio grande, assim. Aí quando eu olho pro lado da casa onde tinha uns pés de crótons me deparo com aquele homem alto, magro, assim, todo trajado de branco. Aí eu vi que ele estava olhando na minha direção, né? Eu fiquei olhando pra ele assim, fiquei paralisado. Aí eu fiquei uns três segundos lá e veio à minha cabeça essa coisa do boto que eles contam lá no interior, né. Aí nessa que eu me lembrei disso eu entrei, fui pra dentro da casa. Aí meu tio perguntou: “- O que foi meu filho?”. Eu falei nada. Aí quando foi de manhã eu contei pra ele, disse o que aconteceu. Aí [ele disse] “então foi por isso que tu bateu a porta com tanta força”. Eu não me lembro. O tio disse que lá dá muito boto mesmo, que o vovô corria atrás de boto que às vezes ficavam na cabeça da ponte fazendo barulho lá, corria de terçado atrás dele lá. E foi verdade, eu estou bem lúcido, eu sei do que eu vi. Faz bastante tempo, mas foi assim. (Geovane Paes. Estudante. Entrevista realizada no dia 11/09/2021)

Apêndice 10: O namoro com o boto

A avó da mulher do Norato, das Min, velha Arzira, ela era parteira... Quando me deu dor, da primeira vez, pra mim ter a Eliana, fui ela que veio aqui, mas num fui pra frente e a dor e eu num teve... A mamãe estava pra Belém, quando ela chegou, aquele ela, mas sim... Ela tinha um marido, o velho Rosa murava lá no Paxiba, uma casa grande eles tinham e ela era parteira, ela andava por toda parte: Araraim, Saracá, parteira e... quando o velho dela num estava, o velho Rosa, o boto vinha deixar cambada de peixe escolhido pra ela. Disque ela namorava o boto e o boto ela. Isso ela contou várias vezes e quando ela ia, que ela atravessava... Ela atravessava daí da boca do Paxiba pra ir pra fora, pra pegar aquela terra dali do Joana Coeli, praí que era parentada dela... Quando o vento num estava muito forte que ela ia só, disque o boto ia acompanhando ela... Ela remando ou então com a vela em cima, assim, nesses cascos, cascos de vela ou então, disque ele ia acompanhando ela, na água... Ela contava isso, jurava que acontecia isso com ela... (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 11: A amizade com o boto

Eu era criança, aí a gente conhecia essa mulher, o nome dela era Alzira, aí ela alimentava o boto, aí ela falava que era parceiro dela, que era amante dela o boto, que era macho dela, que falavam, né? Aí só que não era, ela alimentava o boto e aí quando ela colocava a rede pra pegar o peixe ou fazia qualquer tapagem na beirada, o boto tocava o peixe, os melhores peixes pra rampa, pra rede dela. Aí era assim que acontecia e ela vinha com aquelas cambadas grandona, só do peixe lindo. Aí o pessoal falava lá que ela era fêmea do boto. Porque o boto é assim, a pessoa faz uma camboa, no sítio que é tipo uma tapagem, aí o boto tá lá perto. Aí tu pegas o peixe, o melhor peixe que dá na camboa, tem que dá logo pro boto, se der dois, três grandão dá logo pra ele comer. Aí quando ele come, ele fica satisfeito, ele toca de fora pra beira o peixe. Aí o peixe vem embora até entrar na camboa. Aí pronto, todo dia. Agora se tu num der pra ele, ele vai e quebra tudinho o cacurí, num pega nada. E isso é verdade. Porque até agora existe isso. Aí o boto traz. Também lá num entra... Quando um boto é amigo da pessoa lá num entra outros botos, assim, pra fazer maldade, num entra outras coisas. É ele que é o chefe lá. Aí o pessoal

falam: uma amizade com o boto... Eu era bem pequena, não lembro muito, muito que eu era muito criança mesmo, [mas eu] cheguei a ver ela com o boto mesmo. [Ela] tocava [nele] na beirada, na beira da escada, no miritizeiro do porto da casa dela. Eu lembro bem como era o miritizeiro, eu me lembro dela tudinho... [Era uma senhora] benzedeira, puxava, benzia criança... (Eliana Paes. Técnica em enfermagem. Entrevista realizada no dia 22/01/2021)

Apêndice 12: A menina que chamava palavrão

Ela chamava muito nome [palavrão], a Leiliana [filha] e eu tinha um quarto maior do que este. Toda criança, só quem num dormia no quarto era o Milico, ele nunca gostou de quarto... Do canto do quarto vinha os maió e pra cá pra frente menor, junto comigo, ficava aí... E ela chamava muito nome, mas ela já estava meio grande... Já estava com uns sete ou oito, menos até, uns cinco ano por aí. Mas ela sempre foi desse jeito, meio coisa, tudo mexiriqueirazinha, eu levantava, ela levantava atrás. Ela chamava, mas ela cantava o nome, eu bati na boca, batia, batia, nada, botava sangue, que nada, ela dizia “num doeu”. Quando foi e eu dizia olha Leiliana, deixa disso, de chamar tanto nome, o bicho leva a gente, ele se apodera da gente, mas nada, ela... Quando fui uma noite, eu saí, fui fazer o café pro Milico que tinha que ir pra camboa [armadilha de pesca], eles tinham camboa pra fora... que fazia de pari na beira. Naquele tempo não tinha malhadeira e nem matapi, era só pari, fino e grosso. O fino era pra pegar camarão e o malhudo era pra pegar o peixe... E aí, ele fui-se embora, né e eu fui e fechei a porta... Era enfiado miriti que era a porta, encostei a porta e vimembora pra cá, deitei, quando eu vi, aquele grito... “Mamãe, mãe...”, já na porta do quarto, assim... Eu reparei, aquele, era ela, estava na porta do quarto, ela disse que um bicho arrastou ela, ela saiu pra mijar e esse bicho passu aquele nela e puxou... disque ia levar ela... [Quando eu olhei ela estava] meio deitada, amodo que iam arrastando mermo ela. [A senhora viu?] Nada e nem quero ver! Fui sim e aí ela gritou, gritou, eu peguei e comecei a desconjurar, agora que eu num tenho, eu tinha uma garrafa com álcool, com vinagre, com água benta e joguei, joguei e aquilo, diz ela que largou dela, aquilo.... Eu disse: - Isso tanto tu chamar nome, eu te falo, é o bicho que veio te buscar. Olha, fui remédio da Leiliana. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 13: A criança e o ser maligno

Olha, aconteceu isso aqui [o caso envolvendo minha tia Leiliana] e aonde, pra lá de onde o Ernesto mora, que é do Humpheres. Ele casou com a Julinha, eles muraram praí. Ele teve a pequena, a Julinha deixava a pequena dormindo, fazia dormir e ía... no tempo de farta de açaí, se jugava desse matão aí procurando açaí e deixava a pequena trancada com aquele [casa] de miriti... Depus, já estava meio madurinha, num andava ainda. Ela, quando a Julinha dava, ela já estava debaixo da rede, já quase na porta do quarto... parece que estava dormindo... Aí fui, fui, depus a Julinha começou a andar com ela, com os curadores, aquele, por aí, benzedor, disseram que era um espírito que queria levar ela, mal. Era criança, num chamava nome, só que ela num era batizada... Um curador, um benzedor, num sei mais, benzeu e disse que era isso. Porque ela deixava a pequena só, na casa, no quarto e ia pro mato. E lá, aí nessa ponta tinha essa visão. O Humpheres gastou foi muito dinheiro, que ele fez promessa, o Humpheres, ele fez uma promessa com as almas, paresque... que tudo que

morresse, aqui na ilha, né, ele ia no enterro pra cavar, porque naquele tempo tinha que cavar aquele coisa embaixo, vala grande pra jogar lá, abaixar a caixa lá, durante ele fosse vivo e ter saúde pra fazer esse serviço, porque era brabo, né, era por equipe, três, quatro pra cavar, cansava aquele um, subia, vinha, já descia outro. Ele tinha isso, faz tempo ele já num aquele mais. Então, foi que o bicho num levou mais ela, ele queria levar ela viva, zinha... Meus filhos num dormiam, eu num deixava dormindo fora, lá pra frente da casa só, mas quando eles eram jito. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 14: Dona Emília e seus Caboclos

Moça velha lá no Saracá, aí ela se pintava tudinho, usava muito batom, tomava banho, se vestia, ela ia pro mato apanhar açaí. aí ela ia apanhar açaí e falava que ela tinha... ficava o dia inteiro no mato, quando ela vinha de lá ela vinha muito cheia de açaí, cacau, trazia muitas coisas. Ela falava que não apanhava nenhum cacho, contava pro pessoal e o pessoal perguntavam pra ela quem apanhou então. Ela falava “meus caboclos” ou então o boto. E um boto acompanhava ela no casco, no rio, até ela ir embora pras cabeceiras, isso eu lembro mesmo, já estava até grande. Vocês ainda lembram ainda. Ela pintava as unhas bem vermelhona, os lábios bem vermelhos, aí ela dizia que os caboclos dela gostavam dela cheirosa, dela bem bonita no mato. Aí o pessoal falava: “Essa uma vai apanhar açaí, vai tudo pintada no mato”. Só ela ia pro mato e apanhava muito açaí, trazia quantidade mesmo. (Eliana Paes. Técnica em enfermagem. Entrevista realizada em janeiro de 2021)

Apêndice 15: Um encontro inesperado

Izilhas. É praí, pra cá, pra essa banda do Marajó... Quando ele casou... num tinha o que ele trabalhar, ele foi trabalhar pra lá, cum a mulher dele, cortando seringá, que era pra tirar essa dita borracha defumada, sabe... no primeiro ano, no segundo ele fui cortar, assim eles contava, né.... Quando foi no segundo ano, era deserto aquele lá, num tinha quase murador, aí um dos morador dizia pra ele: Vulcão, você trabalha aqui, ele alugava essas estrada de borracha... Cê mora aqui, cê num sabe, aqui tem uma visagem muito grande, muito grande, num tem quem enfrente ela. E é aí na passagem sua, nessa estrada que sai pro centro, um dos grandes de corte de seringá. Naquele tempo era demais... a seringá era de arto valor... E aí ele falou “Ah, já me disseram, umas quantas gente já que falaram, eu num vou correr de medo sem saber de quê”.... Ele foi, com a mulher, cortar seringá, de manhã, eles tinham pra beira, mais pra beira, eles tinham essa casa de palha, que era onde eles dormiam, se hospedavam durante tarem cortando seringá... mas tinha dono, sabe. Esse dono fazia isso e alugava pra eles o seringal e a casinha, tudinho. E num desses dias, eles furam, de manhã cortar, cedo, eles iam cortar seringá. Aí ele cortou, quando ele ficou pra, que era dia de escorrer, colher esse leite, ele disse pra ela “Vai Maricota”, era Maricota o apelido da mulher dele. “Maricota vai na frente, vai preparar a comida e eu vou ficar, vou colher o óleo, o leite, que eu dé conta eu colho, senão, se ficar, fica”. E assim eles fizeram, ela veio embora, fazer o almoço, era tarde, já muito tarde do dia... Ceté que ele... quando ele coisa, dela ele escorreu tudo essa aquele, botava lá nos bardes, colocava esse leite, de lá tinha uma composição que ele botava, mexia tudo, né? Depois dele fazer tudo aqueles processo, ficou descansando um pouco, assim, ele ia embora, tinha muita fruta

no centro, comiam inajá, tucumã, essas coisa, matava a fome... Quando ele vem, ele vem lá, umas quatro horas, mais ou menos, ele veio no estradão, despreocupado, o material no ombro... cansado, né... Então, na beira dessa estrada grande, tinha um angelinzeiro, muito grande. E era onde era a visagem. Ele veio, veio, que quando ele confrontou, lá, meio perto do angelinzeiro, ele viu um homem grande, encostado no pau. E disque ele falou com ele “é hoje”. E vai, faz de conta que ele nada tinha visto, passando direto aí... quando ele já ia passando mesmo, o homem disse “ei, caboclo, pare aí, fale com ele, aqui!”. Aí ele parou. Ele disse “Cê chegue mais pra cá”. E o papai disque veio, mais um pouco, assim. Ele disse “o senhor é o primeiro homem que teve coragem de me enfrentar ele. E aqui num é nem um, nem dois, nem três, seringueiro que cultivam pra cá, mas nunca tiveram coragem de me enfrentar, de conversar com ele”. Aí ele contou pra ele, que no toco desse angelinzeiro tinha um... cheiro de ouro, só ouro, num tinha nada de prata, nem nada de outras coisas, era só ouro. E como ele teve coragem de falar com ele, ele estava dando pra ele tudinho, mas numa seguinte forma: “Cê tirar agora”. E o papai pegou e falou: “Eu tiro agora mermo”. Ele tinha o terçado, tinha o machado, né, essas coisas. Desde quando o papai começou a cavar, tinha que cavar pra banda daonde o sol sentava, o homem sumiu. Deu tudo como era, como num era e disse pra ele: “Vá e seja feliz”. Ele sumiu. E ele, o papai cavou, cavou até ele encontrou esse... Nós botava açúcar dentro, levava dez quilos de açúcar. Era redondo, de mármore, de tampa, tinha certo o fundo de três dedos... Era bonito, branco. E aqui em cima, aqui mais em cima, já pra pegar... era marrom. Eu me lembro bem. Disque o Didão tem. Pegou e foi embora pra casa de lá, de onde eles muravam. De lá, findou a cortação, ele arrumou os quase nada e olha.

Apêndice 16: O pacto com o diabo

Disque aí, lá, pra onde ele coisa, ele tinha... Ele era pobre, ele cortava essa seringa nas ilhas... Antes dele ir pra lá, pras ilhas que... com a pobreza que ele... Quando ele veio das ilhas, ele num mexeu com esse uru logo, disque. Logo ele num distrocou, besteira, sabe, aquele tempo, ouro... ele guardou e ficou. De lá, ele ficava com aquela vida [...] quando foi um dia, o Nelson Parijós fez um sortimento dum, numa loja forte pra ele trabalhar lá. Lá nesse Martelo, era o nome do lugar que ele murava... era Xingu paresque.... Mas o lugar que ele murava era Martelo, tinha uma casa meio grande. Aí, disque um dia veio um home, no dia do Berto do... Disque que sortam o bicho dia do 24 de agosto. Esse dia veio um homem, um freguês dele, veio comprar munição de espingarda, dessas coisas pra ir caçar pros centro... E ele fui buscar lá no depósito. Quando ele entrou no depósito, essa porta bateu e trancou. Disque lá.... Aquele, pulou um homem nele. Ele disse: “se tu quer ficar rico, faz um contrato com ele... que nada vai te faltar”. Dique o homem falou pra ele, aí ele fez o contrato disque. Aí os de fora, o Juquinha já existia, maior mais, criançada, os trabalhadores, a mulher dele... Disque viu o barulho pra dentro de lá, do depósito, igual quem tá brigando, sabe? Luta... Fui, fui, fui... Depois de muito tempo ele ficou, foi que ele conseguiu abrir a porta, disque cansado... igual quem tá lutando mermo, brigando... Aí ele foi vender o material e num quis mais nada, chamaram pra comer, ele disse que não, que ele tesava muito cansado, num falou nada, depus ele contou lá pra mulher, paresque dele, que o bicho tinha feito esse contrato com ele. Que dentro de, da idade tal dele, se ele morresse, dentro desse contrato... A alma dele, do papai, seria dele, do demônio. E se ele morresse

depus de findar o contrato, ele estava livre. E também, mulher pra ele nu ia faltar e nem dinheiro... Tudo que ele precisasse... Ele fechou, disque e era isso, ele tinha demais o dinheiro, tinha muita terra, num só aqui no Saracá, lá pra cima, tudinho... Tinha o grande comércio, ficou. Ele era brabo, disque aqui nessas aquele, o pessoal num facilitavam, disque ele aparecia disque no mato... Em forma do bicho... Num vi e nem quero ver, num enxergo mesmo mais, né? (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 17: As moedas que nunca acabavam

Que contavam, a mamãe, a namorada contava (...) o pessoal tudo... Disque ele tinha dinheiro, quantidade... Porque ele tinha esse seringal tudo, essa terra, ele alugava pra cortarem seringa, pra juntarem ucuuba, ele comprava as partes... Pagava a parte do trabalhador e ficava com a dele e comprava. E aí... Ele vinha, quando era no dia de sábado ele se preparava, tinha uma salgadeira, essas casa, como é aqui no Afonso [vizinho da casa da frente], a gente dava o nome daquele tempo de salgadeira, lá fora ficava aquela casinha... Lá ele ficava quando era o dia de receber a borracha, o que vinha, pra pesar, pra pagar a parte de... E ele trazia esses barde de cuia, ele serrava assim, num vinha por aqui, pela boca, ele serrava assim de cumprido, agora ele limpava bem aquela cuia, bem mesmo, agora ele botava no sol, secava bem... Que quando era no sábado ele tinha uma mala grande de... num [sei] nem como era aquela mala, toda atacada de ferro que vinha... Ele ia lá na mala e enchia essa cuia de dinheiro em moeda, tudo em moeda... Papel num tinha... Era no tempo do mil rés, de mil rés que veio pra cruzeiro, de cruzeiro que veio pra real.... Ele enchia, quando eles vinham, aquele, pagar... Metade dessas moeda... [...] quando era uma porção, ele trazia aquelas moeda grande, tempo do Império, uru, vinha lá, ele botava no fundo, se fosse coisa avortado, ele tirava de lá pra fazer pagamento, senão era essas daí... Quando batia o dedo dele na cuia, que vez batia o dedo dele na beira da cuia, virava assim, umas duas, três moeda... pro chupu, chupu, na água, ficava a casinha em cima d'água, ele agarrava a cuia e virava de boca pra baixo, ele dizia "leva diabo o resto"... Virava a cuia lá no canto... Quando era noutro sábado, já estava de novo com a cuia cheio do dinheiro de novo, de moeda.... Disque, eles contavam, até o Juquinha contavam (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 18: A briga com o diabo

Quando aconteceu, eu devia estar com uns nove ou dez anos. Esse dia ele tinha um barco grande que ele tinha, grandão mermo, que carregava boi, ia comprar boi no Marajó, o Juquinha ia comprou com a tripulação, pra lá. Quando chegava esse barco cheio de boi, nós ia embora, ele suspendia mamãe com todos nós, nós ia embora pra cidade, lá ele ia talhar esse boi... quando terminava, que acabava, nós voltávamos de novo pra cá... (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Quando num tinham viagem pra fazer, eles metiam lá no igarapé da Laura. Era um barco grandão mesmo. Agora, lá nesse igarapé da Laura que chamam, que ficava o barco, era um igarapé lá, era Laura o nome do igarapé. Agora a Mercês mora lá, filha da Bernarda. E aí, quando foi esse dia, ele lavou o barco, foi lavar bem, né e deixou aberto a boieira que chamam, num sei o que boieira... pra escorrer a água, sabe? Ficou, vinha dá essa água tarde já da noite, assim umas

nove ou dez hora assim... Que quando deu essa hora ele disse pra mamãe que fosse esperar ele lá na beira da ponte. Era grande, cumprida, a casa aqui em terra... que ele ia fechar a boeira do barco. E aí ele desceu e foi. E a mamãe veio e disse assim: “Ana, os pequenos já tão dormindo, deixa fechar o quarto”, tudo era na chave, na madeira mermo. “Fechar o quarto e tu vai me esperar, pra ti... esperar teu pai que fui fechar a boeira lá do barco. Aí eu fui com ela, fiquemos lá na ponte. Ele levou um farol grande que... um negócio grandão, num sei como é que dá... ele levou e deixou um pra ela, que de longe jugava aquilo parece um foco, né, grande... fiquemos lá. Num demorou tanto, tanto, paresque ele chegou lá disque aquilo pulou nele... dentro do barco já, que ele já vinha saindo do barco, que tinha fechado a boeira. E aí, pra ele, que parece, que tinha feito e ele nem ó... Que ele ia lutar com ele, se ele ganhasse, o papai era dele e se o papai ganhasse ele, o papai estava livre... do contrato. E aí eles lutaram, nós ouvia o barulho pra lá, barulho assim, parece igual quem tá brigando, uma coisa caia, aquele barulho... A mamãe disse: “Num sei o quê aconteceu, se o Vulcão caiu”, porque era de dois andares, “se ele caiu do primeiro andar pro porão... porque tá demais esse barulho, eu tu quase indo lá”. Depus ela ficou “não, nu vu”. Aí fui, fui, depois, muito, aquele, ele demorou um bom bocado... ele veio, o farol grande, veio, veio. Aí ele falou pra mamãe “Dina, vai buscar minha rupa lá e num me pergunte nadinha, mas nada mesmo. E vai deixar essa pequena pra lá”. E a mamãe levantou e “um bora, minha filha, deixa eu pegar a rupa do teu pai”. Ela fui, pegou e trouxe a rupa, deu pra ele, ele tomou esse banho. Mas disque tudo lamado, tudo assim, igual quem estava brigando mermo, né. E aí ele tornou repeti, mudou a roupa e falou: “Dina, num me pergunta nada, nada do que tu tá vendo, mas nada”. E fui, vieram, subiram... [Ele estava] muito cansado, sujo de lama. Aí vieram pra dentro da casa, eles tinham um quarto grande dele, na chave também... Aí ele fechou, entrou lá pro quarto, a mamãe disse pra ele, da não tinha jantado, ele jantava tarde. “Vulcão, tu quer” - ela chamava só de Vulcão pra ele- “Num quer jantar?”. Ele disse “não, num quero nada, nada”, “mas nem o café?”. Ele disse “também não”. E deitou. Ele levou oito dia acamado, na rede, lá ia tudo pra ele, a comida, água pra ele beber, água pra ele tomar banho, a comida ela levava lá, mas ele num saía. “Quando vim gente aí, diz que eu num estou”. A mamãe num deixou [a gente entrar], só ela. Mas eu sabia porque eu estava junto com ela, eu estava com aquela cisma, o que podia ser, né? Aí ficou, que quando fui oito dia, ele saiu, teve por lá, tomou café lá na mesa. E aí ele ficou e começou atender, vinha demais gente lá, né?

Depus, quando fui pra, que completou, que amanheceu os oito dia, fui que ele chamou a mamãe. Chamou a mamãe e disse: “Dina, tu tá lembrada daquele dia? Tá fazendo oito dia que eu fui fechar o boeiro do Costa Santa”, Costa Santa era o nome do barco. Mamãe disse “tô, tô lembrado”. E aí ele disse: “vu te contar uma coisa, mas num vai contar pras criançada, pra meter medo... Ele brigou com o demônio”. Aí que ele fui contar pra mamãe quando ele fez o contrato lá em cima, foi no dia que fechou o contrato. Ele disse “De hoje em diante, ele venceu, que quando ele jogou ele no chão”, ele disse, o papai disse “taí beleza, tá terminado, eu te venci”. E aí disque aquele homem, era um homem, bem moreno. E aí disque esse homem moreno disse: “Olha Vorcão, de hoje em diante tu vai só ficar com a tua vida e tuas terras, mas aquela facilidade de dinheiro que tu fazia graça, derramava dinheiro fora, tu num vai ter mais”. E num teve mermo, aquela raiva, aquela brabeza tudo, se o Juquinha tomou a mulher dele e ele num fez nada pro Juquinha, filho dele. [Ele já tinha quase setenta anos depois dessa

briga e passou quanto tempo pra morrer?] num custou muito ele morreu. Ele estava com uns sessenta e pouco pra passar pra setenta. [Ele] ainda penou muito, ele sofreu muito, muito com essa coisa que ele inchou, ele ficou inchado, depois ele disse pra mamãe que ficasse na casa com nós e cuidasse dele, de nós, que era o sentimento maior, que ele levava na vida dele, dele num ia acabar de criar os filhos dele. E também que ele num ia ficar com ela, com a mamãe, que ele ia viver com a Isabel Tavares, lá pro Paxiba. Mamãe disse “tá, rapaz”. A mamãe disse “eu tu nova”. “Pois é pode tu arrumar outro”. E aí, ela ficou, né, lá na casa e ele pegou, fui embora com a Isabel Tavares, daí esse inchaço pegou, pegou direito nele, levaram pra cidade, pra lá ele fui. E esse inchaço partia tudo ele. Ele num vestia roupa, era um camisão... Eu me lembro bem. Partia e saía, escorria aquela água. Aí, quando os médicos cuidaram dele, cuidaram, ele veio pro Capim com a Isabel Tavares, de lá eles tornaram a ir pra cidade, levar a consulta dele. Lá tinha um quarto grande que era dele, lá na cidade, na casa do velho Nelson Parijós. Ele já estava bem melhorado. Arranca essa escápula da parede, que ele estava na rede e ele veio de cheio no piso. Daí pronto, fui sangue, sangue, arreventou tudo. Aí ele pediu pro velho Nelson que mandasse deixar ele lá na casa dele, no Paxiba. Ele tinha uma lancha que o nome dela era... Saracaense era a grande... a Fifiti. A Saracaense era uma lancha muito grande dele e essa Fifiti deslizava em cima d'água, era menor. Aí pediram pra lá, o Olímpio [filho] pegou, fui buscar ele... (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada em janeiro de 2021)

Apêndice 19: O fim de um homem

[Ele morreu] lá em casa, onde a Bernarda [irmã de minha avó] mora, de lá, que ele era, depois que ele pegou esse reumatismo, diabetes, num sei o quê, ele ficou inchado, ele num usava calça, ele usava camisão... enorme, gritava dia e noite, ele gritava de dor, enorme de inchado. Mas isso, [eu] já estava bem entendida, porque quando ele morreu, eu já estava com onze anos. (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

[...] quando ele murava, o princípio da vida dele era lá pra cima, pra terra dele, da onde ele nasceu, o papai... Essa aqui era uma ilha, igual como é a lua, sabe? Vamos dizer, num tem morador, como é a Amorosa, num tem morador, é só a ilha grande... E, esse Saracá era assim, num tinha casa, na época, depois que se aquele, ele veio de lá, que foram se localizando pra cá, iam tirando esses lote por conta própria deles... e levava na cidade, dava divisário com tal, assim, assim, assim, tantas braças, tantos metros e lá o quê... fazia tipo a escritura... cartório, quem mandava era seu Nelson Parijós, seu Nelson Parijós fazia tudo que ele [o pai] queria... (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 20: A visão

Tá aparecendo uma visão lá no Gregório.... Disque vem, pega só as duas mulheres, duas velha dentro da casa, de noite, disque mete pá, pó, pei, pei na porta da casa e elas ficam com medo. Vieram chamar ele [um dos moradores da ilha] uma noite dessas... Chamar ele pra ir lá levar espingarda pensando que era ladrão, mas num era... estava o motor no porto, tudinho, num levam nada... Tão dizendo disque que é boto. Tão dizendo, não sei, esse negócio de boto, a modo que já tinha acabado, essa conversa fiada de botou... Disque tá feio. Ele [um dos

moradores da ilha] disse que essa noite tornaram vim bater lá... vão ver e num é ninguém... (Ana Maria. Aposentada. Entrevista realizada no dia 09/01/2021)

Apêndice 21: A mulher de cabelo amarrado e o tio morto.

“Já escutei várias histórias sobre as visagens, matintaperera, lobisomem, botos, visões de pessoas já falecidas e outras. Acredito, porém acredito que sejam espíritos mais que se transformam em seres e pessoas. [Certa vez] vi uma mulher de cabeça amarrada, andando no mato, também vi uma pessoa da família já falecida. Quando era criança, minha avó estava amassando açaí no alguidar de barro, era bem de tardinha, eu estava no lado dela e quando olhei pro mato vi uma mulher de cabeça amarrada, passando por trás da casa. Mais tarde perguntei pra minha avó quem era, ela disse é bem tua madrinha que passou por aí [risos]. Outra visagem que vi foi quando ia viajar pra cidade de Cametá, ao passar pelo furo, vi meu tio em pé na beira do rio. A noite estava bem clara pois era noite de luar. Esse meu tio já havia falecido a alguns meses. Os jovens de hoje não acreditam tanto quanto como os jovens de antigamente. Com o avanço da tecnologia eles dão mas importância para o mundo virtual. Sendo assim, não dão tanta importância para o meio em que vivem e com isso estão esquecendo as culturas e costumes de nossos antepassados” (Renata da Cruz. Servidora pública. Entrevista realizada no dia 08/11/2023).

Apêndice 22: A mulher e o pretão.

“[Já escutei o relato sobre] a mulher que emprestava o casco de noite nas casas pra passear, da matintaperera e do Pretão. Eu não acredito que existem, acredito que isso são coisas da imaginação. Nunca eu vi, já ouvi somente as histórias. No lugar onde moro, alguns jovens dizem que existem e que já presenciaram o fato, e acham que são almas penadas que vem em busca de algo. Alguns já viram e ouviram coisas parecidas e sentiram medo e arrepios. Dizem que essa mulher vinha quando todos já estavam deitados, descansando à noite, passava do lado da casa, batia e pedia pra não olhar [pra ela.] Ela emprestava o casco pra sair não se sabe pra onde e só voltava de madrugada, deixava o casco e ia embora no rumo à mata. Já o Pretão é uma alma que se aproveita do corpo de pessoas e que fala em tons diferente do que a pessoa costuma falar. [Ele] bebe muita água, desafia pra brigar e dá muito arrepios até mesmo para aqueles que não acreditam. Algumas famílias aqui no interior acreditam que existem porque já vivenciaram e falam que é muito assustador, pois amedronta qualquer pessoa que tem a coragem de vê.” (Alandra Paes, 23 anos. Estudante. Entrevista realizada no dia 25/10/2023).

Apêndice 23: Pau quebrando na mata

“Aquela noite a gente saiu com o Berca pra pegar tainha. Aí a gente chama a ponta da malhadeira de calão que a gente amarra a vara, cada ponta da malhadeira a gente amarra uma vara. Era um pescaria simples, a gente fincava a vara na beira, cercava a beira e cutucava pra cima, com a vara, fazer barulho pro peixe se espantar e malhar. Aí em uma dessas que ele afincou o calão da malhadeira, que empurrou pra fora o casco pra cercar a beira, esse calão soltou do nada, sendo que ele estava bem fincado. Aí ele simplesmente soltou. A gente puxou pra beira de novo, aí quando ele ia fincar de novo esse calão, começou a fazer um estraladeiro, tipo quando tá derrubando pau, quando tá caindo assim

que faz aquele barulho muito alto, de pau quebrando assim... Cara, a modo que vinha caindo na nossa direção, a gente empurrou [o casco] pra fora. A gente olhou, não tinha nada, nada, sendo que a essa hora que a gente empurrou ele falou que ele sentiu um vento, assim, no rumo da cabeça dele, assim, tipo quando erra um tapa. Ele me contou. Na mesma hora acabou a pescaria pra gente, a gente pegou, arrumou e foi embora. A gente olhou e não tinha nem um pau alto, nada, era só um aningá, um turiazinho, nada, nada, cara, hum, não sei o que foi aquilo” (Geovane Paes, 31 anos. Pedreiro. Entrevista realizada no dia 26/12/2023).

Apêndice 24: O cachorro branco

“Na praia que veio. Ele estava malhado na praia de noite. Aí ele viu o cachorro, apareceu na praia. Ele ficou assim olhando. Ele colocou a rede pra dentro do casco. Ele ia remando e o cachorro ia acompanhando na praia, até chegar aqui nesta boca do rio. Era um cachorro grande, grande, ferpudo [pelo avantajado, tufado]. Ele não mexeu com o Milico, nem o Milico com ele” (Ana Maria, 88 anos, aposentada).

Apêndice 25: O Pretinho

“Aí no Paozar [terreno relativamente próximo da casa de minha avó]. Ele veio da costa [e no caminho] escutou um barulho. Ele [subiu na terra e] viu um pretinho puxando um cipó. O pretinho deu com ele e se escondeu atrás do pau. Era um pretinho igual o Preguiça [morador da minha], mas era pequeno. Ele não mexeu com ele, nem o Milico com ele. Ele veio embora e ele ficou rodando o pau” (Ana Maria, 88 anos, aposentada Entrevista realizada no dia 03/01/2024).

Apêndice 26: A luz branca

“Aqui está aparecendo uma visão, uma luz que anda a casa inteira do Afonso. Aquela luz vai crescendo e diminui. Começa pequena e vai aumentando. Anda o que dá o barracão. Anda toda a ponte. O Jô com o Junior que viram. Não aparece senão a luz. Aquela luz vai andando, clareando” (Ana Maria, 88 anos, aposentada).